



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

TALITA VERIDIANA HACK POLL

**COMPORTAMENTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DE VERBOS DE MOVIMENTO
COM TRAJETÓRIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO – SUBCLASSE VERBAL COM
DIREÇÃO NÃO ESPECIFICADA**

**CHAPECÓ
2019**

TALITA VERIDIANA HACK POLL

**COMPORTAMENTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DE VERBOS DE MOVIMENTO
COM TRAJETÓRIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO – SUBCLASSE VERBAL COM
DIREÇÃO NÃO ESPECIFICADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos *Stricto Sensu*, da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, sob a orientação da Prof^a. Dra. Morgana Fabiola Cambrussi.

**CHAPECÓ
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Poll, Talita Veridiana Hack

Comportamento sintático-semântico de verbos de movimento com trajetória no português brasileiro: subclasse verbal com direção não especificada / Talita Veridiana Hack Poll. -- 2019.

163 f.

Orientadora: Doutora Morgana Fabiola Cambrussi.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos-PPGEL, Chapecó, SC , 2019.

1. Semântica Lexical. 2. Verbos de movimento com trajetória. 3. Classes verbais. 4. Lexicalização. I. Cambrussi, Morgana Fabiola, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

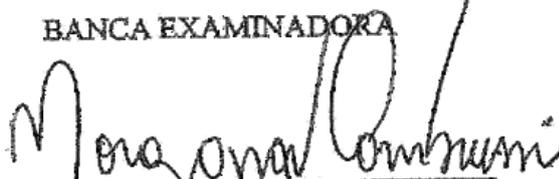
TALITA VERIDIANA HACK POLL

**COMPORTAMENTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DE VERBOS DE
MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO –
SUBCLASSE VERBAL COM DIREÇÃO NÃO ESPECIFICADA**

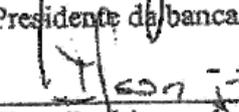
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos defendido em banca examinadora em 08/07/2019.

Aprovado em: 8 / 7 / 2019

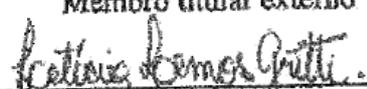
BANCA EXAMINADORA



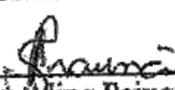
Profa. Dra. Morgana Fabiola Cambrussi – UFFS
Presidente da banca/orientadora



Prof. Dr. Ilson Rodrigues da Silva Júnior – UFSC
Membro titular externo



Profa. Dra. Leticia Lemos Gritti - UTFPR
Membro titular externo



Profa. Dra. Aline Peixoto Gravina – UFFS
Membro titular interno

Chapecó/SC, julho de 2019

Para Diego, com todo meu amor. Dedico.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora Morgana, por acreditar em mim e no meu trabalho ao longo de todos esses anos, desde a graduação. Sou imensamente grata pela generosidade com que me acolheu e me direcionou nessa trajetória de estudos semânticos, por todos os ensinamentos, pela paciência e pelas palavras amigas em todos os momentos.

À minha família, agradeço de todo coração por me apoiarem e por sempre se fazerem presentes, ainda que na distância.

Ao meu sogro João, pelo carinho e motivação constantes.

Ao Diego, pelo apoio e encorajamento de sempre, por tudo que faz por nós, por compartilhar sonhos comigo e se alegrar a cada conquista.

À minha amiga e colega de mestrado, Leyla, pela companhia desde a graduação, pelas várias horas de estudo compartilhadas e pela amizade tão preciosa.

Ao Bruno, pela amizade e pelas conversas sempre produtivas.

À CAPES - Programa de Demanda Social (DS/CAPES) - pelo apoio financeiro concedido durante o curso de mestrado.

“[...] much of conveyed meaning is tacit,
not expressed at all in the words uttered or the
syntactic structure combining them.
Why, therefore, should meaning not be a great
deal more complex than the language that
expresses it?”

RAY JACKENDOFF

RESUMO

Esta pesquisa investiga o comportamento sintático-semântico dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção do Português Brasileiro (PB). Os pressupostos teóricos que sustentam esse trabalho estão vinculados aos estudos lexicais, especialmente, à semântica lexical, e também à semântica cognitiva. Nosso objetivo é realizar uma descrição do comportamento gramatical dos verbos de movimento com trajetória sem direção lexicalmente marcada. Para isso, realizamos a delimitação da classe verbal dos verbos de movimento com trajetória do PB, a partir da identificação da raiz de movimento e de trajetória lexicalizada pela classe verbal. A análise das propriedades semânticas lexicalizadas pelos verbos de trajetória que não especificam direção do PB possibilitou observarmos que o significado dos *verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção* (verbos do tipo de *atravessar*) não inclui uma especificação da direção do movimento, mas mapeia um movimento direcionado ao longo de uma trajetória. Também, ao aplicarmos o teste de adjunção que desenvolvemos, evidenciamos que os verbos que lexicalizam *movimento por uma trajetória com direção inespecificada* (verbos do tipo de *atravessar*) apresentam uma estrutura semântica diferente da dos verbos que lexicalizam *movimento por uma trajetória com direção especificada* (verbos do tipo de *subir*), no que se refere à determinação da direção. Além disso, analisamos o significado dos verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção, utilizando a metalinguagem de decomposição do significado lexical em predicados primitivos, baseando-nos na proposta de Rappaport-Hovav e Levin (2010). A partir das análises realizadas, este trabalho desenvolveu um novo teste de verificação para os verbos de movimento com trajetória, propondo a estrutura de representação lexical [x BECOME AT <RESULT-PLACE>] como uma forma mais adequada para a representação desses verbos, pois essa estrutura especifica a informação de *lugar resultante* expressa pelos verbos de trajetória. O estudo realizado nos permitiu evidenciar que os verbos com movimento e trajetória do PB lexicalizam a direção de diferentes formas, e que os verbos do tipo de *atravessar* podem ser descritos pelas mesmas regras de representação lexical que os verbos do tipo de *subir*, pois a informação capturada pela estrutura de representação é a de *deslocamento por uma trajetória*. Os resultados encontrados indicam que os verbos de movimento com trajetória são heterogêneos quanto à lexicalização de direção, mas, ainda assim, apresentam o sentido comum de *lugar resultante*, efeito do *deslocamento no espaço físico*. Desse modo, concluímos que o elemento semântico de direção não é uma propriedade gramaticalmente relevante, portanto, não impactaria na representação lexical dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção.

Palavras-chave: Verbos de movimento; verbos de movimento com trajetória; raiz verbal; classes verbais; lexicalização.

ABSTRACT

This research looks into the semantic and syntactic behavior of motion verbs with path which do not specify direction in Brazilian Portuguese (PT-BR). The theoretical assumptions that support this work are linked to lexical studies, especially to lexical semantics, and also to cognitive semantics. Our goal is to carry out a description of the grammatical behavior of the verbs of motion with path without a lexically implied direction. To do so, we performed the delimitation of the verbal class of the verbs with motion and path of the PT-BR, from the identification of the root of motion and path lexicalized by the verbal class. The analysis of semantic properties lexicalized by the path verbs that do not specify direction of the PT-BR made it possible to observe that the meaning of *motion verbs with path that do not lexicalize direction* (verbs type *atravessar*) do not include a specification of the direction of motion, but maps a movement along a path. Also, when applied the adjunction test we developed, we observed that the verbs that lexicalize *movement by an unspecified path* (verbs type *atravessar*) present a different semantic structure from that of verbs that lexicalize *movement by a path with specified direction* (verbs type *subir*), with regard to the determination of direction. In addition, we analyzed the meaning of motion verbs with path that do not lexicalize direction, using the lexical meaning in primitive predicates decomposition metalanguage, based on the proposal of Rappaport-Hovav and Levin (2010). Starting from the performed analysis, we have developed a new verification test for path verbs, proposing the lexical representation structure [x BECOME AT <RESULT-PLACE>] as a better way to represent these verbs, as this structure specifies the information of the *resulting place* expressed by them. This analysis allowed us to show that the verbs with motion and path of the PT-BR lexicalize the direction in different ways, and that the verbs type *atravessar* can be described by the same rules of lexical representation as the verbs type *subir*, since the information captured by the representation structure is the one of *displacement by a trajectory*. The results indicate that the motion verbs with path are heterogeneous regarding lexicalization of direction, but, nevertheless, they present the common sense of *resulting place*, the effect of the *displacement in the physical space*. In this regard, it was concluded that the semantic element of direction is not a grammatically relevant property, therefore, it would not impact in the lexical representation of the motion verbs with path that do not specify direction.

Keywords: Motion verbs; motion verbs with path; verbal root; verb classes; lexicalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Critério de verificação “morfológico”
- Figura 2 - Critério de verificação “semântico”
- Figura 3 - Processo de análise do critério morfológico
- Figura 4 - Processo de análise do critério semântico
- Figura 5 - Estrutura arbórea para eventos de movimento
- Figura 6 - Estrutura da categoria TRAJETÓRIA (PATH)
- Figura 7 - Estrutura da categoria LUGAR (PLACE)
- Figura 8 - Representação de estrutura semântica com argumentos abertos “[]”
- Figura 9 – Estrutura semântica da sentença “John went into the room”
- Figura 10 – Estrutura semântica do verbo “rolar”
- Figura 11 – Padrão de língua com *frame no verbo*
- Figura 12 – Estrutura da categoria TRAJETÓRIA
- Figura 13 – Estrutura conceptual que abrange os possíveis sentidos de *under*
- Figura 14 – Estrutura semântica do verbo “entrar”
- Figura 15 - Restrição semântica inculida no verbo “subir”
- Figura 16 - Restrição semântica inculida no verbo “entrar”
- Figura 17 – Restrição semântica inculida no verbo “entrar”
- Figura 18 – Não restrição da direção do movimento de “cruzar”
- Figura 19 – Não restrição da direção do movimento de “passar”
- Figura 20 – Não restrição da direção do movimento de “vadear”
- Figura 21 – Não restrição da direção do movimento de “afastar”
- Figura 22 – Não restrição da direção do movimento de “apartar”
- Figura 23 – Não restrição da direção do movimento de “distanciar”
- Figura 24 – Não restrição da direção do movimento de “curvar”
- Figura 25 – Não restrição da direção do movimento de “desviar”
- Figura 26 - Estrutura semântica da sentença “João entrou em casa”

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quantitativo de verbos de movimento com trajetória

Quadro 2 – Verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção: VMD

[+Trajetória, -Direção]

Quadro 3 – Verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção

Quadro 4 – Síntese das denotações apresentadas pelos verbos analisados tendo como foco o sentido de deslocamento por uma trajetória.

Quadro 5 - Síntese das denotações apresentadas pelos verbos analisados tendo como foco o sentido de deslocamento por uma trajetória

Quadro 6 - Tipos de direção lexicalizados por verbos de movimento com trajetória

LISTA DE ABREVIATURAS

NP – Sintagma Nominal

PP – Sintagma Preposicional

PB – Português Brasileiro

SP – Sintagma Preposicional

VMT – Verbos de Movimento com Trajetória

VP – Sintagma Verbal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 OBJETIVOS, QUESTÃO DE PESQUISA E HIPÓTESE.....	18
1.2 METODOLOGIA.....	19
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO	25
2 SEMÂNTICA LEXICAL, CLASSES VERBAIS E VERBOS DE MOVIMENTO.....	26
2.1 SEMÂNTICA LEXICAL E O ESTUDO DAS CLASSES VERBAIS.....	26
2.2 VERBOS DE MOVIMENTO	32
2.3 VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA	47
2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO	58
3 A CLASSE DE “VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA” DO PB.....	60
3.1 PROPRIEDADES SEMÂNTICAS PARA O ESTABELECIMENTO DA CLASSE VERBAL	60
3.2 O ESTABELECIMENTO DA CLASSE DE “VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA” DO PB.....	66
3.3 A SUBCLASSE DOS “VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA QUE NÃO LEXICALIZAM DIREÇÃO”	70
3.4 VERIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS SEMÂNTICOS LEXICALIZADOS POR VERBOS DO TIPO DE “ATRAVESSAR”	75
3.5 O TESTE DE ADJUNÇÃO.....	82
3.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO	93
4 DECOMPOSIÇÃO DO SIGNIFICADO LEXICAL EM PRIMITIVOS SEMÂNTICOS	94
4.1 ASPECTOS GRAMATICALMENTE RELEVANTES DE SIGNIFICADO E A DECOMPOSIÇÃO LEXICAL.....	94
4.2. VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA: A NOÇÃO DE RESULTADO E DE MUDANÇAS ESCALARES	103
4.3 ANÁLISE DECOMPOSICIONAL DOS VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA DO PB.....	113
4.3.1 Representação lexical dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção na estrutura [X BECOME AT <RESULT-PLACE>]	119
4.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO	124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICE A - Verbos de movimento com trajetória que especificam a direção do movimento.....	133

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho vincula-se à Semântica Lexical, mais precisamente aos estudos semânticos que exploram as relações entre léxico e estruturas sintáticas. Segundo Jackendoff (2013), “Estudando a semântica das palavras, imediatamente somos forçados a nos confrontar com a forma como as palavras impõem sua estrutura ao resto da sentença em que ocorrem.” O autor evidencia que, além dos significados contidos nas palavras, há propriedades estruturais que se impõe ao restante da sentença, as quais não se podem ignorar.

Tomando como ponto de partida o postulado acima, consideramos, com Jackendoff, que as propriedades semânticas das palavras em relação com as demais propriedades linguísticas são relevantes para os estudos gramaticais, já que, de acordo com o autor, “[...] existem muitas outras coisas significantes que um falante armazena além de palavras [...]”, como expressões idiomáticas, construções sentenciais, entre outros fenômenos. É nessa perspectiva que esta dissertação investiga o comportamento sintático e de estrutura semântica dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção do Português Brasileiro, doravante PB.

Os verbos de movimento são, em geral, definidos como verbos que lexicalizam o deslocamento de uma entidade. Entretanto, a classificação dos verbos de movimento não é tão simples de ser definida, pois existe uma ampla gama de verbos que denotam movimento, e podem ser divididos em outras subclasses segundo suas características específicas. Há casos também em que um falante pode capturar algum sentido de movimento em um verbo como “suspender”, mas que na realidade não lexicaliza movimento. Essa afirmação, em primeira análise, pode soar contraditória, pois o verbo “suspender”, certamente implica movimentar algo para cima, como podemos observar em uma sentença como “João *suspendeu* os galhos da árvore”. As interpretações de que os galhos foram movimentados para cima, ou de que houve o deslocamento dos galhos, são possíveis, e ambas são capturadas pelos falantes do PB. Entretanto, o sentido proeminente identificado no verbo “suspender” é a mudança de localização espacial do argumento [os galhos da árvore], e não o sentido de movimento ou de trajetória. “Suspender” possui a acepção básica de “fixar no ar”, esse é o sentido principal do verbo, e não o de mover para cima ou deslocar algo, portanto, esses últimos, são sentidos secundários. Devido a essas características, o verbo “suspender” é classificado como um verbo do tipo de “colocar em uma configuração espacial”, assim como *pendurar*, entre outros, lexicalizando assim a “posição de uma entidade com uma configuração espacial específica”

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995), e não como um verbo de movimento, ainda que possua algum sentido de movimento inculido no item lexical.

Além disso, a classificação dos verbos de movimento também não é específica, como vemos em Talmy (2000), que considera que o Evento de Movimento (EM) é constituído tanto por situações de movimento quanto por situações estáticas. Para o autor, o EM é formado por alguns componentes semânticos: FIGURA, MOVIMENTO, FUNDO e TRAJETÓRIA, além dos co-eventos MODO e CAUSA. O componente Movimento refere-se à presença *per se* de movimento ou de localização no evento. Ambos são representados, respectivamente, por MOVE, que se refere à ocorrência de movimento translacional, e BE_{LOC} que se refere à não-ocorrência de movimento translacional. Talmy (2000, p. 26) utiliza alguns exemplos para ilustrar essas duas situações que expomos, como as sentenças a seguir:

(1)

- a) *Motion*: The pencil rolled of the table.¹
- b) *Location*: The pencil lay on the table.²

Conforme Talmy, nas duas sentenças, *pencil* funciona como Figura (objeto que se move em relação a um Fundo) e *the table* como Fundo. A sentença em (1a) expressa movimento e em (b) expressa localização. Além desses Eventos de Movimento, ainda, em (a), “rolled” expressa um modo de movimento, assim como “lay” em (1b). Como podemos observar em Talmy (2000), há diferentes formas de se caracterizar o movimento, como nas sentenças acima que expressam eventos de movimento (dinâmicos ou estáticos), ou como o verbo *rolled*, que indica um modo de movimento realizado pela figura *pencil*. A diferença entre o EM de Talmy e os verbos que expressam movimento são essas situações estáticas ou dinâmicas expressas nas sentenças, em contraste com verbos como *rolled*. O verbo *rolled* (rolar) é um característico verbo de movimento, que lexicaliza o modo como uma entidade se move. O próprio verbo “rolar” expressa o modo como uma entidade pode se mover. É esse tipo de verbo que nos interessa, os casos em que o próprio item lexical expressa o movimento. Entretanto, nosso interesse nesta pesquisa recai sobre os verbos que expressam movimento com trajetória, mas não especificam a direção do movimento, que são aqueles em que o próprio verbo lexicaliza um movimento com uma direção, mas essa direção não é especificada no item lexical. Detalhamos nos parágrafos seguintes.

¹ *Movimento*: O lápis rolou da mesa.

² *Localização*: O lápis estava sobre a mesa.

Na literatura semântica, encontramos duas classificações tradicionais que abrangem os verbos de movimento, que são: *verbos de modo de movimento*; *verbos de movimento com trajetória/direção*³. (TALMY 1985, 2000; JACKENDOFF 1983, 1990; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995; LEVIN, 1993; PINKER, 1989; e outros)

De acordo com Rappaport-Hovav e Levin (2010), os verbos de modo de movimento, como *dançar*, *caminhar*, *nadar*, expressam modo e movimento, isto é, descrevem o modo como uma entidade se move. Por outro lado, verbos de movimento com trajetória, como *entrar* e *subir*, combinam movimento e trajetória/direção.⁴

Além dessas divisões, há outras mais específicas, como a tentativa de classificação vista em Levin (1993) e Levin e Rappaport-Hovav (1995), que dividem os verbos de *modo de movimento* em verbos do tipo “correr”⁵ e do tipo “rolar”⁶. Segundo Levin (1993) os verbos do tipo “rolar”, exemplificados em (2a-b) abaixo, referem-se às entidades inanimadas, ou seja, entidades que não apresentam controle sobre o movimento, e ainda, na ausência de um sintagma preposicional [SP], nenhum desses verbos especifica a direção do movimento. Em contraste, os verbos do tipo “correr” (2c-d), de acordo com a autora, descrevem o modo de movimento de entidades agentivas, aquelas que possuem controle sobre o movimento, embora também possam descrever o movimento de entidades inanimadas. Nesses casos, também não há nenhuma direção específica do movimento, a menos que um sintagma direcional explícito componha a sentença.

(2)

- a) O anel rolou.
- b) O anel rolou [para baixo da mesa].
- c) O gato correu.
- d) O gato correu [para a floresta].

Nesta dissertação, investigamos, de modo específico, os verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção. Como efeito, propomos uma subdivisão para a classe dos verbos de movimento com trajetória, entre os quais pretendemos descrever o comportamento linguístico dos verbos de movimento com trajetória do PB que não especificam a direção do movimento que denotam. Nossa proposta é a formação da subclasse

³ Pinker (1989), Levin e Rappaport-Hovav (1995) e Rappaport-Hovav e Levin (2010) denominam esses verbos como de “movimento inerentemente direcionado”.

⁴ Essas classificações (modo de movimento e movimento com trajetória/direção) são encontradas também em Jackendoff (1983;1990), Talmy (2000) e Pinker (1989).

⁵ “Run”.

⁶ “Roll”.

dos *verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção* que abrange os verbos em que se captura um sentido de movimento com direcionamento, mas a direção não é especificada. Cabe ressaltar que esse trabalho de delimitação da classe dos *verbos do tipo de atravessar* não foi realizado ainda para o português brasileiro, nem mesmo para o inglês. Rappaport-Hovav e Levin (2010) somente postulam a necessidade de estudos acerca desses verbos e de seu comportamento semântico-lexical.

A classe dos *verbos de movimento com trajetória* que propomos estabelecer é composta pelos verbos do tipo “atravessar”. Sobre esse tipo de verbo, que apresenta um sentido de movimento + direção, mas a direção do movimento não é lexicalizada, Rappaport-Hovav e Levin (2010) consideram que integram um fenômeno que se deve ao conceito de mudança escalar não lexicalizada por esses verbos. As autoras salientam que essa propriedade distingue os *verbos do tipo de atravessar* dos verbos de movimento com trajetória prototípicos, a exemplo de *entrar* e *subir*, que lexicalizam mudanças escalares. Explicamos.

Para Rappaport-Hovav e Levin (2010) os *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção*, como *atravessar* e *cruzar*, não são verbos de mudança escalar. Os verbos de mudança escalar implicam, de acordo com as autoras, uma escala lexicalmente especificada, sendo que uma escala é um conjunto de graus numa determinada dimensão que indicam valores de medição. Por dimensão compreende-se um atributo de um argumento verbal, com os graus que indicam os possíveis valores desse atributo. Assim, uma mudança escalar em uma entidade envolve uma mudança no valor desse atributo em uma determinada direção ao longo da escala.

Com relação aos *verbos de movimento com trajetória*, como *entrar* e *subir*, as autoras afirmam que os pontos que constituem a escala são locais que formam um caminho. Já os *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção*, apesar de lexicalizarem movimento ao longo de um caminho, a direção do movimento não é especificada lexicalmente, e, logo, não impõem uma ordenação sobre os pontos no caminho.

Os *verbos de movimento com trajetória* são aqueles que apresentam em seu conteúdo semântico o componente de deslocamento no espaço com uma direção especificada. De acordo com Rappaport-Hovav e Levin (2010), os verbos de *movimento com trajetória*, como *subir* e *entrar*, codificam *movimento* e *trajetória*, tendo como exemplo *entrar*, que especifica uma direção de movimento (para dentro). Entretanto, as autoras salientam que, verbos como *cruzar* e *atravessar*, que são frequentemente incluídos entre os verbos de movimento com trajetória, não lexicalizam mudanças escalares. Esses verbos denotam movimento ao longo de um caminho, mas a direção não é especificada lexicalmente. Assim,

as autoras exemplificam que: “[...] o verbo *cruzar* pode ser aplicado de igual forma, tanto se a travessia do Canal da Mancha é da Inglaterra para a França ou da França para a Inglaterra”.⁷ (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010, p. 30). Essa afirmação esclarece a diferença entre ambos os tipos de verbos, pois, em comparação, o verbo *entrar* lexicaliza a direção “de fora para dentro”. Assim, o próprio verbo *entrar* especifica essa direção, ao contrário de *cruzar*, que expressa “ir de um ponto para outro ponto”, mas a direção do movimento não é especificada pelo item lexical.

A partir do exposto, considera-se a relevância deste estudo, pois a classe verbal que propomos examinar é marginal nos estudos lexicais do PB em razão de sua não delimitação, o que vai ao encontro de Cambrussi (2017), que destaca a necessidade de um estudo específico dos verbos do tipo de *atravessar*, os quais pretendemos identificar pelo rótulo “Verbos de Movimento com Trajetória [+Trajetória, -Direção]”. Ainda, essa classe costuma ser tratada como um grupo de verbos excepcionais e restrito, com poucas ocorrências. Logo, este trabalho colabora com os estudos em Semântica Lexical à medida que se volta para ampliar nossa compreensão acerca desse grupo de verbos, por meio da delimitação e da análise do comportamento linguístico da classe verbal realizadas. Além disso, estudar a relação entre léxico e estrutura sintática, a partir da classe dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção, pode auxiliar na compreensão do conhecimento lexical no que diz respeito ao conhecimento semântico que o falante possui acerca desses verbos.

Em vista disso, podem-se evidenciar contribuições linguísticas relevantes para a Semântica Lexical, bem como para a aplicação dos estudos linguísticos, por exemplo, para o ensino da Língua Portuguesa. Desse modo, tratando-se de um estudo de descrição e de análise gramatical, bem como do seu caráter quantitativo e qualitativo, a delimitação da classe verbal é igualmente significativa, pois a disponibilização dos dados catalogados neste trabalho pode ter desdobramentos e dar subsídios para estudos posteriores.

1.1 OBJETIVOS, QUESTÃO DE PESQUISA E HIPÓTESE

O presente trabalho tem como objetivo geral descrever o comportamento gramatical de parte dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção do movimento. Para isso, delineiam-se como objetivos específicos os seguintes: (i) delimitar os verbos que pertencem à classe do Verbos de Movimento com Trajetória [+Trajetória, -Direção], do

⁷ Tradução livre, no original: “[...] the verb *cross* is equally applicable whether a traversal of the English Channel is from England to France or from France to England”. (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010, p. 30)

Português Brasileiro; (ii) analisar o estatuto da adjunção em sentenças com verbos que pertencem aos Verbos de Movimento com Trajetória [+Trajetória, -Direção] e seu valor para a estrutura argumental desses verbos; (iii) investigar se o comportamento gramatical dos verbos que pertencem à classe dos Verbos de Movimento com Trajetória [+Trajetória, -Direção] permite que esse subgrupo seja descrito pelas mesmas regras de representação lexical que os demais integrantes da classe verbal.

A questão que norteia essa pesquisa e que investigamos é: verbos de movimento com trajetória que não especificam a direção do movimento são predicadores que se diferenciam da classe dos verbos de movimento com trajetória que possuem direção do movimento lexicalmente determinada?

A hipótese que assumimos é a de que, apesar de não especificarem a direção do movimento, esses verbos não se distinguiriam dos demais integrantes da classe em termos de comportamento gramatical, apenas necessitariam de informações linguísticas adicionais, advindas por co-composicionalidade na sentença (por meio de adjunção), para especificação de seu significado lexical.

1.2 METODOLOGIA

Para delimitar os verbos que pertencem aos Verbos de Movimento com Trajetória [+Trajetória, -Direção], procedemos, metodologicamente, seguindo alguns critérios de verificação. Para isso, inicialmente, delimitamos a classe geral dos verbos de movimento com trajetória do PB. Em seguida, partindo-se de uma análise de conteúdo semântico, destacamos da classe apenas os verbos que não continham entre suas acepções básicas a direção de um movimento. Com isso, após definirmos a classe dos verbos de movimento com trajetória, também delimitamos a subclasse cuja direção do movimento não é lexicalmente determinada.

A metodologia para o levantamento dos dados levou em consideração a lexicalização de *mudança de localização* para os verbos que codificam deslocamento por uma trajetória. Assim, os verbos coletados passam pela regra de codificação de um resultado equivalente a um *lugar resultante*, nos termos de Rappaport-Hovav e Levin (2010). Nesse sentido, a informação lexicalizada pelos verbos de movimento com trajetória, a exemplo de *subir*, é *mudança de lugar físico*, e difere dos verbos que lexicalizam modo de movimento como *balançar* que não implicam mudança de localização. A adoção dessa perspectiva teórica para a metodologia nos permite diferenciar verbos de modo de movimento e de movimento com

trajetória, pois somente os que lexicalizam um lugar resultante passam nessa análise, portanto, podem compor a classe geral de movimento com trajetória.

A complementariedade modo/resultado, defendida por Rappaport-Hovav e Levin (2010), e também encontrada em Talmy (2000) no que se refere ao padrão linguístico de *frame no verbo*, não é seguida, pois consideramos que os verbos têm a capacidade de acumular propriedades semânticas a depender do contexto em que são empregados. Assim, consideramos que um verbo pode apresentar, de forma acumulada, as propriedades semânticas de modo e de resultado (ou modo e trajetória, conforme terminologia de Talmy), mas na circunstância de uso do item lexical, no contexto sentencial, uma dessas propriedades deve ser sobressaliente.

A delimitação dessas classes verbais se deu a partir da triagem de entradas disponíveis no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010). Esse dicionário apresenta inúmeros verbetes com atualização ortográfica conforme o Novo Acordo Ortográfico, além de estrangeirismos e dados etimológicos que revelam a origem e a formação da palavra. Consideramos que a obra é adequada para nosso estudo dado que possui uma boa amostra do inventário lexical e atual do PB, sendo composta por milhares de vocábulos atualizados que levam em conta as mudanças e variações linguísticas advindas do caráter dinâmico da língua. Por exemplo, no plano semântico, apresenta novos e/ou diferentes significados para palavras baseados no uso linguístico, o que evidencia que é um dicionário atual em sua catalogação e que passa por constantes reformulações. Além das questões já expostas, cabe ainda destacar que o dicionário ilustra parte das acepções com exemplos, o que auxilia na avaliação do tipo de uso linguístico associado a cada verbo.

O Aurélio é um dicionário renomado no Brasil, popularmente conhecido e, certamente, destaca-se pela credibilidade que representa devido à sua tradição de mais de 40 anos. Por todas essas razões, acredita-se que o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) pode ser avaliado como um material de confiabilidade para a pesquisa e uma fonte de mostra significativa dos verbos de movimento do português.

A leitura realizada seguiu a ordem item a item, de modo que o inventário completo passou pela seleção, com o objetivo de identificar e de quantificar os verbos de movimento com trajetória com ou sem direção do movimento definida. A metodologia utilizada para o levantamento dos dados que formam a classe seguiu dois critérios pré-estabelecidos detalhados a seguir.

O primeiro critério foi o *morfológico*, em que se observou se os itens lexicais possuíam classificação verbal e terminação de infinitivo. Neste nível, era possível separar os

itens lexicais classificados como verbos dos que integram as demais categorias morfológicas da língua. Além da terminação em infinitivo, modo como tradicionalmente são dicionarizados os verbos de uma língua, dentro do verbete também se buscava a classificação do item como verbo, dada pelo próprio dicionarista, por meio da abreviatura “v.” (verbo). Ambos os critérios podem ser visualizados na figura abaixo:

Figura 1- Critério de verificação “morfológico”

transpor [Do lat. *transponere*.] **V. t. d. 1.** Pôr (algo) em lugar diverso daquele em que estava ou devia estar. **2.** Inverter a ordem de: *Transpôs as letras, formando anagramas*. **3.** Passar além de; galgar: *transpor os Alpes*. **4.** Deixar atrás; ultrapassar, exceder: *transpor a barreira do som*. **5. Mús.** Transportar (4). **P.** **6.** Desaparecer, ocultar-se: *A Lua transpôs-se atrás das nuvens*. [Irreg. Conjug.: v. pôr.]

Fonte: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010)

O segundo critério foi a análise do verbete propriamente dita, o que demandou um olhar atento sobre a definição do item lexical e sobre os elementos de conteúdo semântico e de estrutura semântica, que poderiam evidenciar se o item pertencia ou não à classe dos verbos de movimento com trajetória – diferenciando os integrantes dessa classe dos demais verbos da língua. Como conteúdo semântico entendemos o significado que o item lexical recebe na sua dicionarização e que pode conter informações (como paráfrases) que indiquem deslocamento para alguma direção. Como estrutura semântica, buscávamos verificar se o primitivo IR estaria expresso no verbete apresentado. Ilustramos essa análise abaixo, com o verbo *sair*.

Figura 2 – Critério de verificação “semântico”

sair [Do lat. *salire*.] **V. t. c. 1.** **Passar (do interior para o exterior); ir ou passar para fora:** *Todos saíram de casa*; *“saiu ao terreiro”* (Coelho Neto, *Treva*, p. 321). **2.** Afastar-se, partir, largar: *O vapor saiu do Rio pela manhã*. **3.** Afastar-se, ausentar-se, retirar-se: *Saiu do país em definitivo*. **4.** Proceder; provir, dimanar: *O calor sai da lareira*. **5.** Separar-se, soltar-se: *O prego saiu da parede*. **6.** Formar-se; terminar: *Saiu da Faculdade em 1987*. **T. i. 7.** Fugir; afastar-se, desviar-se: *Não saiu do assunto*. **8.**

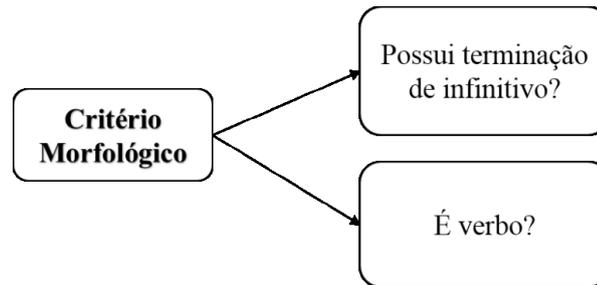
Fonte: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010)

Em síntese, por meio deste segundo critério, foi possível verificar se os verbos em análise apresentavam *conteúdo semântico* e *estrutura semântica* que compreendessem o “significado de *ir*” inculido no detalhamento do item lexical. Por exemplo, o verbo *sair* apresenta o significado básico: “*ir do interior para o exterior*” (FERREIRA, 2010, p. 1876). Assim, esse verbo possui o “significado de *ir*” na base do significado do próprio item lexical, ou seja, a raiz verbal de *sair* lexicaliza movimento. Em seguida, verificamos se o “sentido de *ir*” indicava *ir para alguma direção* (definida ou não), ou seja, se a *estrutura semântica* dos verbos lexicalizava a direção do movimento. No caso de *sair*, o item lexical especifica a direção do movimento, que é “*ir - do interior para fora*” (da sala, da casa, da floresta etc.), portanto, *sair* pertence à classe de verbos de movimento com trajetória e apresenta especificação da direção do movimento. Por outro lado, o verbo *atravessar*, que igualmente possui o “significado de *ir*” inculido no item lexical, não lexicaliza direção. O significado básico de “atravessar”, que é “*ir - para o outro lado*”, (FERREIRA, 2010, p. 238), não especifica a direção em que o movimento é realizado (da esquerda para a direita, para frente ou para trás etc.).

Esse detalhamento reconstrói o percurso metodológico seguido para cumprirmos a etapa de levantamento dos dados, realizada seguindo-se os critérios expostos para a identificação dos predicadores do PB que pretendemos estudar e para o estabelecimento da classe verbal. Assim, quando encontrados verbos que se encaixavam nos critérios, eram extraídos e classificados como sendo de *movimento com trajetória* ou de *movimento com trajetória que não especifica direção* (É verbo? / Se sim, possui “significado de *ir*”? / Se sim, significa “*ir para alguma direção*”? / Se sim, essa direção está predeterminada?).

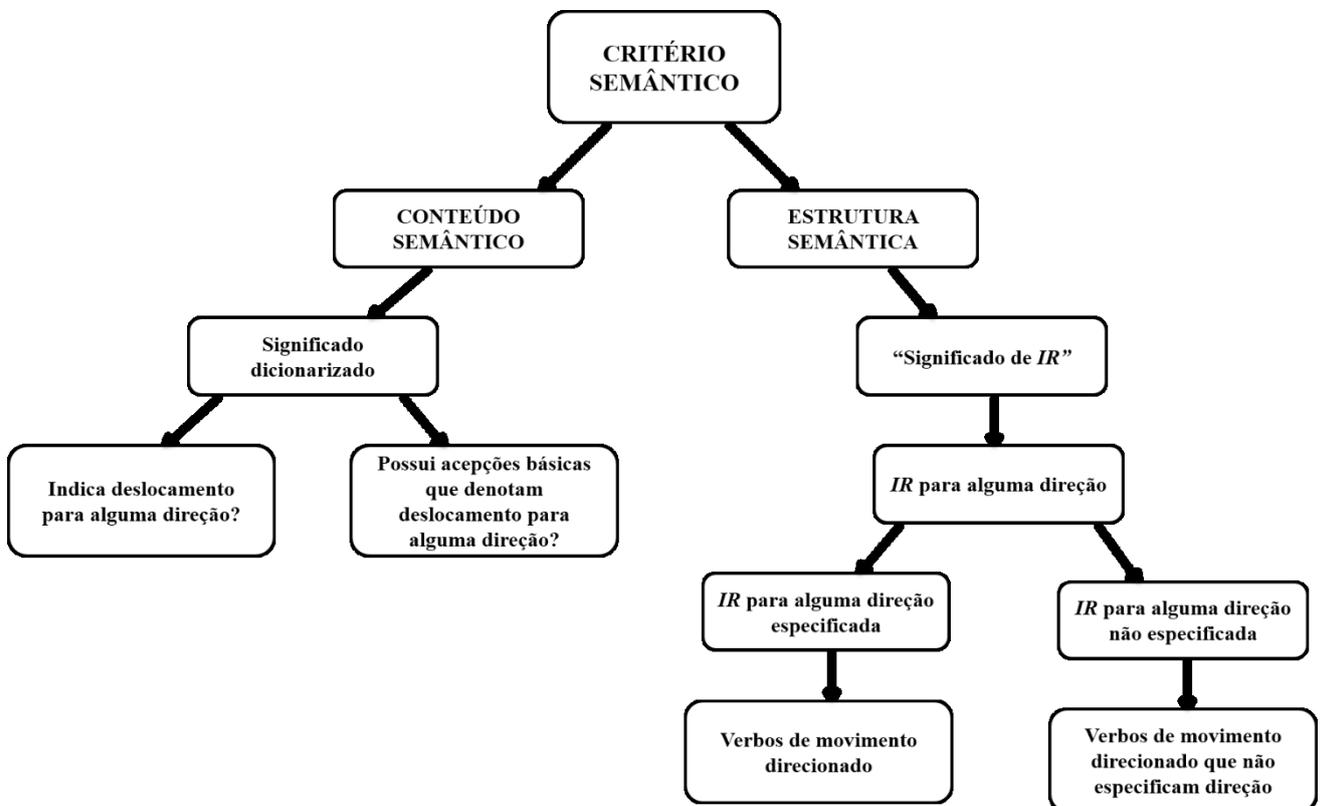
Com os dados coletados, formamos a classe geral dos verbos de movimento com trajetória e delimitamos a subclasse dos verbos de movimento [+Trajetória, -Direção]. O critério de exclusão se deu pela análise do *conteúdo semântico*: “significado de *ir*” para alguma direção (especificada ou não). Nesse sentido, quando o item lexical não lexicalizava *ir* com direcionamento (como acontece com verbos de modo de movimento), este era desconsiderado (É verbo? / Se sim, possui “significado de *ir*”? / Se sim, significa “*ir para alguma direção*”? / Se não, o item era desconsiderado). O processo de análise pode ser verificado nos diagramas a seguir:

Figura 3 – Processo de análise do critério morfológico



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Figura 4 – Processo de análise do critério semântico



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

A figura (4) ilustra o processo de análise do critério semântico. Como já mencionado, esse segundo critério divide-se em *conteúdo semântico* e *estrutura semântica*. O primeiro item que analisamos para os verbos foi o *conteúdo semântico*, com o foco sobre o “significado dicionarizado”. Por meio deste critério, avaliamos se a dicionarização do verbo apresentava algum traço de *conteúdo semântico* que indicasse o deslocamento para alguma direção. Assim, o “significado dicionarizado” poderia apresentar qualquer elemento semântico que indicasse deslocamento por uma trajetória, analisado por meio das questões: “Indica deslocamento para alguma direção?” e “Possui acepções básicas que denotam

deslocamento para alguma direção?” Desta forma, paráfrases ou acepções básicas, como por exemplo, os verbos *passar*, *percorrer*, *atravessar* poderiam indicar que o verbo possuía o significado de deslocamento por uma trajetória, independente da presença do verbo “ir” no verbete.

Agora, se o verbo possuía, em primeira análise, o verbo “ir” que indicasse “ir de x para y”, este já era avaliado como um item de estrutura semântica, porque consideramos o primitivo IR como um elemento *default* da lexicalização dos verbos de movimento com trajetória, ou seja, a presença de IR é um elemento básico. Assim, se identificado na acepção do verbo a descrição de um deslocamento por uma trajetória a partir do uso do próprio “ir”, esse elemento já era considerado como pertencente à estrutura semântica do verbo. Contudo, se identificado o deslocamento por uma trajetória indicado por um verbo como *percorrer*, *passar*, *atravessar*, consideramos como um traço de conteúdo semântico, pois evidenciava que esse poderia ser um verbo de movimento com trajetória, e então seguíamos para a análise dos demais componentes para verificar se de fato o verbo pertencia à essa classificação.

Os critérios que apontamos ilustram os procedimentos que seguimos para a coleta dos dados para nosso estudo. Os critérios de exclusão que utilizamos para eliminar de nossa análise, especialmente, os verbos de modo de movimento, seguiram os mesmos passos descritos anteriormente: (É verbo?/ Se sim, possui “significado de ir”?/ Se sim, significa “ir para alguma direção”?/ Se não, o item era desconsiderado).

Os verbos de modo de movimento como *nadar*, *serpenteiar*, *correr* não foram selecionados, devido a lexicalizarem o modo como uma entidade pode se mover, e não movimento para alguma direção. Esses verbos apresentam como estrutura semântica o significado de “MOVER de um determinado modo”, ao contrário dos verbos de movimento com trajetória que têm como estrutura semântica “IR para alguma direção”. Portanto, sentenças como “Joana nadou”, “Marcelo serpenteou” e “Ana correu” lexicalizam um modo como a entidade se move: (“Joana se moveu”; de que modo? Nadando./ “Marcelo se moveu”; de que modo? Serpenteando./ “Ana se moveu”; de que modo? Correndo.)

Nenhum dos verbos citados, bem como os outros integrantes da classe de modo de movimento, possui o significado de “ir para alguma direção” lexicalizado na raiz verbal. Portanto, não se enquadram nos nossos critérios por não apresentarem como primitivo semântico o componente IR, considerado como um elemento *default* de lexicalização dos verbos de movimento com trajetória.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo é a introdução, que apresenta nosso intuito de investigar os verbos de movimento com trajetória que não especificam direção do PB. Para isso, expomos minimamente algumas noções acerca dos verbos de movimento, apresentamos nosso objeto de estudo, e a relevância da pesquisa, os procedimentos metodológicos e critérios seguidos para a formação da classe verbal, além da questão de pesquisa, objetivos e hipótese.

O segundo capítulo versa sobre os estudos em Semântica Lexical, tratando de conceitos importantes como léxico, item lexical, relações entre léxico e gramática, lexicalização, primitivos semânticos, além do estabelecimento de classes verbais. Também realizamos uma revisão das teorias sobre os verbos de movimento e de movimento com trajetória, apontando os principais estudos acerca do tema.

No capítulo 3, apresentamos a subclasse dos verbos de movimento com trajetória [+Trajetória, -Direção] que propomos estabelecer. Para isso, explicamos como se deu o levantamento dos dados da classe geral, e também, de que forma o processo de refinamento dos dados distribuiu os predicadores em classes distintas, a partir da especificação ou não especificação de direção em sua raiz lexical. Por fim, propomos um **teste de adjunção** que acreditamos que pode contribuir para a compreensão do comportamento linguístico dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção do PB.

O capítulo 4 discorre sobre a decomposição do significado lexical em primitivos semânticos. Para tanto, apresentamos o que são os componentes gramaticalmente relevantes de significado, evidenciando que a parte gramaticalmente relevante do significado é a que se refere à estrutura semântica dos predicados. Também, contrapomos a complementaridade modo/resultado proposta por Rappaport-Hovav e Levin (2010), pois acreditamos que um verbo pode apresentar a sobreposição de significado a depender do contexto em que é empregado. Além disso, o capítulo 4 analisa a decomposição lexical dos verbos de movimento com trajetória do PB, com base nas regras de representação lexical propostas por Rappaport-Hovav e Levin (2010), e ainda, elabora uma proposta de representação lexical para os verbos de movimento com trajetória que não especificam direção do PB.

2 SEMÂNTICA LEXICAL, CLASSES VERBAIS E VERBOS DE MOVIMENTO

Este capítulo discorre acerca dos estudos em Semântica Lexical, passando por conceitos importantes para essa vertente, como léxico, item lexical e lexicalização. Também versamos sobre a delimitação de classes verbais e verbos de movimento. Para a discussão sobre classes de verbos, exploramos a obra de Levin (1993) em que se realiza um significativo trabalho de descrição lexical do inglês. Para os verbos de movimento, apresentamos as teorias de Talmy (2000), Jackendoff (1983; 1990), Rappaport-Hovav e Levin (2010), Levin e Rappaport-Hovav (1995) e Pinker (1989). As propostas desses autores, para a classificação dos verbos de movimento, coincidem no que se refere à consideração de existência de dois tipos de movimentos distintos denotados pelos verbos integrantes dessa classe, são eles: *movimento com trajetória* e *modo de movimento*.

2.1 SEMÂNTICA LEXICAL E O ESTUDO DAS CLASSES VERBAIS

Os estudos em Semântica Lexical se ocupam da análise de fatos linguísticos referentes aos significados das palavras. Dentro dessa perspectiva, o conceito de léxico é muito importante, indo além do pensamento convencional de léxico como um repertório de palavras. O léxico é considerado como um componente estruturado que comporta outros conhecimentos além das palavras, como regras gramaticais e outras características acerca dos itens lexicais, como propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas. Entretanto, de acordo com Jackendoff (2013), não há uma distinção específica entre palavras e regras. O autor define léxico como “[...] um continuum de estruturas armazenadas, desde palavras individuais idiossincráticas até esquemas muito gerais que funcionam como regras de gramática”. (JACKENDOFF, 2013, p. 143).

Percebemos, pois, que o léxico é concebido não como a visão convencional de inventário de uma língua, mas como um componente complexo que articula informações lexicais e gramaticais, e ambas informações estão intimamente relacionadas. De acordo com Levin e Rappaport-Hovav (1995), em comparação com a sintaxe, o léxico é o domínio do idiossincrático. No entanto, as autoras salientam que, embora muitos fenômenos idiossincráticos sejam de natureza lexical, muito do conhecimento lexical que os falantes têm de sua língua é sistemático, provavelmente refletindo princípios profundos da gramática. É essa relação entre léxico e estruturas gramaticais, além de informações fonológicas e

morfológicas, que compõem o que alguns autores chamam de “léxico mental”, e que refletem o conhecimento que o falante possui acerca da língua.

O léxico, certamente, envolve palavras, contudo, faz-se necessária uma distinção entre “palavra” e “item lexical”, que compõem o léxico. Essa diferenciação pode ser compreendida a partir de Sinclair, linguista que se dedicou ao estudo do significado a partir de corporas eletrônicos (Linguística de Corpus). Sinclair (1998) observa que os significados das palavras se dão em contexto, e não em si mesmas. A compreensão que se deve depreender é que uma palavra pode ter mais de um significado e esse significado se define pela construção sintática em que ocorre. Esse raciocínio vai ao encontro do pensamento de Cruse (1986), que afirma que o significado de uma palavra é totalmente refletido em suas relações contextuais, ou seja, refletido pelo uso da linguagem. O que os autores chamam de contexto é o entorno sintagmático.

No léxico, encontram-se listados também, além das palavras (forma), seus diferentes significados e possibilidades de funcionamento nos sintagmas, bem como informações gramaticais. Por exemplo, o léxico do falante competente⁸ de português brasileiro, deve possuir as informações de que *beber* é um *verbo* que necessita de dois argumentos para completar seu significado, e que os complementos devem possuir os traços semânticos [+agente] e [+líquido]. Esses tipos de conhecimentos lexicais acerca dos itens se relacionam com os conhecimentos gramaticais e formam a complexa trama que chamamos de léxico.

Ambos os autores apontam para a complexidade da linguagem, principalmente no que se refere aos casos em que há diversos significados em uma única palavra. Sinclair afirma que o significado, para a descrição do léxico, é comparável à visão de Chomsky para a sintaxe, em que o conjunto de regras de combinação é finito, mas o conjunto de sentenças não. De acordo com a visão de Chomsky e da *Gramática Gerativa*, a linguagem humana segue princípios (universais) e parâmetros (específicos de cada língua) inscritos na mente, que são limitados e determinam a sintaxe da língua. Entretanto, esse conjunto de regras (princípios e parâmetros) não determina a quantidade de sentenças que podem ser formadas pelos falantes, esse número é ilimitado, o que sustenta a natureza criativa da linguagem. Em comparação com o léxico, de acordo com o Sinclair (1998), o conjunto de itens significativos é finito e o conjunto de significados em uso parece ser ilimitado. Esse ponto de vista aponta que o conjunto de itens é limitado, mas no que se refere ao número de significados possíveis, parece não haver limitação. Nesse raciocínio, então, por analogia, como se pode usar um sistema de regras para

⁸ A competência a que nos referimos é a capacidade do falante de criar e interpretar seqüências bem estruturadas da língua portuguesa, nos mesmos termos de Chomsky (1965).

formar novas sentenças, também se podem usar informações acerca dos itens lexicais para produções criativas em novos e diferentes contextos linguísticos.

A partir dessas considerações, Sinclair (1998) sugere que a “palavra” não é o melhor ponto de partida para uma descrição de significado, porque o significado surge de palavras em combinações particulares, que como vimos, são determinados por relações sintagmáticas. Para uma melhor compreensão, o que o autor defende é que forma e significado não podem ser separados porque são a mesma coisa. Assim, o autor afirma que, quando um item lexical é observado com relação a outras formas (palavras), é uma forma; desse modo, um item lexical pode ser analisado com relação a outros itens lexicais (ex: casa *versus* apartamento). E, quando é analisado com relação a outros significados, é um significado (ex: casa: edifício destinado à habitação *versus* lugar onde se vive).

Para Cruse (1986), um item lexical, ou unidade lexical, como o autor denomina, deve ser determinado levando em consideração alguns aspectos, como a delimitação de forma sintagmática, o que significa que se deve ser capaz de declarar em qualquer sentença os limites entre os itens lexicais; deve-se observar que muitos deles parecem operar em uma variedade de ambientes gramaticais (diferenças de uso gramatical); e ainda, que uma forma de palavra também pode exibir uma personalidade semântica dividida, mesmo dentro de um quadro gramatical constante. Assim, as unidades lexicais sintagmáticas de uma frase devem ser definidas como partes menores que satisfazem a dois critérios: (i) uma unidade lexical deve ser pelo menos um constituinte semântico; (ii) uma unidade lexical deve ter pelo menos uma palavra. Desse modo, o que o autor observa, assim como Sinclair (1998), é que o significado das palavras não está relacionado apenas à própria palavra, mas o significado se dá a partir de relações contextuais (suas possibilidades de combinação nas sentenças). Além disso, devem ser levados em conta a forma e também os aspectos gramaticais e semânticos para a determinação de um item lexical, bem como o funcionamento do item no eixo sintagmático.

Ainda, de acordo com Cruse (1986), as características combinatórias das palavras em enunciados são limitadas não apenas por seus significados, mas também por suas propriedades gramaticais. Essa afirmação pode ser exemplificada com Pinker (1989), acerca dos verbos. Pinker argumenta que os verbos são seletivos, isto é, nem todos os verbos podem aparecer em todas as frases, mesmo quando as combinações fazem todo o sentido. Isso significa dizer que tanto o significado do verbo quanto as propriedades gramaticais são responsáveis por suas relações sintáticas.

A vertente que observa os itens lexicais em relação com suas estruturas sintáticas é também chamada, por Levin e Rappaport-Hovav (1995), de *interface sintaxe-semântica lexical*. Como o nome sugere, essa vertente observa as relações entre o significado dos itens lexicais e a sintaxe. Nessa interface de estudo, o conceito de *lexicalização* é bastante utilizado para referir-se às categorias conceptuais. De acordo com Brinton e Traugott (2005, p. 19) “O termo ‘lexicalização’, no sentido sincrônico, refere-se à extensão em que existem ligações entre a representação conceptual e a sintaxe, e como a natureza de tais ligações pode ser formalizada.”⁹. Estudos desse gênero podem ser encontrados em Jackendoff (1990), que formaliza uma *semântica conceptual*, também em Rappaport-Hovav e Levin (2010), que analisam como uma raiz lexical pode ser associada a “esquema de eventos”. Ainda, em outra perspectiva, Talmy (1985; 2000) observa, a partir de eventos de movimento, que as línguas do mundo podem ser classificadas segundo padrões tipológicos de lexicalização. Em sua própria concepção, a “[...] lexicalização está envolvida onde um determinado componente de significado é encontrado em associação regular com um morfema particular.”¹⁰ (TALMY, 1985, p. 59)

As referidas categorias conceptuais são um tipo de metalinguagem que os semanticistas utilizam para a decomposição de predicados. Em Rappaport-Hovav e Levin (2010)¹¹, são encontrados predicados como ACT, CAUSE, STATE e BECOME¹², que pertencem à categorias ontológicas como MANNER, INSTRUMENT¹³, entre outros componentes. Como se pode observar, a decomposição de predicados em primitivos é formada por uma estrutura complexa que possui elementos *default* do sentido dos verbos. Por exemplo, MANNER é o constituinte que indica o modo como uma entidade pode se mover, e é um primitivo básico para os verbos desse tipo, e que apresentam algum comportamento sintático-semântico semelhante.

Posto isso, podemos nos voltar ao estudo e estabelecimento de classes verbais, um dos trabalhos desenvolvidos pela Semântica Lexical, e que também propomos nesta pesquisa. Como já observado, uma descrição do léxico capaz de precisar as relações mantidas entre ele e a gramática é relevante porque parece ser mais eficiente em termos de reconstrução do

⁹ Tradução livre, no original: “The term ‘lexicalization’ in the synchronic sense refers to the extent to which there are links between conceptual representation and syntax, and how the nature of such links may be formalized.” (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 19)

¹⁰ Tradução livre, no original: “[...] lexicalization is involved where a particular meaning component is found to be in regular association with a particular morpheme.”¹⁰ (TALMY, 1985, p. 59)

¹¹ Outras categorias de predicados são encontrados, por exemplo, em Pinker (1989) e Jackendoff (1990).

¹² AGIR, CAUSAR, ESTADO, TORNAR.

¹³ MODO, INSTRUMENTO.

conhecimento linguístico do falante. Em grande medida, certos comportamentos linguísticos são reflexos gramaticais de propriedades lexicais mais básicas, portanto, primitivas, cujo detalhamento pode ser o caminho para fazermos predições interessantes sobre a estrutura linguística e sobre a estrutura conceptual. Assim, o objetivo do estabelecimento de classes verbais é reunir itens lexicais que apresentem um comportamento semântico semelhante, e que possuam propriedades sintáticas equivalentes.

Um importante trabalho desenvolvido no estabelecimento de classes de verbos foi realizado por Levin (1993), no livro intitulado “English Verb Classes and Alternations”, em que a autora desenvolve um amplo estudo sobre as classes verbais da língua inglesa e seus processos de alternância. A obra é basicamente dividida em duas partes, que, segundo a autora, refletem a natureza do conhecimento lexical. A primeira parte apresenta uma lista de alternâncias de diátese e a segunda, uma lista de classes verbais descritas sintática e semanticamente. A alternância de diátese, de acordo com Cançado e Amaral (2016, p. 69), significa o mesmo que alternância verbal, e “se refere à possibilidade de um verbo apresentar mais de uma representação da estrutura argumental e diferentes formas de transitividade para denotar diferentes perspectivas de um mesmo evento no mundo.”

O estudo desenvolvido por Levin (1993) relativo às classes verbais é considerado pioneiro e possui um grande valor para o estudo de verbos, visto que realiza uma extensa descrição de classes verbais do inglês. Indispensavelmente, destacamos que a autora busca descrever o conhecimento lexical dos falantes acerca dos verbos ingleses.

Levin (1993) aponta que o comportamento dos verbos é em grande parte determinado por seu significado. A autora argumenta que o conhecimento que um falante demonstra em relação aos itens lexicais sugere que há mais no conhecimento lexical do que o conhecimento de propriedades idiossincráticas específicas de palavras. Diversos exemplos (cf. LEVIN, 1993) expostos pela pesquisadora indicam que o conhecimento do falante acerca das propriedades de um verbo vai além da simples consciência de expressão de seus argumentos. Por exemplo, os falantes do inglês “sabem que verbos como *spray* [borrifar] e *load* [carregar] podem expressar seus argumentos de duas maneiras diferentes, exibindo a chamada *alternância locativa*”¹⁴. (LEVIN, 1993, p. 02). Esse tipo de alternância pode ser visto nos exemplos a seguir, de Levin (1993, p. 02):

¹⁴ Tradução livre, no original: “[...] know that verbs such as *spray* and *load* may express their arguments in two different ways, displaying the so-called *locative alternation*.” (1993, p. 02):

(3)

- a. Sharon sprayed water on the plants.¹⁵
- b. Sharon sprayed the plants with water.¹⁶

- a'. The farmer loaded apples into the cart.¹⁷
- b'. The farmer loaded the cart with apples.¹⁸

A partir de discussões realizadas e de vários exemplos, a autora postula que os estudos de alternâncias de diátese mostram que os verbos em inglês e outros idiomas podem ser classificados com base em componentes compartilhados de significado. Segundo Levin (1993), as classes verbais são definidas em razão de que um conjunto de verbos com um ou mais componentes de significado compartilhados mostra comportamento semelhante.

Por exemplo, os verbos *break* (quebrar), *cut* (cortar), *hit* (atingir) e *touch* (tocar) analisados pela pesquisadora, são, de acordo com ela, transitivos, tomando dois argumentos expressos como sujeito e objeto, mas apresentam mais características em comum. Levin explica que *touch* é um verbo “puro de contato”, *hit* é um verbo de “contato por movimento”, *cut* é um verbo de “causar uma mudança de estado movendo algo em contato com a entidade que muda de estado” e *break* é um verbo “puro de mudança de estado”. Ela explica que essas caracterizações não pretendem esgotar o significado desses verbos; em vez disso, eles capturam os aspectos de significado que servem para distinguir os verbos que participam das alternâncias discutidas. Essas noções de *movimento*, *contato*, *mudança de estado* e *causalidade* que figuram nessas caracterizações devem ser levadas em conta na seleção de uma representação lexical do significado do verbo.

A autora sustenta que as distinções induzidas pelas alternâncias de diátese ajudam a fornecer *insights* sobre o significado do verbo e, mais genericamente, sobre a organização do léxico verbal em inglês, que pode não ser aparente, trazendo semelhanças inesperadas e diferenças entre os verbos. Ainda, esclarece que, em termos metodológicos, as alternâncias de diátese podem ser usadas para fornecer uma investigação dos elementos que entram na representação lexical do significado da palavra. Levin salienta que essa técnica de análise é importante para investigar o significado das palavras, pois pode ser muito difícil definir os significados das palavras usando apenas a intuição.

¹⁵ Sharon borrifou água nas plantas.

¹⁶ Sharon borrifou as plantas com água.

¹⁷ O fazendeiro carregou maçãs no carrinho.

¹⁸ O fazendeiro carregou o carrinho com maçãs.

Como pudemos observar, o estabelecimento de classes verbais é muito importante para os estudos lexicais, e segundo Cançado e Amaral (2016), a descrição de classes é um dos objetivos centrais dos pesquisadores da área. Essa organização do léxico em grupos com propriedades semânticas regulares e propriedades sintáticas equivalentes é de grande relevância, como observado no trabalho de descrição de classes de Levin (1993) que ilustra como as alternâncias de diátese podem ajudar na compreensão do significado verbal e de seu comportamento gramatical.

Para Levin (1993, p. 01), “o comportamento verbal pode ser usado efetivamente para investigar aspectos pertinentes linguisticamente relevantes do significado do verbo”.¹⁹ Segundo a autora, uma teoria do conhecimento lexical deve fornecer verbetes lexicais linguisticamente motivados para verbos que incorporem uma representação do significado do verbo e que permitam que os significados dos verbos sejam apropriadamente associados às expressões sintáticas de seus argumentos. Nesse sentido, esses estudos também são importantes para que se façam conexões entre a organização do conhecimento lexical e a interface léxico e gramática, pois pesquisas desse gênero oferecem uma maior amplitude do conhecimento lexical, já que, além de critérios semânticos, as classes são definidas de acordo com padrões gramaticais e comportamento linguístico compartilhados entre os integrantes das classes.

2.2 VERBOS DE MOVIMENTO

O *Evento de Movimento*, para Talmy (2000), é constituído por alguns elementos semânticos: um objeto (FIGURA) que se move em relação a outro objeto (objeto de referência ou FUNDO); a TRAJETÓRIA percorrida pela figura em relação ao objeto fundo; o MOVIMENTO, que se refere à presença *per se* de movimento. O autor ainda considera dois co-eventos que podem ser associados ao evento de movimento: o MODO do movimento e a CAUSA do movimento.

(4) *Maria desceu a rua correndo.*

Em (1) podemos observar o evento de movimento segundo a proposta de Talmy (2000). *Maria* é a FIGURA que se move; *a rua* é o FUNDO (ponto de referência para o

¹⁹ Tradução livre, no original: “verb behavior can be used effectively to probe for linguistically relevant pertinent aspects of verb meaning.” (LEVIN, 1993, p. 01)

movimento realizado pela FIGURA); o verbo *descer* indica o MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA “para baixo”; e *correndo* expressa o MODO como o movimento foi realizado. Talmy utiliza os primitivos MOVE para representar os eventos em que há movimento (deslocamento), e BEloc para a não ocorrência de movimento translacional (localização), considerando ambos como constituintes do evento de movimento. Entretanto, nesta pesquisa, nos atemos apenas aos eventos que denotam movimento com deslocamento, e não aos de localização, pois não entram no escopo deste trabalho.

A teoria talmiana tem como objeto de estudo a raiz verbal, em que se observa os tipos de lexicalização que envolvem um único morfema. Talmy assegura que, a partir do evento de movimento, pode-se caracterizar as línguas em *padrões tipológicos de lexicalização*. O autor classifica as línguas em três padrões tipológicos principais: língua com *frame no verbo*, língua com *frame no satélite* e língua com *frame na figura*. As línguas com *frame no verbo* são aquelas em que a raiz verbal expressa concomitantemente o MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA; as línguas com *frame no satélite* são as que codificam MOVIMENTO mais um co-evento que pode ser MODO/CAUSA do movimento, e a TRAJETÓRIA é expressa no satélite. As línguas com *frame na figura* são as que codificam FIGURA e MOVIMENTO no verbo.

Frame no satélite:

(5) “The rock *slid/rolled/bounced* down the hill.”²⁰ (Talmy, 2000, p. 28)

Em (5), podemos observar, conforme Talmy, o padrão tipológico de língua com *frame no satélite*, nesse caso, exemplificado pela língua inglesa. No exemplo, *rock* (pedra) é a FIGURA que se move; os verbos *slid/rolled/bounced* (deslizou/rolou/quicou) codificam o MOVIMENTO e o MODO do movimento; o FUNDO *hill* (morro) é o ponto de referência para o movimento; e a TRAJETÓRIA é marcada pelo satélite *down* (abaixo).

Talmy caracteriza como satélite os elementos semânticos de superfície como adposições, afixos, orações subordinadas. Para o autor, satélite “É a categoria gramatical de qualquer constituinte que não seja uma frase nominal, preposicional ou um complemento e que esteja em relação de irmã à raiz do verbo.” (TALMY, 2000, p. 102)²¹ Em suma, nesse padrão, a TRAJETÓRIA é expressa em um satélite que é um elemento que, embora externo ao verbo, está relacionado a ele. De acordo com o autor, esse padrão é característico da língua

²⁰ A pedra deslizou/rolou/quicou ladeira morro abaixo.

²¹ Tradução livre, no original: “It is the grammatical category of any constituent other than a noun-phrase or prepositional-phrase complement that is in a sister relation to the verb root.” (TALMY, 2000, p. 102)

inglesa, como observado em (5), e em línguas como chinês, ojibwa (língua de um tribo indígena da América do Norte), entre outras.

Frame no verbo:

(6) La botella entró a la cueva (flotando).²² (Talmy, 2000, p. 49)

Na sentença em (6), temos, segundo Talmy, um tipo de língua com *frame no verbo*, em que TRAJETÓRIA e MOVIMENTO são codificados na raiz verbal. Esse padrão de língua é característico de línguas como o espanhol, visto em (6), bem como o turco, coreano, semítico, polinésio e outras. Em (6), o verbo *entró* expressa o MOVIMENTO realizado pela FIGURA (*botella*) e também a TRAJETÓRIA (para dentro). Nesse tipo de língua, Talmy afirma que um co-evento (MODO/CAUSA) é expresso como um constituinte independente, em construções gerundivas ou adverbiais. Dessa forma, o MODO é indicado pela expressão gerundiva *flotando*.

O padrão de *frame na figura*, de acordo com Talmy (2000), é típico da língua da Califórnia chamada Atsugewi. Nesse tipo de língua, o MOVIMENTO e a FIGURA são expressos na própria raiz do verbo. Prefixos podem indicar o tipo de evento que causou o MOVIMENTO, e os sufixos podem indicar a TRAJETÓRIA do movimento. Talmy (2000, p. 58-59) traz exemplos que mostram o funcionamento desse padrão. Expomos alguns a seguir:

Frame na figura:

(7) *Raiz verbal de atsugewi que funde figura + movimento:*

-lup- para um objeto esférico brilhante pequeno (por exemplo, um doce redondo, um globo ocular, um granizo)

-i- 'para um objeto pequeno e plano que pode ser afixado funcionalmente (por exemplo, um selo, um retalho de roupas, um botão)

-swal- 'para um objeto linear flácido suspenso por uma extremidade (por exemplo, uma camisa em um varal, um coelho morto pendurado).

Prefixo de causa: ca- 'do vento soprando na figura'

Conjunto de afixação flexional: ' - w - -^a '3^a pessoa – sujeito; factual mood'

Sufixo direcional: -ic't 'para o líquido'

²² A garrafa entrou na caverna (flutuando).

a) /s-‘-w-cu-st’aq’-cis-^a/ → [s’cust’aqc^ha] (Talmy, 2000, p. 59)

Segundo o autor, o exemplo acima, literalmente, significa: “I caused it to runny icky material move into fire by acting on it with a linear object moving axially.”²³

Talmy assegura que esse padrão não é tão representativo, pois são raras as línguas que lexicalizam *frame na figura*. Ele destaca a língua Atsugewi, mas esse fenômeno também pode ser sub-representado em outras línguas, como o próprio português brasileiro. Santos Filho (2018) afirma que esse padrão pode ser verificado no PB, com menor complexidade quando comparado ao idioma Atsugewi, com verbos como *nevar*, *cabecear*, *espernear*, entre outros que expressam uma FIGURA em movimento. O autor elenca alguns verbos do PB em que os elementos semânticos MODO + MOVIMENTO + FIGURA são lexicalizados, e que, segundo ele, caracterizam a expressão mista de modo²⁴. Verbos como *açoiatar*, *pedalar*, *patinar*, *serpenteiar*, entre outros, podem ser verificados em Santos Filho (2018), onde ainda se encontram exemplos de uso como: “b) Quem nunca **patinou** no sabão limpando a casa não sabe o que é felicidade!!!” (SANTOS FILHO, 2018, p. 291, grifo acrescentado); “b) O Benjamin **serpenteou** no Velho Chico para desviar dos bancos de areia”. (SANTOS FILHO, 2018, p. 292, grifo acrescentado). Esses exemplos evidenciam que além de movimento há a expressão de modo de movimento combinado com uma FIGURA em PB: **patinar**: mover-se deslizando como com *patins* (modo)) (**serpenteiar**: mover-se fazendo curvas como uma *serpente* (modo)).

Como observamos, o trabalho de Talmy sobre o *Evento de Movimento* é bastante expressivo por caracterizar as línguas em padrões de lexicalização. Em síntese, o *Evento de Movimento* para o autor é integrado por quatro componentes: uma FIGURA que se move em relação a um objeto de referência ou FUNDO, a TRAJETÓRIA e o MOVIMENTO. Esse esquema básico, segundo ele, possibilita a classificação das línguas em padrões tipológicos. Entretanto, conforme o próprio Talmy pondera, essas classificações das línguas em padrões tipológicos não significam que uma língua apresenta um único padrão (como também ilustra Santos Filho (2018) acerca do PB), mas que há um padrão mais prototípico de lexicalização em cada língua ou entre famílias de línguas.

Sob outra perspectiva, a *Semântica Conceptual* de Jackendoff (1983; 1990) tem como empreendimento o estudo do nível de representação mental, chamado de estrutura conceptual,

²³ Tradução livre: “Eu fiz com que o material nojento escorregasse para o fogo, agindo sobre ele com um objeto linear movendo-se axialmente.”

²⁴ O estudo de Santos Filho (2018) focaliza a expressão de modo de movimento no PB.

que, segundo o autor, codifica o mundo da forma que os humanos o conceptualizam. Desse modo, conforme Jackendoff (1990), a semântica conceptual preocupa-se com a forma das representações mentais internas que constituem a estrutura conceptual e com as relações formais entre esse nível e outros níveis de representação, sendo considerada paralela às estruturas sintáticas ou fonológicas.

Jackendoff (1983; 1990) propõe uma organização básica para a estrutura conceptual, que inclui as categorias conceptuais: ENTIDADE, EVENTO, ESTADO, AÇÃO, LUGAR, TRAJETÓRIA, PROPRIEDADE e QUANTIDADE²⁵, que são as “partes semânticas do discurso”, e que são organizadas seguindo regras de formação do tipo FUNÇÃO-ARGUMENTO. Ainda, expõe que cada categoria permite uma variedade de formações específicas, denominadas de regras de formação especializadas. As mais importantes para o domínio espacial são:

(8)

- a) [LUGAR] → [Lugar FUNÇÃO-LUGAR([ENTIDADE])]
- b) [TRAJETÓRIA] → [trajetória {PARA/DE/EM DIREÇÃO A/DISTANTE DE/VIA} ([ENTIDADE/LUGAR])]
- c) [EVENTO] → [Evento IR ([ENTIDADE], [TRAJETÓRIA])]
[Evento FICAR ([ENTIDADE], [LUGAR])]
- d) [ESTADO] → [Estado ESTAR ([ENTIDADE],[LUGAR])]
[Estado ORIENTAR ([ENTIDADE], [LUGAR])]
[Estado EXTENSÃO ([ENTIDADE]), [TRAJETÓRIA])]
- e) [EVENTO] → [Evento CAUSA ([{ENTIDADE}], EVENTO)]
([{EVENTO})]

(Adaptado de Jackendoff, 1990, p. 43)

Jackendoff explica que a categoria conceptual de LUGAR, em (8a) fornece um constituinte conceptual que pertence à categoria LUGAR, e pode ser elaborado como uma FUNÇÃO-LUGAR junto com um argumento que pertence à categoria ENTIDADE. O argumento serve como um ponto de referência espacial e a FUNÇÃO-LUGAR define uma região espacial. Ele exemplifica que, na expressão *sob a mesa*, o argumento *a mesa* designa um objeto de referência e *sob* expressa uma função-lugar que mapeia a *mesa* na região abaixo dela. A categoria TRAJETÓRIA, exposta em (8b) elabora um caminho ou uma trajetória como uma das cinco funções (PARA/DE/EM DIREÇÃO A/DISTANTE DE/VIA) que

²⁵ THING, EVENT, STATE, ACTION, PLACE, PATH, PROPERTY e AMOUNT.

mapeiam uma coisa ou lugar de referência em uma trajetória relacionada. O autor explica que um caminho com referência é *para casa*; um caminho com um lugar de referência é *debaixo da mesa*, onde a trajetória começa no lugar "debaixo da mesa". A regra para a categoria de EVENTO em (8c) é formada pelos constituintes IR e FICAR, cada um com dois argumentos. Os argumentos de IR, que denota movimento ao longo de um caminho, são o objeto em movimento e o caminho/trajetória que ele percorre. Os argumentos de FICAR, que denota um evento estático, são o objeto parado e sua localização. (8d) fornece três funções de estado: ESTAR, usado para especificar a localização de objetos; ORIENTAR, para especificar a orientação dos objetos; e EXTENSÃO, para a extensão espacial de objetos lineares ao longo de uma trajetória; e (8e) elabora um Evento como a função CAUSA mais dois argumentos. O primeiro argumento, um objeto (agente) ou um evento (causa); e o segundo argumento é um evento.

A partir do exposto, podemos observar que a categoria que contempla o movimento, em Jackendoff (1990), é a estrutura conceptual de EVENTO exposta em (8c). Essa categoria conceptual é formada pelo constituinte IR, em uma estrutura eventiva, que seleciona dois argumentos que denotam movimento ao longo de um caminho, sendo que um é o objeto ENTIDADE em movimento, o outro a TRAJETÓRIA que o objeto (ENTIDADE) percorre:

(9) [Evento IR([ENTIDADE], [TRAJETÓRIA])]

Jackendoff (1990, p. 45) apresenta também a relação entre a estrutura sintática e a estrutura conceptual a seguir:

(10)

Estrutura sintática: [S [NP John] [VP ran [PP into [NP the room]]]]

Estrutura conceptual: [Evento IR ([Entidade JOHN], [Trajetória TO ([Lugar IN ([Entidade ROOM])])])]

(Adaptado de Jackendoff, 1990, p.45)

Conforme o autor, o verbo expressa a função IR (movimento), que requer dois argumentos, um objeto que se move e a trajetória que especifica o trajeto do movimento. O sujeito da sentença corresponde ao primeiro argumento de IR, e o PP corresponde ao segundo argumento. Jackendoff explica que o segundo argumento é composto pela função-trajetória

TO, que toma um lugar como seu argumento, e o lugar se decompõe na função-lugar IN e um argumento de entidade expresso pelo objeto da preposição.

Segundo Jackendoff (1990), as condições de boa formação da estrutura conceptual exigem que o argumento TRAJETÓRIA esteja presente na estrutura conceptual, mesmo que não seja expresso sintaticamente. Assim, uma sentença como “John run”, apresenta uma trajetória implícita, significando que “John atravessou uma trajetória” que não é especificada na sentença.

Jackendoff (1990, p. 88-89) também elabora a estrutura semântica para os verbos de modo de movimento:

(11) [Evento MOVER ([ENTIDADE])] ²⁶

De acordo com (Jackendoff, 1990, p.89), esses verbos descrevem o movimento de um objeto, mas não implicam uma trajetória, como podemos observar nas sentenças a seguir:

(12)

- a) Willy wiggled. ²⁷
- b) Debbie danced. ²⁸
- c) The top spun. ²⁹

O autor salienta que as sentenças acima descrevem apenas o movimento interno do sujeito, sem implicar localização, mudança de localização ou configuração com relação a qualquer outro objeto, o que sugere que a função MOVER é monoargumental.

Como visto, Jackendoff (1990; 1983) trata os verbos de modo de movimento como uma classe única, e os diferencia dos verbos de trajetória pelo fato de aqueles não apresentarem tal componente semântico. De outro modo, Levin e Rappaport-Hovav (1995) propõem que os verbos de movimento podem ser classificados em três subgrupos distintos: *verbos de movimento inerentemente direcionado* e verbos do tipo “run” (correr) e do tipo “roll” (rolar), estes últimos indicam *modo movimento*.

Os verbos do tipo “rolar” segundo as autoras, são inacusativos quando causados externamente. Conforme Cambrussi (2009, p. 11), a noção de causa pode ser entendida em uma sentença como “Um convidado quebrou o vaso”. A autora explica que a sentença evidencia a perspectiva causativa do evento, em que se tem uma entidade desencadeadora,

²⁶ [Event MOVE ([Thing])]

²⁷ Willy se mexeu.

²⁸ Debbie dançou.

²⁹ O pião girou.

outra entidade afetada e uma ação que resulta na mudança de estado da entidade afetada pelo evento que o verbo expressa. A causação externa, especificamente, refere-se a uma entidade externa que age sobre a entidade afetada, como na sentença acima, em que o convidado age sobre o vaso, resultando na mudança de estado (vaso inteiro → vaso quebrado). Quanto à inacusatividade, Cambrussi (2009) afirma que se refere aos verbos de argumento único (interno) e que não atribuem caso acusativo a seu argumento.

Segundo Levin e Rappaport-Hovav, (1995, p. 189) os verbos do tipo “rolar” podem, ao contrário dos verbos do tipo “correr”, ser usados causativamente, ou seja, podem exprimir causa, mesmo na ausência de uma frase direcional, como nos exemplos abaixo:

(13)

- a) A bola de boliche rolou (para dentro do quarto).
- b) O jogador rolou a bola de boliche (para dentro do quarto).

Conforme as autoras, o que define um verbo como do tipo “rolar” ou do tipo “correr” é que, os do tipo “correr” são necessariamente agentivos e considerados inergativos. Sobre inergatividade, Cambrussi (2009), declara que os verbos deste tipo são classificados como primitivamente intransitivos. Também, diferentemente dos verbos inacusativos, os inergativos selecionam um único argumento (externo) e expressam eventos causados internamente. (CAMBRUSSI, 2009).

Para Rappaport-Hovav e Levin (1995), os verbos de *modo de movimento* podem aparecer regularmente com frases direcionais, resultando na especificação da direção e do modo de movimento. Já os verbos de movimento inerentemente dirigido (verbos de movimento com trajetória) são lexicalmente delimitados e seu significado envolve uma mudança de localização. Sobre essa classe, discorreremos com mais detalhes na próxima seção.

Outro teórico que aborda o problema do significado verbal é Pinker (1989), que elabora, a partir de estudos cognitivos, uma possível solução para o “paradoxo de Baker”. Esse paradoxo se origina de questionamentos sobre o aprendizado/aquisição da estrutura argumental pelas crianças, especificamente, como aprendem o comportamento sintático dos verbos. Por exemplo, como as crianças concebem a alternância causativa lexical, com verbos como “rolar” e “chorar” (PINKER, 1989, p. 8):

(14)

- a) The ball rolled.³⁰
- b) John rolled the ball.³¹
- c) The baby cried.³²
- d) *John cried the baby.³³

Com foco na aquisição da linguagem, Pinker busca compreender como as estruturas argumentais são adquiridas e por que os verbos são combinados com estruturas argumentais particulares. A partir do questionamento: “O que os verbos querem?”³⁴, o autor propõe uma teoria de representação semântica, e apresenta e justifica uma descrição explícita das estruturas representacionais para significados e regras verbais, pontos sobre os quais recai nosso interesse.

Pinker (1989) afirma que a partir do desenvolvimento das teorias da linguagem, tornou-se evidente que muitos dos fatos da gramática são causados por propriedades dos itens lexicais específicos que entram em sentenças. Ele argumenta que “Para obter sentença, não é suficiente selecionar as palavras adequadas e agrupá-las em uma ordem que transmita as relações de significado entre elas.” (PINKER, 1989, p. 3)³⁵. Por exemplo, conforme o teórico, a estrutura argumental de *cair*, de *jantar* e da versão intransitiva de *comer*, especificaria que somente um sujeito é permitido. Nesse sentido, ele assevera que os verbos são seletivos; nem todos os verbos podem aparecer em todas as frases, mesmo quando as combinações fazem todo o sentido. Assim, os itens lexicais carregam informações além do significado, como informações de estrutura argumental, que determina quando um verbo pode ser utilizado em uma construção sentencial e não em outra.

De acordo com Pinker, as propriedades dos verbos em diferentes subcategorias são especificadas por suas entradas no léxico mental, em estruturas de dados chamadas de estruturas argumentais. De acordo com ele,

“*uma entrada lexical* de um verbo especifica uma associação entre (a) informação morfológica (os morfemas de que é composta, se for multimorfêmica); (b) formação fonológica (o som dos morfemas); informação sintática, incluindo (c) sua categoria discursiva e (d) sua estrutura argumental, a especificação das propriedades sintáticas

³⁰ A bola rolou.

³¹ John rolou a bola.

³² O bebê chorou.

³³ *John chorou o bebê.

³⁴ No original: “[...] what do verbs want?” (PINKER, 1989, p. 5)

³⁵ Tradução livre, no original: “To get a sentence, it is not enough to select the appropriate words and string them together in an order that conveys the meaning relationships among them.” (PINKER, 1989, p. 5)

de seus argumentos que são expressos na sentença; e (e) seu significado ou *estrutura semântica*.”³⁶ (PINKER, 1989, p. 71, grifos no original)

Todas essas propriedades elencadas pelo autor evidenciam a complexidade do léxico mental, que como já discutimos, não é formado apenas por “palavras”, mas por informações que se articulam e se entrecruzam, e determinam o uso do item lexical em eixos sintagmáticos específicos.

Pinker mostra que estruturas argumentais estão associadas a propriedades semânticas características. Ele supõe que cada estrutura argumental está associada a um ou mais núcleos temáticos, e um núcleo temático é uma esquematização de um tipo de evento ou relação que está no cerne dos significados de uma classe de verbos possíveis. Para Pinker, o núcleo temático de uma estrutura argumental é um exemplo do que Talmy (1985) chama de *fusão (conflation)* de elementos semânticos, definidos em um *campo semântico (semantic field)* no qual os elementos recebem uma interpretação específica. De acordo com o autor, cada *fusão* define um conjunto de possíveis predicados de uma língua, ou uma classe de fusão (*conflation class*). Assim, os possíveis elementos semânticos consistem em variáveis representando os participantes no evento (X, Y e Z) e as funções semânticas elementares “agir”, “causar”, “ir” e outras. E, em vez de rotular os participantes com papéis temáticos (agente, paciente etc.), estes podem, conforme Pinker, ser distinguidos pelos espaços de argumentos que preenchem funções elementares.

Pinker sugere que a solução para o paradoxo de Baker, recorrendo às classes verbais semanticamente definidas, é possível porque as crianças precisam aprender os significados dos verbos. Assim, o princípio para o uso correto da sintaxe partiria do significado verbal, uma vez que, para utilizar verbos como *derramar e espirrar* , ou *jogar e puxar* , em situações apropriadas, as crianças têm que aprender a diferença de significado entre eles, independentemente da sintaxe. Assim, as informações que determinam que um verbo pode ser usado em uma situação e não em outra se originam do significado do verbo, e, a partir disso, o falante deve decidir se o "significado de um verbo" é "compatível" com uma *classe de fusão* . Desse modo, a criança deve decidir/identificar³⁷ que *cortar* é um predicador *causativo* para adquirir o uso sintático correto do verbo *cortar* . Para isso, a criança deve compreender que o

³⁶ Tradução livre, no original: “[...] a *lexical entry* of a verb specifies an association among (a) morphological information (the morphemes it is composed of, if it is multimorphemic); (b) phonological information (the sound of the morphemes); syntactic information, including (c) its part-of-speech category and (d) its argument structure, the specification of the syntactic properties of those of its arguments that are expressed in the sentence; and (e) its meaning, or *semantic structure* .” (PINKER, 1989, p. 71)

³⁷ Nesse contexto, decidir ou identificar o uso de um item lexical são processos cognitivos que as crianças fazem, de modo inconsciente, a partir dos dados advindos do *input* linguístico.

efeito de *cortar* resulta na mudança de estado da entidade afetada. Por exemplo, *João cortou a grama*, denota que o agente, “João”, causou uma “mudança de estado” na entidade “a grama”: *grama inteira* → *grama cortada*. Assim, de acordo com o teórico, se a criança compreende o significado de *cortar*, compreende em quais situações poderá utilizá-lo.

Nessa lógica, a criança aprenderia, em princípio, o significado do verbo, para depois aprender sua estrutura argumental. Assim, se ela não souber o significado de um verbo, não saberá usá-lo corretamente. Essa hipótese é paralela à posição assumida por Levin (1993), que defende que o significado do verbo é amplamente responsável por seu comportamento gramatical, ou seja, sua combinação em sentenças. Por esses apontamentos, podemos raciocinar que o significado dos itens lexicais é um aspecto determinante para a formação do conhecimento linguístico do falante acerca da língua, no que se refere ao conhecimento gramatical.

Pinker considera que pode haver um pequeno conjunto de elementos recorrentes nas línguas e entre elas, responsável por distinções de significado sintaticamente relevantes, isso é o que ele chama de hipótese do Subsistema Gramaticalmente Relevante (Grammatically Relevant Subsystem hypothesis). Assim, ele propõe uma teoria de decomposição lexical que decompõe o léxico em elementos menores de significado. Pinker esboça uma teoria que, segundo ele, é próxima de Talmy (1983, 1985, 1988) e Rappaport e Levin (1985), e Levin e Rappaport (1986), entre outros teóricos, mas a que ele mais se apoia é a teoria de Jackendoff (1975, 1978, 1983, 1987), propondo que há um conjunto de categorias conceituais de maneira semelhante ao que se encontra na proposta de Jackendoff. Pinker considera também o conjunto de elementos semânticos proposto por Talmy, que seriam empregados por um grande número de verbos em vários idiomas e sintaticamente relevantes: *um evento principal: estado ou movimento; trajetória, direção e localização; causa; modo; propriedades de um tema ou ator; distribuição temporal (aspecto e fase); propósito; correferencialidade (“personificação”); e valor de verdade (polaridade e factividade)*.

A partir dessas considerações, o autor esboça uma teoria decomposicional do léxico em estrutura arbórea. Ele descreve representações explícitas para subclasses verbais que abrangem muitos verbos; analisa diversas classes semânticas e expõe representações para várias classes verbais. Essas representações incluem seis constituintes conceituais: EVENTO, ESTADO, ENTIDADE, LOCAL, TRAJETÓRIA/CONFIGURAÇÃO, MODO³⁸; dois recursos binários que definem predicados para tipos de eventos ou estados – *dinâmico* e

³⁸EVENT, STATE, THING, PLACE, PATH/CONFIGURATION, MANNER

controle que definem IR, ESTAR, AGIR, TER³⁹. Também, elenca seis características de força-dinâmica binária, que definem relações de subordinação causais (foco, potência, causa-ocorrência, efeito-ocorrência, intenção e deôntico), além de noções temporais, funções-lugar (em, dentro, sobre, em torno de, acima, sob, perto de)⁴⁰, funções-trajetória (para, de, em direção a, distante de), e propriedades de objeto (humano, 2D, semissólido). (PINKER, 1989, p. 246) Essas propriedades de objeto são representadas por recursos específicos, aos quais as regras lexicais podem ser sensíveis, como: *animado* ou *inanimado*; *humano* ou *não-humano*, *forma* (extensão ou dimensão), *massa*, *rigidez* e *substância*.

De acordo com Pinker, as principais categorias sintáticas (sintagmas) devem corresponder a categorias conceptuais completas: NPs podem expressar qualquer categoria conceptual, e corresponder às ENTIDADES (THINGS); PPs expressam LUGARES e TRAJETÓRIAS; VPs expressam EVENTOS e ESTADOS; assim, essas regras de correspondência especificam como as frases podem representar componentes semânticos. Para o autor, estruturas de sentenças são bem formadas apenas se contiverem sintagmas correspondentes às categorias conceptuais selecionadas pelo verbo.

Os constituintes e funções conceptuais para *eventos de movimento* são representados pela estrutura abaixo:

Figura 5 – Estrutura arbórea para eventos de movimento



Fonte: Pinker (1989, p. 177)

O constituinte GO⁴¹ “IR” define o tipo de evento, THING mapeia uma ENTIDADE e PATH uma TRAJETÓRIA. Assim, a formação conceptual dessa estrutura declara que um evento pode consistir em uma entidade movendo-se ao longo de um caminho, como se pode verificar na figura acima. Essas informações são diferenciadas por seus rótulos e posições na estrutura arbórea.

A categoria TRAJETÓRIA (PATH) pode ser expandida como na figura 6, abaixo. Sua estrutura define uma TRAJETÓRIA com relação a um objeto de referência

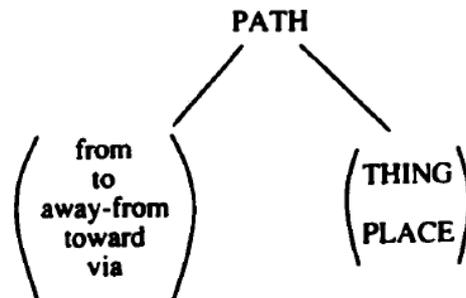
³⁹ GO, BE, ACT, HAVE.

⁴⁰ At, in, on, around, over, under, near.

⁴¹ O primeiro constituinte da estrutura define o tipo de evento GO, HAVE, ACT, BE.

ENTIDADE/LUGAR (THING/PLACE), e a *função-trajetória* especifica um caminho ou direção: *from/ to/ away-from/ toward/via* (a partir de/ para/ longe de/ em direção a/ através de) com relação ao objeto de referência.

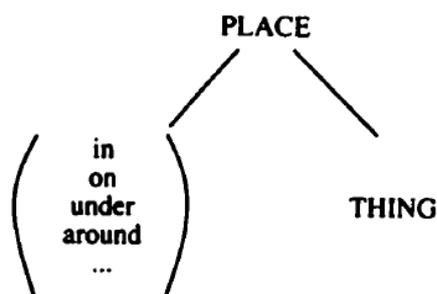
Figura 6 – Estrutura da categoria TRAJETÓRIA (PATH)



Fonte: Pinker (1989, p. 177)

Ainda, a estrutura de LUGAR (PLACE) codifica uma região definida em relação a um objeto, que pode ser o interior do objeto, seus arredores ou uma de suas superfícies. Assim, um LUGAR é definido especificando um objeto e uma "função de lugar", como 'on', 'under', 'near', 'around' (em, abaixo, perto, ao redor). Sobre essas preposições, Pinker adverte que são mnemônicos⁴² para diferentes funções de caminho e lugar, mnemônicos porque as correspondências são inexatas, e podem ser expressas por outras preposições.

Figura 7 – Estrutura da categoria LUGAR (PLACE)



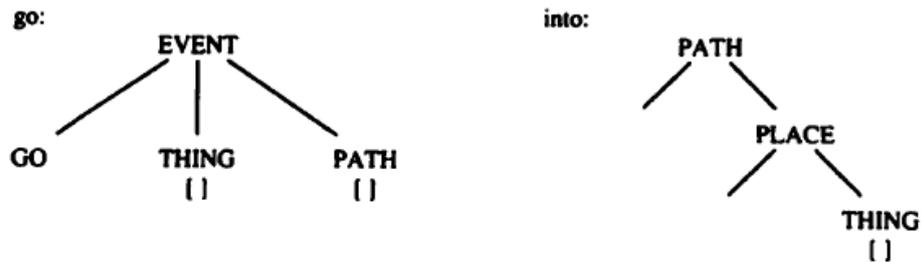
Fonte: Pinker (1989, p. 178)

De acordo com o Pinker, para ir de uma estrutura conceptual genérica para uma estrutura semântica adequada para a entrada lexical de um verbo tomando um argumento, é necessário indicar qual dos constituintes conceptuais pode servir como um "argumento aberto", ligado a um papel sintático na estrutura argumental do verbo (PINKER, 1989, p.178).

⁴² O autor utiliza o termo mnemônico para designar os representantes de uma estrutura complexa.

Regras de ligação (*linking rules*) permitiriam o mapeamento de argumentos abertos, indicados por colchetes “[]”, na estrutura semântica e que poderiam ser preenchidos sintaticamente, pois “Uma regra de vinculação vincula sintaxe e semântica.” (PINKER, 1989, p. 248)⁴³, como exemplificado abaixo, (PINKER, 1989, p. 178).

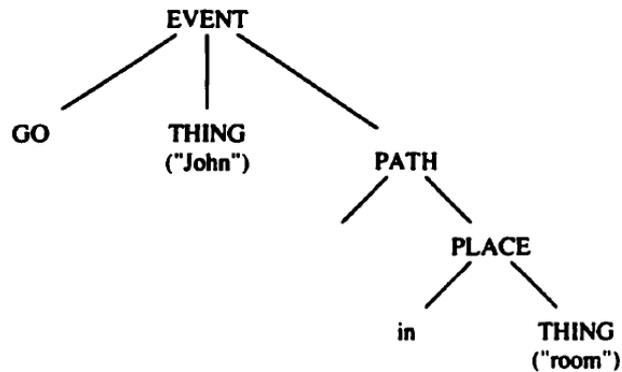
Figura 8 – Representação de estrutura semântica com argumentos abertos “[]”



Fonte: Pinker (1989, p. 178)

Pinker ilustra que uma sentença como “John went into the room”⁴⁴, como se pode observar na representação da estrutura semântica, na figura 9, a seguir, possui argumentos “abertos” que podem ser preenchidos por NPs (sintagmas nominais), como indicado por “John”, e o argumento de PLACE “room”. Ambos os argumentos são abertos à sintaxe, mas não surgem da entrada lexical do verbo, eles surgem de outra parte da sentença. Ainda, a figura exhibe a presença da preposição *in* que mapeia o interior de um LUGAR e está associada à função-lugar (PLACE).

Figura 9 – Estrutura semântica da sentença “John went into the room”



Fonte: Pinker (1989, p. 179)

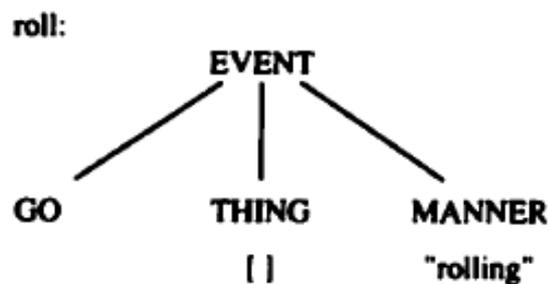
⁴³ Tradução livre, no original: “A linking rule links syntax and semantics.” (PINKER, 1989, p. 249)

⁴⁴ João foi para dentro do quarto.

No que tange aos verbos de movimento, podemos observar que Pinker divide-os em duas subclasses, da mesma maneira como vimos nos outros autores estudados. Ele os denomina verbos de *movimento inerentemente direcionado* e verbos de *modo de movimento*, e analisa os *eventos de movimento* de forma similar aos autores já citados neste trabalho. Por exemplo, o verbo *rolar*, para o autor, descreve o modo como alguma coisa/alguém se movimenta, e o verbo *entrar*, especifica um movimento com direcionamento.

O modo de movimento (MANNER), quando especificado por um verbo, é listado pelo autor como outro constituinte filiado ao evento na árvore. A representação a seguir corresponde à sentença “A bola rolou”.

Figura 10 – Estrutura semântica do verbo “rolar”



Fonte: Pinker (1989, p. 182)

Nessa representação, “rolar” especifica o modo do movimento codificado pelo verbo. De acordo com Pinker, uma sentença com o verbo *roll* (rolar) pode interagir com constituintes de TRAJETÓRIA, por exemplo, “The ball rolled down the hill”⁴⁵. Entretanto, esse tipo de verbo não implica uma TRAJETÓRIA, pois MODO (MANNER) especifica o movimento do objeto ou de partes do objeto em relação ao seu próprio quadro de referência interno (seus eixos, seu centro de massa). Assim, um *modo de movimento* não implica movimento translacional do objeto como um todo em relação ao ambiente, o que significa que um objeto poderia apresentar um modo de movimento enquanto permanece em um “lugar”, o que indicaria que “não é contraditório dizer que “*O pinguim rolou / derrapou / saltou / deslizou / girou em um lugar no gelo por um minuto inteiro.*”⁴⁶. (Pinker, 1989, p. 182, grifos no original) Nesse sentido, os *verbos de modo de movimento* não possuem em sua estrutura semântica a informação de trajetória lexicalizada (trajetória não é *default* nesses casos pois

⁴⁵ A bola rolou colina a baixo.

⁴⁶ Tradução livre, no original: “*The penguin rolled/ skidded/ bounced/ slid/ spun in one place on the ice for a slide minute.*” (Pinker, 1989, p.182)

não é obrigatório para completar seu significado) mas essa informação pode ser combinada na sentença com constituintes que expressem *trajetória*.

Por outro lado, um evento IR (GO), implicaria em translação do objeto como um todo em relação ao ambiente, que corresponde ao que estamos chamando de *deslocamento no espaço*, independente de seus movimentos internos ou locais. O componente MODO é utilizado por Pinker para designar o modo como algo ou alguém VAI (GOes), por exemplo, *rolando*.⁴⁷ Já os verbos de *movimento inerentemente direcionado* especificam uma direção usando uma *função-trajetória*, e, o modo, para esses verbos, é completamente irrelevante.

Como visto, essa divisão dos verbos de movimento em verbos de *modo de movimento* e de *movimento com trajetória* é regular e parece ser consensual entre os principais estudos em semântica lexical. Todas as teorias que abordamos adotam essa perspectiva de categoria bipartida. Na próxima seção, discorreremos, especificamente, a classe dos verbos de movimento com trajetória, que são os que envolvem o deslocamento por uma trajetória.

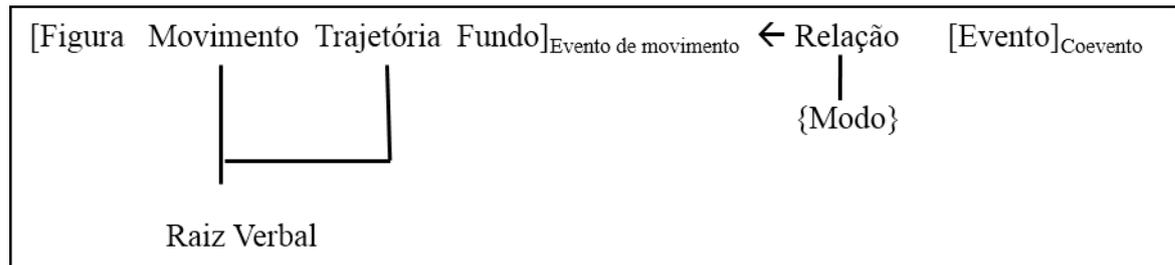
2.3 VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA

Esta seção discute acerca dos verbos de movimento com trajetória, que são os verbos que lexicalizam a direção em que o movimento é realizado, a exemplo dos verbos *entrar* (lexicaliza a direção para dentro), *sair* (para fora), *subir* (para cima), *descer* (para baixo), entre outros. O que chamamos de *verbos de movimento com trajetória* é encontrado na literatura semântica também com a denominação de ‘verbos de trajetória’, como já visto em Talmy (2000) e Jackendoff (1983; 1990).

Para Talmy (2000), os casos em que a raiz verbal codifica as noções de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA, isto é, quando um verbo como *sair* expressa a TRAJETÓRIA (direção) *para fora*, de uma FIGURA que se movimenta, pertencem ao padrão tipológico de língua com *frame no verbo*. As línguas românicas, a turca, a coreana, a japonesa, entre outras, fazem parte desta família de línguas. Desse modo, o PB⁴⁸ também apresenta esse padrão, por ser uma língua românica. O esquema para o padrão de língua com *frame no verbo* é representado na figura a seguir.

⁴⁷ Para designar o modo como alguém age, Pinker utiliza o componente ACT, para evitar ambiguidades.

⁴⁸ A tese de Santos Filho (2018) aponta indícios de que o PB apresenta também a lexicalização de modo de movimento, o que indica que, além do padrão de *frame no verbo*, o PB lexicaliza também *frame no satélite*. O autor não propõe uma mudança de classificação, mas mostra com clareza que a lexicalização de modo de movimento no PB acontece com frequência e com muitos predicadores.

Figura 11 – Padrão de língua com *frame no verbo*

Fonte: Adaptado de Talmy (2000, p. 49)

(15) O gato *desceu* a escada correndo.

Como podemos observar na sentença (15), em PB a direção do movimento pode ser expressa na raiz verbal. Assim, o verbo *descer* denota o MOVIMENTO direcionado (para baixo) realizado pela FIGURA (o gato) e a noção de modo é expressa por um constituinte independente (correndo) na forma gerundiva.

Talmy (2000, p. 53) elenca também três componentes distintos, característicos do componente trajetória: Vetor, Conformação⁴⁹ e Dêitico, que são, segundo ele, os principais componentes das línguas. O Vetor compreende três tipos básicos de MOVIMENTO com direção que uma FIGURA pode realizar em relação a um FUNDO: chegada, travessia e partida. Os vetores são fórmulas apresentadas por preposições, e a FIGURA é dada como um ponto.

(16)

a) Um ponto ESTAR_{LOC}⁵⁰ EM um ponto, por um período limitado de tempo.
O guardanapo estava na caixa por três horas.

b) Um ponto MOVER PARA um ponto, em um ponto do tempo.
O guardanapo voou para dentro da caixa exatamente 3:05.

c) Um ponto MOVER DE um ponto, em um ponto do tempo.
O guardanapo voou da caixa exatamente 3:05.

d) Um ponto MOVER VIA um ponto, em um ponto do tempo.
A bola rolou através da fenda/exatamente 3:05.

⁴⁹ O componente Conformação se refere a um complexo geométrico que relaciona o esquema de FUNDO com um aspecto de movimento. Por exemplo, [dentro de] ou [na superfície de] um recipiente ou volume.

⁵⁰ Para Talmy ESTAR_{LOC} também faz parte do Evento de Movimento: “The Motion component refers to the occurrence (MOVE) or nonoccurrence (BE_{LOC}) specifically of **translational motion**.” (TALMY, 2000, p. 25, grifo no original)

- e) Um ponto MOVER AO LONGO DE uma extensão ilimitada, por um período limitado de tempo.
A bola rolou pela encosta / ao longo da borda / ao redor da árvore por 10 segundos.
- f) Um ponto MOVER PARA um ponto, por um período limitado de tempo.
A bola rolou em direção à sacada por 10 segundos.
- g) Um ponto MOVER PARA LONGE de um ponto, por um período limitado de tempo.
A bola rolou para longe da sacada por 10 segundos.
- h) Um ponto MOVER AO LONGO DE uma extensão limitada, em uma extensão limitada de tempo.
A bola rolou pelo tapete em 10 segundos.
A bola rolou 20 pés em 10 segundos.
- i) Um ponto MOVER DE-PARA, em uma extensão limitada de tempo.
A bola rolou de um lado do tapete para o outro em 10 segundos.
- j) Um ponto MOVER AO LONGO DE-PARA uma extensão limitada em um ponto terminal, em um ponto de tempo / em uma extensão limitada de tempo.
O carro chegou em casa às 3:05 / em três horas.
- k) Um ponto MOVER DE-AO LONGO DE uma extensão limitada em um ponto inicial, desde um ponto de tempo / por uma extensão limitada de tempo.
O carro vinha de Chicago desde as 12:05 / por três horas.

(Adaptado de Talmy, 2000, p. 53-54)

Já o componente de Conformação é um complexo geométrico que relaciona o esquema básico FUNDO dentro de uma fórmula de aspecto de movimento ao esquema de um objeto de FUNDO completo. Segundo Talmy (2000, p. 54), “cada língua lexicaliza seu próprio conjunto de complexos geométricos.”⁵¹ No caso do Inglês, noções particulares de Conformação podem ser, por exemplo, “no interior de um recinto” e “na superfície de um volume”. Estas Conformações podem combinar-se com Vetor e esquema de Fundo:

(17)

a) EM um ponto que está no interior de [um recinto] = dentro [um recinto]

EM um ponto que está na superfície de [um volume] = sobre/em cima de [um volume]

⁵¹ Tradução livre, no original: “Each language lexicalizes its own set of such geometric complexes.” (TALMY, 2000, p. 54)

b) PARA um ponto que é no interior de [um recinto] = para dentro de [um recinto]
 PARA um ponto que é na superfície de [um volume] = em/por cima de [um volume]

c) DE um ponto que é do interior de [um recinto] = fora de [um recinto]
 DE um ponto que é da superfície de [um volume] = de cima de [um volume].

(Adaptado de Talmy 2000, p. 55)

O Dêitico de trajetória compreende duas noções: “em direção ao falante” e “em direção diferente do que em direção ao falante”. Segundo o autor, línguas que confluem movimento e trajetória podem diferir quanto ao tratamento dos dêiticos. O Espanhol, por exemplo, classifica amplamente os verbos dêiticos VENIR e IR, juntamente com os “verbos conformação” (termo utilizado para os verbos que incorporam movimento + vetor + conformação), a exemplo do verbo ENTRAR.

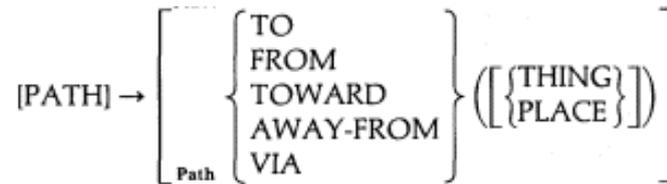
Talmy (2000, p. 56) salienta que esses componentes da trajetória (Vetor e Conformação), representam o evento de movimento com maior precisão. No padrão espanhol, a raiz verbal funde Movimento mais os dois componentes. Assim, na forma “F sair de G”, o verbo significa “MOVER DE um ponto do interior (de um recinto)”, enquanto a preposição representa o Vetor ‘DE’. Em comparação, na forma “F passar por G”, o verbo significa “MOVER VIA um ponto que está ao lado (de um ponto)”, enquanto a preposição representa unicamente o Vetor “VIA”.

Como já mencionado neste trabalho, Jackendoff (1990) utiliza o componente semântico IR para os verbos que expressam movimento, e mesmo que não haja uma trajetória expressa na sentença, a estrutura conceptual prevê a função-trajetória. Nesse sentido, sujeito e trajetória são argumentos da função IR, como se observa abaixo:

(18) [Evento IR ([X], [Trajetória TO ([Lugar y])])] (JACKENDOFF, 1990, p. 93)

A categoria TRAJETÓRIA, que mapeia uma entidade ou lugar de referência em uma trajetória relacionada, (Jackendoff, 1990, p. 43),

Figura 12 – Estrutura da categoria TRAJETÓRIA



Fonte: Jackendoff (1989, p. 43)

pode, ainda, conforme Jackendoff (1990, p. 72), apresentar alternâncias de sentidos, com o uso das preposições *under* e *over*, por exemplo. O autor utiliza os exemplos:

(19)

- a. The mouse is under the table.⁵²
- b. The mouse ran around under the table.⁵³
- c. The mouse ran under the table and stayed there.⁵⁴
- d. The mouse ran under the table into a hole in the wall.⁵⁵

- a'. The plane is now over the city.⁵⁶
- b'. The plane flew around over the city.⁵⁷
- c'. The plane came over the city and started skywriting there.⁵⁸
- d'. The plane flew over the city towards the mountains.⁵⁹

Os exemplos mostram três sentidos que alternam na preposição *under*. As sentenças (a e a') mostram as preposições sendo usadas como funções de lugar que satisfazem o argumento de *estar*:

(20) [Evento ESTAR ([Entidade MOUSE], [Lugar UNDER ([Entidade TABLE]])])]

Nas sentenças (b e b') a preposição também indica lugar, mas como um modificador restritivo, dando a localização geral do evento:

⁵² O rato está embaixo da mesa.

⁵³ O rato correu em círculos debaixo da mesa.

⁵⁴ O rato correu para baixo da mesa e ficou lá.

⁵⁵ O rato correu por baixo da mesa para dentro de um buraco na parede.

⁵⁶ O avião está agora sobre a cidade.

⁵⁷ O avião voou em círculos sobre a cidade.

⁵⁸ O avião veio sobre a cidade e começou a escrever no céu.

⁵⁹ O avião voou sobre a cidade em direção às montanhas.

- (21) [Evento IR ([Entidade MOUSE], [Trajetória AROUND])
 [Lugar UNDER ([Entidade TABLE])]

Nos exemplos (c e c') o sintagma preposicional (SP) indica a trajetória do movimento, que termina no lugar denotado pelo SP: *mesa* e *cidade* são metas do movimento. Assim, se o sentido de lugar de *under* é (i), esse sentido de trajetória é (ii):

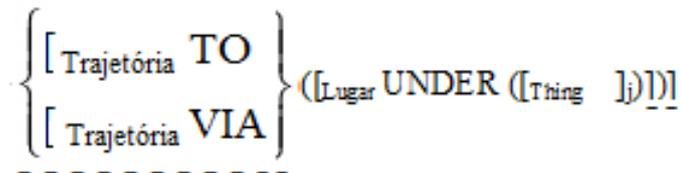
- (22)
 (i) [Lugar UNDER ([Entidade] j)],
 (ii) [Trajetória TO ([Lugar UNDER ([Entidade]j))].

Nas sentenças (d e d'), o SP também expressa uma trajetória de movimento, mas a *mesa* e a *cidade* não são metas. As preposições, nesses casos, denotam uma rota que o tema atravessa no caminho para seu objetivo: *o buraco* e *as montanhas*.

- (23) [Trajetória VIA ([Lugar UNDER([Entidade]j))]

Jackendoff (1990, p. 73) organiza uma estrutura conceptual que abrange todos os sentidos de *under*. Ele explica que a linha tracejada indica que o morfema *under* pode corresponder a qualquer dos três sentidos expressos na estrutura conceptual de uma sentença.

Figura 13 – Estrutura conceptual que abrange os possíveis sentidos de *under*



Fonte: Jackendoff (1989, p. 73)

De outro modo, Rappaport-Hovav e Levin (2010) consideram que o elemento RAIZ especifica as propriedades idiossincráticas do verbo em todos os seus usos. Asseguram que cada raiz possui uma categorização ontológica, escolhida a partir de um conjunto fixo de possibilidades que incluem ESTADO, MUDANÇA DE ESTADO ou RESULTADO, RECIPIENTE, MODO e INSTRUMENTO, e que essa categorização determina sua associação em um “esquema de eventos”.

As autoras analisam as raízes de modo e resultado, assegurando que esta é uma distinção gramatical relevante. Sustentam que um verbo não pode lexicalizar as propriedades de *modo* e *direção do movimento* concomitantemente, pois essas propriedades estão em distribuição complementar. Essa noção é consoante com Talmy (2000), no que se refere aos casos de língua com *frame no verbo*, discutidos anteriormente, em que o verbo expressa o movimento direcionado, e um constituinte adicional expressa o modo do movimento.

Os verbos de modo de movimento especificam como parte de seu significado um modo de realizar uma ação: *morder, varrer, correr, rabiscar, nadar, agitar*; enquanto os verbos de resultado especificam a ocorrência de um estado resultante: *limpar, cobrir, esvaziar, preencher, congelar, matar, derreter, abrir, chegar, morrer, entrar, desmaiar*. (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010)

As autoras defendem que os verbos de mudança de estado, em conjunto com os verbos de movimento com trajetória, formam a classe de *verbos de resultado*. Tanto os verbos de mudança de estado quanto os de movimento com trajetória lexicalizam mudanças escalares. Mais especificamente, todas as raízes de resultado especificam mudanças escalares, enquanto todas as raízes de modo especificam mudanças não-escalares, sendo esses os dois tipos de mudanças que são lexicalizados por verbos.

Para Rappaport-Hovav e Levin, verbos que denotam mudança escalar lexicalmente especificam uma escala, que seria um conjunto de graus numa determinada dimensão que indicam valores de medição. A dimensão representa um atributo de um argumento do verbo, com os graus indicando os possíveis valores desse atributo. Uma mudança escalar em uma entidade envolve uma mudança no valor desse atributo em uma determinada direção ao longo da escala.

No caso dos verbos de movimento com trajetória, as autoras afirmam que os pontos que constituem a escala são um conjunto de locais que formam um caminho. A direção é ordenada com relação a um objeto de referência, com verbos como *avançar, chegar, partir, entrar*, e os pontos no caminho são ordenados de acordo com a proximidade ou distância de um objeto. Ainda, o movimento ao longo do caminho é comparável a uma alteração no valor de um atributo.

De acordo com as autoras, verbos como *subir, descer, cair* indicam a direção do movimento, que é totalmente lexicalizada pelo verbo e está com ou contra uma força natural, geralmente, a força da gravidade. Por exemplo, em *descer* os pontos no caminho são ordenados na direção da gravidade, enquanto com *subir* são ordenados contra ela.

Ainda, existem outros verbos que não lexicalizam totalmente a direção do movimento que, segundo Rappaport-Hovav e Levin (2010), deve ser determinada externamente em algum outro constituinte na sentença ou do contexto. A direção do movimento do tema pode ser determinada por uma expressão dêitica como ocorre com os verbos *ir* e *vir*, em que os pontos são ordenados conforme se aproximam ou se afastam de um “centro dêitico”, que é, geralmente, determinado pelo contexto. Alternativamente, a direção é determinada com relação a um objeto de referência com verbos como *avançar*, *chegar*, *partir*, *retroceder*, entre outros.

Os verbos de mudança de estado e de movimento com trajetória apresentam a semelhança em lexicalizarem uma escala. Entretanto, ainda há a distinção entre escalas de dois pontos e de múltiplos pontos. As escalas de dois pontos, de acordo com Rappaport-Hovav e Levin, têm apenas dois valores, associados com atributos que basicamente codificam ter ou não ter uma propriedade específica. Um verbo de mudança de estado com uma escala de dois pontos associada é *quebrar*, e um verbo de movimento com trajetória com tal escala é *chegar*. As escalas de múltiplos pontos estão associadas a atributos que podem ter muitos valores.

De acordo com as autoras, dentro da classe de verbos de mudança de estado, os verbos com escalas de múltiplos pontos são chamados verbos de "mudança gradual" e são, frequentemente, derivados de adjetivos graduáveis. Os verbos de movimento com trajetória descrevem percursos graduais de um trajeto, que incluem *avançar*, *descer*, *cair*, *recuar* e *subir*. As escalas de múltiplos pontos se dividem em dois tipos: escalas fechadas ‘com limites’ e escalas abertas ‘sem limites’ (a menos que sejam explicitamente especificadas). No domínio de mudança de estado, essa propriedade distingue verbos que lexicalizam uma escala fechada, como *esvaziar* e *achatar*, daquelas que lexicalizam uma escala aberta, como *esfriar* e *alongar*. No domínio do movimento, essa propriedade distingue entre verbos que lexicalizam um caminho limitado, como *vir* e *retornar*, daqueles que lexicalizam um caminho ilimitado, como *descer* e *subir*.

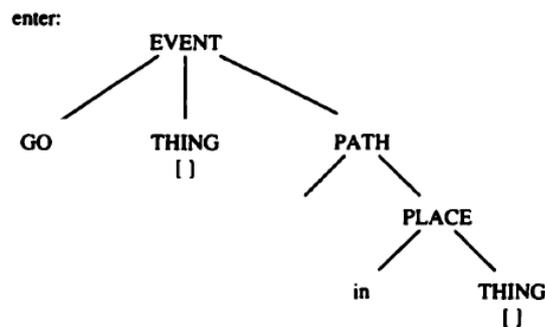
Ademais, as autoras afirmam que há verbos como *cruzar* e *atravessar*, que são frequentemente incluídos em listas de verbos de movimento com trajetória, mas não são verbos de mudança escalar. Nesse sentido, embora eles lexicalmente especifiquem movimento ao longo de um caminho definido por um determinado eixo do solo, a direção do movimento ao longo desse caminho não é especificada lexicalmente e, portanto, eles não impõem uma ordenação sobre os pontos no caminho. As autoras exemplificam afirmando que o verbo *cruzar* pode ser utilizado da mesma forma para a travessia do Canal da Mancha, tanto

se a travessia for da Inglaterra para a França ou da França para a Inglaterra. Ainda, os verbos desse tipo também não são verbos de modo de movimento, pois não lexicalizam um modo de executar uma ação, mas são verbos de mudança não-escalar. Não obstante, envolvem uma mudança em um único atributo, como verbos de mudança escalar, porém, falham ao especificar uma determinada mudança de direção nos valores desse atributo.

Para Pinker (1989), entre os verbos do *modo de movimento* e os verbos de *movimento inerentemente direcionado*, há uma distinção fundamental que deve ser capturada. Segundo o autor, parece haver duas propriedades distintas, sendo que a primeira é que os verbos de *movimento inerentemente direcionado* especificam uma direção usando uma *função-trajetória* transitiva ou intransitiva especificada, ou uma combinação de uma *função-trajetória* e um *lugar*: 'up' para *ascender*, *subir*; 'down' para *descer*, *cair*; 'to PLACE' para *chegar*; 'from PLACE' para *partir*; 'from in THING' para *sair*; 'to in THING' para *entrar*; 'HERE' para *vir*; 'to THERE' para *ir*. E a segunda, o modo, para esses verbos, é completamente irrelevante. Para ele, nenhum *verbo de movimento inerentemente direcionado* possui restrição quanto ao modo de movimento, por isso, nenhum modo deve ser especificado em suas representações semânticas.

A representação do verbo *entrar* (PINKER, 1989, p.180), exposta abaixo, incorpora uma *direção de movimento*, toma um objeto direto, não um sintagma preposicional, o que é reforçado por sua estrutura semântica contendo um argumento aberto correspondente a uma entidade (THING), não uma trajetória. O autor também mostra que, ao mesmo tempo, o verbo pode especificar internamente o tipo de trajetória (PATH) e lugar (PLACE) ordinariamente expressos pela preposição *em* (in).

Figura 14 – Estrutura semântica do verbo “entrar”



Fonte: Pinker (1989, p.180)

Essa estrutura ilustra que a especificação de direção é inerente ao verbo, não é uma informação que pode ou não aparecer, como vimos com o verbo *rolar*, na seção anterior.

Nesse caso, a estrutura semântica do verbo especifica a direção lexicalizada por ele, pois *entrar* denota “ir para dentro de”. Ainda, Pinker considera que o conteúdo cognitivo de estruturas de/com trajetória corresponde a uma esquematização de movimento em que um objeto em movimento é idealizado como um ponto que atravessa alguma trajetória.

Sobre a causatividade dos verbos de movimento, Pinker mostra que há três principais classes que podem ser causativizadas. Para o domínio do movimento, uma classe que alterna é a que envolve movimento “contido”, o que significa que é possível que o centro de massa do objeto em movimento permaneça mais ou menos em um "lugar" enquanto suas partes se movem, como em *John slid in one spot for an hour.*⁶⁰ (PIKER, 1989, p.133). O movimento é de um tipo que não precisa ser causado internamente, como *derrapar* que pode ser um movimento voluntário ou involuntário e pertence a essa classe; *correr* é excluído pois só pode ser voluntário. A seguir, expomos exemplos adaptados de Pinker (1989, p. 130).

(24)

- a) O cepo deslizou/ rolou.
- b) João deslizou/ rolou o cepo.

Outro tipo de verbo de movimento que pode ser causativizado, de acordo com Pinker, é o que envolve um “modo de locomoção”: *andar, galopar, trotar*, como em (25a), abaixo, e, na forma transitiva, significa “estimular a locomoção”: *andar, galopar, trotar o cavalo*, como em (25b). Em (25c) os verbos codificam um instrumento de transporte: *carro, avião, bicicleta*, e em (25d), na forma transitiva, significam acompanhar a locomoção.

(25)

- a) O cavalo andou / galopou / trotou.
- b) Eu andei / galopei / trotei o cavalo.
- c) Ela dirigiu, voou, pedalou para Nova York.
- d) O capitão Mars dirigiu, voou, pedalou com ela para Nova York.

(Adaptado de Pinker, 1989, p. 131).

O autor afirma que, em contraste com os verbos de modo de movimento, a classe de verbos de movimento inerentemente direcionado, tratam o tema como um ponto que passa por uma translação no espaço. O autor mostra, que os integrantes dessa subclasse resistem ao processo de causativização, como se pode verificar nos exemplos a seguir.

⁶⁰ João deslizou em um local por uma hora.

(26)

- a) Meu filho foi para a escola.
- b) *Eu fui meu filho para a escola.
- c) O sapato caiu.
- d) * Ele caiu o sapato. (*também subir, descer, sair, partir, entrar, chegar*)

(Adaptado de Pinker, 1989, p. 131)

Pinker também assegura que os casos em que verbos expressam movimento direcionado causativo, isto é, o deslocamento de uma entidade ocorre por ação de outra entidade, estes não podem ser usados intransitivamente, como ilustram os exemplos de Pinker (1989, p. 132), expostos em (27).

(27)

- a) Eu levei meu filho para a escola.
- b) *Meu filho levou para a escola.
- c) Eu levantei a bandeira.
- d) *A bandeira levantou.

No que se refere ao verbo *entrar*, Pinker afirma que esse verbo não deve ser usado passivamente quando seu uso for puramente espacial sem nenhum componente de locomoção voluntária. Nesses casos, é apenas a versão do agente volitivo que aceita a passivização, e há restrição quando a combinação é com um agente não-volitivo. Por exemplo:

(28) *The room was entered by a strange man/ *by ballon.*⁶¹

Como visto, o verbo *entrar*, no inglês, requer que um agente volitivo desenvolva o movimento. De modo contrário, verbos como *rolar*, que aceitam a passivização, como se observa no exemplo a seguir, em que “a bola”, agente não-volitivo, pode ser usado na construção passiva.

(29) *John/ a bola rolou colina a baixo.*⁶²

A partir da exposição realizada, podemos verificar que a teoria elaborada por Pinker (1989) considera que o léxico é, em grande medida, determinado pela semântica das palavras,

⁶¹ Essa sentença é mantida em inglês por sua tradução para o português resultar em uma sentença estranha do ponto de vista semântico.

⁶² No original: “*John/ the ball rolled down the hill.*” (PINKER, 1989, p.144)

pois o significado das palavras determina quais itens lexicais podem ser usados em quais construções sintáticas. Com isso podemos compreender que a organização e estruturação do léxico não são eventuais, mas determinadas por critérios que advêm de uma interação entre as regras lexicais e os significados inerentes aos verbos.

2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos algumas concepções importantes para os estudos semântico-lexicais, como os conceitos de léxico e de item lexical, além da interface sintaxe-semântica lexical e o estudo de classes verbais. Apresentamos o trabalho de Levin (1993) que possui grande relevância no estudo de classes verbais e de alternâncias verbais da língua inglesa. Por fim, tratamos das principais investigações a respeito dos verbos de movimento.

Como visto, o léxico é um componente complexo e estruturado, cuja descrição precisa refletir o conhecimento lexical do falante sobre a língua. Nessa perspectiva, o significado lexical é determinado por relações contextuais sentenciais, e não somente pela palavra isolada. Também observamos que o estabelecimento de classes verbais em Semântica Lexical é realizado com o intuito de organizar o léxico de modo a agrupar verbos que compartilhem propriedades semânticas e sintáticas.

Nossa pesquisa está vinculada a essa área de investigação, pois objetiva estabelecer as relações entre as propriedades linguísticas e os sentidos dos itens lexicais no que tange aos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção. Assim, assumimos, em consonância com Levin (1993), a concepção de que o significado verbal determina o comportamento gramatical do verbo, e que estudos nessa linha podem oferecer uma visão mais abrangente do conhecimento lexical, porque observam, além de critérios semânticos, propriedades gramaticais e de comportamento linguístico semelhantes entre os itens membros das classes.

Consideramos como verbos de movimento aqueles verbos que denotam o deslocamento de uma entidade no espaço e a entidade que se desloca é a mesma que desencadeia o movimento. Assim, não consideramos os casos que configuram o deslocamento causado por uma entidade sobre outra (Maria *levou* a criança para a escola). Também, de acordo com os autores estudados, compreendemos que os verbos de movimento não integram uma única classe, mas que podem ser divididos em dois tipos, *modo de movimento* e *movimento com trajetória*.

Para a investigação dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção, conceberemos, de acordo com Rappaport-Hovav e Levin (2010), que a raiz verbal especifica as propriedades idiossincráticas do verbo. Nesse sentido, nosso estudo se baseia na concepção de que a raiz determina as propriedades de movimento com uma direção que não é especificada no item lexical, mas que é evidenciada pela estrutura semântica do verbo.

3 A CLASSE DE “VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA” DO PB

Neste capítulo discutimos os conceitos de *movimento*, *trajetória*, *direção* e *deslocamento*, elementos semânticos importantes para a definição da classe verbal que estamos estudando. Na sequência, apresentamos a classe verbal que estabelecemos para esta pesquisa e explicamos os procedimentos utilizados para a delimitação dos verbos de movimento com trajetória. A subclasse dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção também é apresentada ao longo deste capítulo. Por fim, propomos o **teste de adjunção** para análise dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção, que investigamos neste trabalho.

3.1 PROPRIEDADES SEMÂNTICAS PARA O ESTABELECIMENTO DA CLASSE VERBAL

Para esta dissertação, em um primeiro momento, realizamos a coleta dos dados que formam o que chamamos de **classe geral** dos “verbos de movimento com trajetória”. Essa coleta teve como critério a identificação de movimento com *trajetória* lexicalizado pela raiz do verbo. Seguindo esse critério, formamos a classe geral a partir da coleta dos verbos que apresentam, lexicalmente marcado, movimento com trajetória, independente de possuir direção especificada ou não. Após o levantamento da classe geral dos “verbos de movimento com trajetória”, fizemos um refinamento dos dados, o que levou à distribuição dos verbos coletados em classes distintas, como veremos mais adiante.

Para esclarecer o que estamos tratando como verbos de movimento com trajetória, precisamos definir os conceitos de *movimento*, *deslocamento*, *trajetória* e *direção*. Esses elementos são, como vimos no capítulo 2, propriedades semânticas associadas a eventos que expressam movimento. Entretanto, há uma distinção importante entre os componentes *movimento* e *deslocamento*, assim como entre *trajetória* e *direção*. Primeiramente, há verbos de movimento que apresentam deslocamento e verbos que não apresentam. De acordo com Ciama (2017), *deslocamento* implica *movimento*, mas *movimento* não implica *deslocamento*, o que sugere, segundo a autora, que o *deslocamento* resulta em uma mudança de localização, ou seja, resulta em *mudança de lugar*. Essa posição é correspondente com a de Pinker (1989), que afirma que um *modo de movimento* não implica movimento translacional do objeto (inteiro) em relação ao ambiente, pois um objeto pode movimentar-se de um modo sem deslocar-se no espaço físico (ex. *girar*). Desse modo, sempre que um verbo lexicaliza

deslocamento, ele também lexicaliza *movimento*, como se pode observar com verbos como *sair, entrar, descer*. Por outro lado, verbos como *girar, caminhar, dançar, acenar* são verbos de movimento que não implicam deslocamento, mas descrevem um *modo de movimento*, e por essa razão não lexicalizam uma mudança de localização.

Referindo-se especificamente aos *verbos de movimento com trajetória*, Levin e Rappaport-Hovav (1995) afirmam que o significado desses verbos envolve uma mudança de localização. Além disso, Rappaport-Hovav e Levin (2010) consideram que os verbos de trajetória são verbos que lexicalizam mudanças escalares pois descrevem percursos graduais de um trajeto. Ainda, as autoras explicam que há uma diferença entre os verbos do tipo de “subir” e os verbos do tipo de “atravessar”, que são, ambos os tipos, considerados como verbos de movimento com trajetória, mas apresentam uma distinção semântica, pois embora os verbos do tipo de “atravessar” impliquem deslocamento por uma trajetória, Rappaport-Hovav e Levin asseguram que esses não lexicalizam mudanças escalares.

Rappaport-Hovav e Levin (2010) também argumentam que haveria uma distribuição complementar entre as raízes de modo de movimento e de resultado (movimento com trajetória), o que significa que um verbo poderia somente lexicalizar modo de movimento ou movimento e trajetória, e nunca ambos. E, mesmo quando um verbo apresenta os dois significados, como o verbo “escalar”, que denota tanto a *direção* (para cima) como o *modo* como o movimento é realizado (escalando), uma entre as duas acepções do verbo se sobressairia. Sobre essa questão da distribuição complementar, Santos Filho (2018) defende que tanto *modo* quanto *trajetória* são lexicalizados de forma recorrente por uma mesma raiz verbal no PB, em oposição ao que defendem Levin e Rappaport-Hovav (2010).

Além dos casos em que o deslocamento pode ser expresso em um único item lexical (*entrar, sair, subir, avançar*), há casos em que pode ser especificado por outro constituinte da sentença. Para Ciama (2017), o *deslocamento* pode ser expresso de forma intrínseca e de forma extrínseca. A forma intrínseca se refere a traços semânticos lexicalizados por classes verbais que lexicalizam mudança de localização. A forma extrínseca ocorre quando elementos que compõem as sentenças, como sintagmas preposicionais, podem ser combinados com verbos de movimento, e por essa composição expressam deslocamento. Essa questão da composicionalidade da sentença (forma extrínseca) detalharemos mais adiante.

Tendo em vista que verbos de movimento com trajetória lexicalizam deslocamento, voltamos nossa atenção para a *trajetória*. No capítulo 2 discorreremos sobre as principais teorias que tratam dos verbos de movimento. Percebemos que Jackendoff (1990), Talmy (2000) e Pinker (1989) utilizam o componente TRAJETÓRIA para os casos em que um

caminho ou trajeto é percorrido por uma entidade. Na proposta de Talmy (2000), a TRAJETÓRIA compõe um *Evento de Movimento* que ocorre quando uma FIGURA se move, percorrendo uma TRAJETÓRIA em relação a um objeto de referência - FUNDO. O autor assume que em línguas com *frame no verbo*, a raiz verbal expressa TRAJETÓRIA junto com a expressão de MOVIMENTO (o que equivale à forma intrínseca). A teoria talmiana considera que as línguas românicas pertencem a esse padrão, e por extensão, inferimos que o português brasileiro pertenceria a esse grupo, por ser uma língua românica. De acordo com Talmy, em uma sentença como

(30) João *subiu* o Morro da Cruz [caminhando].

o verbo *subir* codifica MOVIMENTO por uma TRAJETÓRIA. Esses dois componentes semânticos são expressos pela própria raiz lexical. A TRAJETÓRIA percorrida equivale ao *deslocamento de um ponto x para um ponto y*, e é especificada pela própria raiz verbal (da base para o topo do morro = origem e meta), além da *direção* do MOVIMENTO que é expressa pelo verbo *subir* (para cima). Assim, o verbo *subir* expressa os componentes semânticos [+movimento, +trajetória, +direção]. Ainda, temos os componentes FIGURA que é *João* e FUNDO que é o *Morro da Cruz*. Em adição, o MODO (co-evento) como a FIGURA realizou o movimento está expresso pelo verbo na forma gerundiva *caminhando*.

Como exposto acima, a TRAJETÓRIA é o caminho realizado pela FIGURA, o que é diferente de *direção*, como podemos observar a partir do exemplo abaixo:

(31) O menino *atrevessou* a rua [correndo].

O verbo *atrevessar*, na sentença, expressa o MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA realizados pela FIGURA *O menino*. Entretanto, diferentemente do verbo *subir*, que expressa [+movimento, +trajetória, +direção], a raiz verbal de *atrevessar* codifica MOVIMENTO por uma TRAJETÓRIA, mas não implica origem e meta específicas, ao contrário do exemplo anterior. Nesse caso, observamos que há um deslocamento da FIGURA por uma TRAJETÓRIA que é de *um ponto x para um ponto y*; “atrevessar a rua” significa “ir de um lado da rua para o outro lado”. Assim, *atrevessar* expressa a TRAJETÓRIA realizada pela FIGURA independente de qual seja o ponto em que a FIGURA está, o que é completamente diferente de *subir* que sempre denota *ir para cima* – a FIGURA está em um ponto baixo e realiza um movimento com deslocamento para um ponto alto. Desse modo, um verbo como

atravessar codifica em sua raiz verbal os elementos [+movimento, +trajetória, -direção]. Por fim, o gerúndio *correndo* especifica o MODO como a FIGURA realizou o movimento.

A partir desses dois exemplos, podemos verificar que há casos em que *trajetória* e *direção* compõem o significado de alguns itens lexicais, como vimos com o verbo *subir*, que expressa no próprio item lexical a realização de *deslocamento* por uma *trajetória* com *direção* especificada (*subir* = ir para cima); e casos em que o deslocamento por uma trajetória é lexicalizado, mas a direção do movimento se mantém inespecífica (*atravessar* = ir de um lado para o outro lado).

Nos termos de Jackendoff (1990), a TRAJETÓRIA é formada por uma estrutura complexa contendo cinco componentes conceptuais (PARA/DE/EM DIREÇÃO A/DISTANTE DE/VIA) que mapeiam um lugar de referência. O exemplo expresso em (10) e retomado aqui, “John ran into the room”, traduzido para o português, “João correu para o quarto” é, de acordo com o autor, um verbo de trajetória, pois mesmo na ausência de trajetória explícita, poderia ser inferida a informação de que “João atravessou uma trajetória”. Ao contrário da postura de Jackendoff, não consideramos o verbo *correr* como um verbo de trajetória, pois *correr* não implica deslocamento no espaço, mas um modo de movimento. Contudo, concordamos com Pinker (1989) que afirma que um modo de movimento pode ser realizado sem que haja mudança de lugar físico, em nossa conta, sem que haja deslocamento no espaço: *correr* pode ser um modo de mover-se, alternando as pernas, o que implica que uma entidade pode realizar o movimento de *correr* permanecendo no mesmo lugar. Esse é um caso que Pinker denomina de “movimento contido”, em que apenas partes da entidade se movem (nesse caso, pernas). Em Levin e Rappaport-Hovav (1995), os verbos de modo de movimento são divididos em duas subclasses: “run” (correr) e “roll” (rolar), de acordo com suas características sintático-semânticas, o que colabora com a concepção de que *correr* codifica um modo de movimento.

No que tange aos verbos de movimento com trajetória como “entrar”, Jackendoff (1990) argumenta que *entrar* incorpora em seu significado as funções LUGAR e TRAJETÓRIA. Ele explica que uma sentença como *João entrou* não significa simplesmente que “João percorreu uma trajetória”, mas que “João entrou em alguma coisa”, e esse sentido aparece mesmo quando o segundo argumento do verbo estiver implícito (forma intrínseca).

Além dessas, podem haver ocorrências em que a trajetória é especificada por outro constituinte na sentença. A categoria TRAJETÓRIA, na proposta de Jackendoff (1990), traz a possibilidade de composição sentencial com verbos de movimento e trajetória pela adição do que o autor chama de *Route-phrase*, que é o mesmo que um sintagma direcional, e que

combinado a um verbo de movimento com trajetória acrescenta uma informação sobre a direção do movimento. Jackendoff explica que com um verbo que indica trajetória, como já vimos com *entrar*, que possui lexicalizada a trajetória “para dentro de”, ainda existe a possibilidade de acréscimo de um sintagma direcional, como podemos observar no exemplo a seguir, de Jackendoff (1990, p. 171, grifos no original):

(32) Bill entered the room *through the window/ along the west side*.⁶³

A TRAJETÓRIA, nessa sentença, é expressa pelo verbo *entrar* (enter) que lexicaliza movimento com deslocamento e especifica a direção (para dentro); o LUGAR é indicado por *na sala* (the room), e ainda, a presença de um sintagma direcional *through the window/ along the west side* (pela janela/ pelo lado oeste) especifica *por onde* (VIA), o deslocamento foi realizado. Esse tipo de informação adicionada pelo sintagma direcional evidencia a possibilidade de acréscimo de informações sobre o evento de movimento a partir da composição sentencial, mesmo com o verbo *entrar* que possui especificação da direção do movimento. Desse modo, verbos de movimento com trajetória como “entrar” também podem vir acompanhados de sintagmas direcionais, sem redundância de informação.

Essa discussão mostra que o acréscimo de informação é possível, mas que não é o caso de acrescentar um sintagma direcional em sentenças como “João entrou [para dentro]” ou “João subiu [para cima]”, entre outros. Os sintagmas direcionais entre colchetes expressam a direção do movimento, mas essas informações não são necessárias, pois a raiz verbal já as lexicaliza: *entrar é para dentro* e *subir é para cima*. Esse tipo de pleonasma, que acontece quando há repetição de informações já lexicalizadas, é o que chamamos de redundância semântica; esses exemplos não caracterizam um quadro de má formação das sentenças, mas de repetição de uma informação semântica já especificada no item lexical. Por vezes, os falantes fazem uso desse tipo de expressão redundante de informações semânticas, entretanto, pelo fato de serem inerentes ao verbo, não há necessidade de serem explicitadas e podem até mesmo ser consideradas excedentes na sentença. Como bem denominam Levin e Rappaport-Hovav (1995) e Pinker (1989), verbos desse tipo são verbos de movimento *inerentemente direcionado*, pois a direção do movimento é *intrínseca* ao verbo.

O verbo *entrar*, como observamos, aceita a composicionalidade sentencial para expressar trajetória, tendo em vista que a informação adicionada pelo sintagma direcional

⁶³ Bill entrou na sala *pela janela / pelo lado oeste*.

(VIA) é diferente da lexicalizada por *entrar* (para dentro). Ao considerarmos a sentença “João atravessou a ponte [para o lado argentino]”, observamos que é possível que esse tipo de combinação seja feito com verbos do tipo de “atravessar”. Como visto anteriormente, “atravessar” é um verbo que lexicaliza trajetória, mas não especifica a direção do movimento, e, a partir do exemplo, percebemos que “atravessar” aceita combinar-se com um sintagma direcional (que acrescenta uma informação extrínseca ao verbo). Assim, queremos destacar essa perspectiva da composicionalidade da sentença, pois, ao compararmos os verbos do tipo de “subir” e do tipo de “atravessar”, percebemos que um sintagma direcional combinado em uma sentença com um verbo do tipo de “atravessar” pode especificar a direção do movimento (de forma extrínseca), ao contrário do que acontece com verbos do tipo de “subir”, que já possui essa especificação lexicalizada (forma intrínseca).

Nosso objetivo nesse trabalho é descrever o comportamento linguístico dos verbos de movimento com trajetória do tipo de “atravessar”, e para isso, ressaltamos que estamos considerando como verbos de movimento com trajetória aqueles que lexicalizam o *deslocamento* de uma FIGURA no espaço, e esse deslocamento ocorre quando *a figura que se desloca é a mesma que desencadeia o evento de movimento*. Em Silva Junior (2015) encontramos uma concepção mais aberta. O autor considera que os verbos de movimento e trajetória descrevem o movimento de um objeto e sua orientação: *subir, descer*; meta ou origem: *sair, chegar*; ou percurso: *atravessar*. Em contraposição, não levamos em conta os casos causativos, ou seja, aqueles em que uma entidade se desloca em razão de uma CAUSA externa (ação de outra entidade). Assim, selecionamos somente os verbos de movimento com trajetória que tomam como argumento uma FIGURA que *desenvolve o movimento e sofre deslocamento*. Diferentemente do que considera Silva Junior, por exemplo, que lista “tirar” como um verbo de movimento e trajetória. O exemplo que o autor utiliza: “Julieta tirou **do congelador** uma refeição que estava a 2 graus negativos. (**origem**)” (Silva Junior, 2015, p. 127, grifos no original), evidencia a perspectiva causativa denotada pelo verbo. Nesse caso, em nossa óptica, a FIGURA *Julieta* causa *a refeição* sair *do congelador*, o que configura a causação de deslocamento exercido pela ação de uma figura sobre outra. Essa concepção do autor emerge do conceito de translação compreendida como “a denotação do movimento em que a FIGURA muda de lugar, de um ponto *A* a um ponto *B*, embutida na raiz verbal.” (SILVA JUNIOR, 2015 p. 30) Na concepção dele, “tirar” é um verbo de movimento e trajetória com *origem* predeterminada. Na sentença exemplificada, a origem é indicada por “do congelador”.

A partir das considerações levantadas, evidenciamos que verbos do tipo de “subir” e do tipo de “atravessar” são semanticamente diferentes devido a especificação do seu significado lexical. Salientamos, ainda, que os componentes semânticos *trajetória* e *direção* não são intercambiáveis, pois, como vimos, um verbo que lexicaliza trajetória nem sempre lexicaliza direção determinada. Nesse raciocínio, *trajetória* não pressupõe determinação da *direção*, como vimos com o verbo *atravessar*, que lexicaliza movimento por uma trajetória, mas não possui a direção do movimento lexicalmente marcada. As delimitações conceituais que seguimos são descritas abaixo:

- verbos de movimento com trajetória lexicalizam *deslocamento* por uma *trajetória* e a *figura* que realiza o *movimento* é a mesma que sofre *deslocamento*;
- *trajetória* denota “ir de um ponto x para um ponto y”;
- *direção* denota “ir para cima”; “ir para baixo”; “ir para fora” etc;
- quando *origem* + *meta* do movimento são especificadas no próprio item lexical, o verbo apresenta *direção* lexicalizada.

Outro ponto que destacamos é que verbos como *subir* e *entrar* não dependem de combinação sintagmática para expressar a direção do movimento por uma trajetória, pois, como exposto, o significado desses verbos é determinado por seu caráter lexical. Contudo, a composição sintagmática pode contribuir para a especificação do significado lexical de verbos do tipo de “atravessar”, o que não significa que a especificação da direção seja relevante para o significado lexical. Nossa discussão mostra concordância com Rappaport-Hovav e Levin (2010), quando atestam que há uma diferença entre os verbos de movimento com trajetória do tipo de “subir” e do tipo de “atravessar” por ambos indicarem “ir de um ponto x para um ponto y”, porém, diferenciarem-se quanto à lexicalização da direção do movimento.

3.2 O ESTABELECIMENTO DA CLASSE DE “VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA” DO PB

O estabelecimento da classe dos verbos de movimento com trajetória do PB se deu pela seleção dos verbos que lexicalizam movimento por uma trajetória, ou seja, que lexicalizam “ir de um ponto x para um ponto y”, independente de direção especificada ou não. Salientamos que o verbo IR não foi incluído entre os verbos de movimento com trajetória

porque foi tomado como um primitivo semântico para o estabelecimento da classe. O primitivo IR, em nossa análise, denota “movimento + deslocamento”, assim, o verbo “ir” foi considerado como elemento *default* para análise de outros verbos e estabelecimento da classe verbal. Todos os verbos que selecionamos implicam *IR para algum lugar*, critério base para checagem dos verbos de movimento com trajetória.

Além do critério morfológico que verificou a classificação verbal dos dados (se era verbo e sua terminação em infinitivo), realizamos a análise pelo critério semântico, a partir do qual verificou-se o *conteúdo semântico* e *estrutura semântica* dos verbos, focalizando o *significado dicionarizado* e o *significado de ir*. No significado dicionarizado (análise do conteúdo semântico) foi observado se o verbete apresentava o significado de *deslocamento para alguma direção*, incluindo paráfrases com verbos como *atravessar*, *percorrer*, *passar*, independente da presença do verbo *ir* no verbete. Se o verbo já apresentasse em sua acepção, em primeira análise, o verbo “ir” indicando deslocamento por uma trajetória, “de um ponto x para um ponto y”, o considerávamos como um item pertencente à estrutura semântica do verbo em decorrência de IR ser tomado como um elemento primitivo básico para a análise.

Desse modo, a estrutura semântica observou se o elemento *trajetória* era expresso no significado do verbo. O elemento trajetória denota “ir de um ponto x para um ponto y”, de um lugar para outro, o que resulta em uma mudança de localização. Na sequência, verificamos se essa trajetória era especificada lexicalmente, ou seja, se o verbo de movimento com trajetória possuía ainda o traço semântico [+direção]. Os verbos *subir* e *atravessar* ilustram essa diferença. Tanto *subir* quanto *atravessar* são verbos que lexicalizam *deslocamento* por uma *trajetória* mas se distinguem quanto a especificação da *direção*. Explicamos a seguir, a partir do percurso metodológico adotado para esta pesquisa.

O verbo *subir* é um verbo de movimento com trajetória e direção lexicalizada. Detalhando o percurso de análise, observamos que *subir* possui terminação de infinitivo e é um verbo, o que satisfaz nosso primeiro critério de delimitação: o morfológico. O segundo critério, o semântico, pelo qual olhamos para o significado dicionarizado do verbo, observamos que a acepção verbal denota que *subir* indica deslocamento por uma trajetória “ir para cima”. Já em primeira análise, consideramos, pela presença do verbo “ir”, que esse verbo é um verbo de movimento com deslocamento, e esse deslocamento é direcionado (para cima). Assim, esse verbo possui como acepção básica “ir para cima”, (cf. apêndice A - “verbos de

movimento com trajetória que lexicalizam direção” - item 333)⁶⁴ e denota *deslocamento* por uma trajetória.

Nosso conhecimento de falante da língua portuguesa reconhece que *subir* sempre significa “ir para cima”. Uma sentença como “#Eu *subi* [para baixo]”, é inaceitável, pois tratar-se de uma sentença anômala “(#)”, devido à estrutura semântica de *subir* e ao conhecimento linguístico do falante, que bloqueiam esse tipo de informação, e isso se dá em razão de *subir* possuir *direção* lexicalmente marcada. Também em uma sentença como “Eu *subi* [para cima]”, como já discutimos na seção anterior, a realização do sintagma direcional [para cima] é desnecessária, pois essa informação encontra-se na raiz do item lexical.

Com o verbo *atravessar* não ocorre da mesma maneira. Ao analisarmos *atravessar*, temos satisfeito o critério morfológico, já que o item lexical tem terminação de infinitivo e recebe classificação de verbo. Na análise de conteúdo semântico, o significado dicionarizado indica que em *atravessar* há deslocamento para alguma direção, e ao contrário do verbo *subir*, apresenta paráfrases do verbo “ir”, e não o verbo *ir* propriamente. Após essa constatação, passou-se para a análise da estrutura semântica, que verificou se as paráfrases apresentavam o “significado de ir”. *Atravessar* tem como acepção básica o sentido de “passar para o outro lado” (Cf. Quadro 2 – item 6), e isso significa o mesmo que “ir para o outro lado”, portanto passar é equivalente ao verbo “ir” (paráfrase). Essa acepção não especifica a direção do movimento, como se pode observar ao compararmos os dois verbos aqui detalhados: “subir = ir para cima” e “atravessar = ir para o outro lado”. Em distinção, *subir* é sempre *para cima* e essa informação é determinada no item lexical, enquanto *atravessar* pode ser *para qualquer lado*, já que “passar para o outro lado” não determina para qual lado o movimento é realizado (direito ou esquerdo/ dentro ou fora etc.)

Em vista disso, *atravessar*, assim como *subir*, denota *deslocamento* por uma *trajetória*, entretanto, o deslocamento pode ser realizado em qualquer direção (para cima, para baixo, para o lado, para a esquerda, para a direita). Uma sentença como “Eu atravessei o rio” expressa que um deslocamento foi realizado por uma trajetória, como se pode ver por sua paráfrase, “Eu passei de um lado do rio para o outro lado”. Nesse caso, a trajetória é indicada, “ir um ponto x para um ponto y”, mas a direção do movimento (origem e meta) não é especificada no item lexical, apenas depreendemos que houve deslocamento.

O movimento com trajetória, como se percebe, é denotado por uma classe de verbos cuja estrutura semântica possibilita a expressão de *mudança de lugar físico*. Entretanto, por

⁶⁴ A classe dos “verbos de movimento com trajetória que lexicalizam direção” pode ser conferida no Apêndice A deste trabalho.

nossa análise, esses verbos podem ser subdivididos em classes diferentes por apresentarem características específicas quanto à lexicalização de direção do movimento. Deste modo, formamos uma **classe geral**⁶⁵, que é composta pela totalidade de verbos que consideramos como “verbos de movimento com trajetória” do PB. Ao total, foram classificados 432 verbos como “verbos de movimento com trajetória”. Após a divisão dos verbos, obtivemos como resultado duas classes verbais⁶⁶, sendo 361 verbos compondo a classe dos “verbos de movimento com trajetória que lexicalizam direção” e 71 verbos compondo a **subclasse** dos “verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção”, como se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 1 – Quantitativo de verbos de movimento com trajetória

Verbos de movimento com trajetória que lexicalizam direção	Verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção	
361	71	16,45%
Total:	432	

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

O Quadro 1 ilustra a quantidade de verbos encontrados em nossa investigação. Do total de verbos catalogados, 16,45% são verbos pertencentes à **subclasse** dos “verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção”. Para distinção e identificação dos traços semânticos lexicalizados por esse grupo de predicadores, que são: deslocamento por uma trajetória [+Trajetória] e direção inespecífica [-Direção], nos referimos à subclasse como (VMT [+Trajetória, -Direção] → Verbos de Movimento com trajetória [+Trajetória, -Direção]) ou *verbos do tipo de atravessar*. Esses verbos são apresentados na seção a seguir. A classe dos “verbos de movimento com trajetória que lexicalizam direção”, ou *verbos do tipo de subir*, podem ser conferidos no Apêndice A deste trabalho, com suas acepções e exemplos.

⁶⁵ A **classe geral** é composta por todos os verbos de movimento com trajetória, coletados a partir da análise que verificou, item a item, os dados disponíveis no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010).

⁶⁶ As duas classes verbais foram obtidas a partir da classe geral. Desse modo, os verbos que compõem a **classe geral** foram agrupados em: classe dos “verbos de movimento com trajetória que especificam direção” e subclasse dos “verbos de movimento com trajetória que não especificam direção”.

3.3 A SUBCLASSE DOS “VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA QUE NÃO LEXICALIZAM DIREÇÃO”

A subclasse dos “verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção” é composta, de acordo com nossa análise, por 71 verbos, o que 16,45% do total, que lexicalizam movimento com trajetória, contudo, para esses verbos a direção não é especificada lexicalmente. O quadro 2, a seguir, apresenta os 71 verbos que integram a subclasse.

Quadro 2 - Verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção: VMD [+Trajetória, -Direção]

Acamboar, Acurvar, Afastar, Angular, Apartar, Atravessar, Averter, Azangar, Bandear, Cabecear, Cambar², Confluir, Cortar, Cruzar, Curvar, Desatavessar, Descentralizar, Descentrar, Descruzar, Desnortear, Despassar, Desviar, Discorrer, Distanciar, Dobrar, Driblar, Encruzar, Encruzilhar, Engambitar, Entrecruzar, Espraiar, Fostar, Fender, Fluir, Franquear, Inambular, Obliquar, Partir, Passar, Pertransir, Pervagar, Podar, Quebrar, Rasgar, Recruzar, Recurvar, Ricochetar, Ricochetear, Romper, Sulcar, Tombar¹, Tornejar, Tranar, Trançar, Transcender, Transcorrer, Transcursar, Transfixar, Transgredir, Transir, Transitar, Transnadar, Transpassar, Transpor, Traspassar, Travessar, Trespassar, Ultrapassar, Vadear, Varar, Vazar.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Essa subclasse resulta do refinamento dos dados catalogados, em que se separou os “verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção”, dos “verbos de movimento com trajetória que lexicalizam direção”. Em ambas as classes o significado de *deslocamento físico* de uma *figura* por uma *trajetória* é lexicalmente marcado pelos itens lexicais, implicando *mudança de lugar*. A seguir trazemos os verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção, acompanhados de aceção e exemplo.

Quadro 3 – Verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção

No.	Verbo	Aceção	Exemplo
1	Acamboar	<i>Cambar.</i>	<i>O carro <u>acamboou</u> para o lado esquerdo da pista.</i>
2	Acurvar	Curvar, vergar.	“Com uma solicitude rara eles [os floricultores] <u>se acurvaram</u> sobre os seus queridos arbustos.” (Fialho d’Almeida, <i>Pasquinadas</i> , p.185). (FERREIRA, 2010, p. 51)
3	Afastar	Distanciar-se; apartar-se; Pôr-se à parte, ou de lado.	<i>murmurou baixinho: — Adeus, seja feliz! — e <u>afastou-se</u>.” (Artur Azevedo, <i>Contos fora da Moda</i>, p. 28); “o homem foi obrigado a <u>afastar-se</u> do Distrito Federal durante quarenta e oito horas” (Artur Azevedo, <i>Contos Efêmeros</i>, p.</i>

			186). (FERREIRA, 2010, p.65)
4	Angular	Andar, formando ângulo com uma linha, um objeto, uma rua; enviesar.	<i>Acompanhava-nos com insistência, quando, de súbito, <u>angulou</u> para a esquerda.</i> (FERREIRA, 2010, p.149)
5	Apartar	Desviar, afastar.	<i>Ao vê-la, <u>apartou</u> os olhos.</i> (FERREIRA, 2010, p.170)
6	Atravessar	Passar para o outro lado de, através ou por cima; transpor	“Andava, estacava diante de uma loja, <u>atravessava</u> a rua, detinha um conhecido” (Machado de Assis, <i>Quincas Borba</i> , p.228). (FERREIRA, 2010, p.238)
7	Averter	Desviar do seu curso.	<i>O ônibus <u>averteu</u> para o acostamento.</i>
8	Azangar	Galgar, trepar, transpor.	“ - Que o corpo é coberto de velo os dentes alvos, de lobo, que dá pulo que não há parede que não <u>azangue</u> ” (Aquilino Ribeiro, <i>Andam Faunos pelos Bosques</i> , p.78). (FERREIRA, 2010, p.255)
9	Bandear ¹	Transferir-se, mudar; passar.	<i>Quase todo rebanho <u>bandeou</u> para o pasto vizinho; Olhava fixamente para o mastro que <u>bandeava</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 277)
10	Cabecear	Mudar de direção; desviar-se.	<i>A manada de porcos <u>cabeceou</u> para a esquerda.</i> (FERREIRA, 2010, p.369)
11	Cambar ²	Mudar de rumo. Passar de um lado para outro.	Devido àquele contato violento com o solo, o aparelho <u>cambou</u> para o lado esquerdo da pista e, em alta velocidade, acabou se desgovernando, embicado em direção à grama. (Gustavo Drago, <i>Relíquia</i> , p.107) (FERREIRA, 2010, p.398)
12	Confluir	Correr (para o mesmo ponto), convergir, afluir.	<i>Centenas de pessoas <u>confluíram</u> ao teatro; As águas <u>confluem</u> para o mar.</i> (FERREIRA, 2010, p. 555)
13	Cortar	Atravessar, cruzar.	“O cavaleiro, tristonho agora, / <u>Cortava</u> a estrada deserta e nua...” (Artur de Sales, <i>Poesias</i> , p.70); “Asas, tontas de luz, <u>cortando</u> o firmamento!” (Olavo Bilac, <i>Poesias</i> , p.170) (FERREIRA, 2010, p. 596)
14	Cruzar	Atravessar; percorrer em diversos sentidos. Encontrar-se, vindo em direções opostas.	“ <u>Cruzam</u> o firmamento as estrelas cadentes...” (Martins Fontes, <i>Verão</i> , p.154). (FERREIRA, 2010, p.618)
15	Curvar	Dobrar, arquear.	“ <u>Curva</u> os bambuais o vento.” (Olavo Bilac, <i>Poesias</i> , p.94). (FERREIRA, 2010, p.630)
16	Desatrabessar	Afastar-se ou desviar-se para o lado.	<u>desatrabessar-se</u> do caminho. (FERREIRA, 2010, p.668)
17	Descentralizar	Afastar ou separar do centro.	“... <u>descentralizou-se</u> muito o Carnaval de Florianópolis, até em função do sistema viário, do trânsito.” (Disponível em: < http://www.alesec.sc.gov.br/portal_alesec/deputados/edisonandrino/pronunciamento/14ec7aa83d0c32bda4b3d0c45e1531a9477ccea6 > Acesso em: 30/04/2018)
18	Descentrar	Afastar ou separar do centro.	<u>descentrar</u> um eixo. (FERREIRA, 2010, p. 672)
19	Descruzar	Separar (o que estava cruzado); desencruzar.	“Silencioso, permanecia ali muito tempo, com as mãos para trás, cruzando e <u>descruzando</u> os

			dedos.” (Caio de Freitas, <i>Intrusos no Paraíso</i> , p.4) (FERREIRA, 2010, p.676)
20	Desnortear	Desviar do norte, do rumo.	<i>Ao entrar no cruzamento, <u>desnortear-se</u>.</i>
21	Despassar	Passar além de; transpor, ultrapassar.	<i><u>Despassou</u> para a outra margem do rio.</i>
22	Desviar	Apartar-se, afastar-se, separar-se.	“Durante a corrida, o condutor <u>desviou</u> a rota e parou o veículo em um matagal, ...” (Disponível em: < http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2017/12/uber-cita-medidas-de-seguranca-que-os-passageiros-devem-adotar_46226.php > Acesso em: 01/05/2018)
23	Discorrer	Percorrer, atravessar: Correr para diversos lados ou diferentes partes.	<i><u>Discorreu</u> toda a região;</i> “Em verde-negro, esconso lenho, / <u>Discorro</u> o mar, de além a além...” (Augusto de Lima, <i>Poesias</i> , p.249) (FERREIRA, 2010, p. 724)
24	Distanciar	Afastar-se, apartar-se.	“Nas trilhas ele [o guia] <u>se distanciava</u> muito do grupo, ia andando na frente e nem se preocupava se tínhamos alguma dificuldade, [...]” Disponível em: < https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g2620862-d15020659-r616269134-Tour_ChapadaChapada_dos_Veadeiros_National_Park_State_of_Goias.html > Acesso em: 20/11/2018
25	Dobrar	Curvar; flexionar, flectir: Passar além de, circundando.	<i><u>Dobrar</u> os joelhos.</i> <i>Vasco da Gama <u>dobrou</u> o Cabo da Boa Esperança em 1498)</i> (FERREIRA, 2010, p.734)
26	Driblar	<i>Fut.</i> De posse da bola, ultrapassar o adversário, ludibriando-o por meio de movimentos corporais.	“O jogador recebeu na frente, <u>driblou</u> o goleiro e deixou o zagueiro adversário tonto antes de marcar o golão.” (Gaúcha ZH Esportes. Disponível em: < https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/04/video-jogador-humilha-adversario-e-marca-golaco-no-marrocos-cjgf3v1dc001w01ofh4lviqxy.html > Acesso em: 25/04/2018. 10:45)
27	Encruzar	Atravessar; cruzar; encruzilhar.	<i>As aves <u>encruzavam</u> o céu.</i>
28	Encruzilhar	Atravessar; cruzar.	<i>Milhares de carros <u>encruzilham</u> a cidade todos os dias.</i>
29	Engambitar	Transpor a pé, galgar, atravessar (poço, vala)	<i><u>Engambitou</u> a valeta com tanta pressa que acabou caindo.</i>
30	Entrecruzar	Cruzar-se mutuamente.	<i>As rivais <u>entrecruzaram-se</u> na frente do teatro.</i>
31	Espraiar	Lançar-se para diferentes lados.	“Apesar que o Brasil se desenvolveu bastante, Gisele, quando os teus conterrâneos gaúchos se “ <u>espraiaram</u> ” para outros estados para plantar soja, arroz e criar gado.” (Disponível em: < https://twitter.com/Veritas_BR/status/1058082972782473216 > Acesso em: 24/11/2018. 15:44.
32	Fastar	Afastar.	<i>As pessoas <u>fastaram-se</u> do local do acidente.</i>
33	Fender	Atravessar, cruzar, cortar.	“uma garça, depois outra, <u>fende</u> o céu o alto” (Eça de Queirós, <i>Contos</i> p.172) (FERREIRA, 2010, p.931)

34	Fluir	Ir no sentido de;	<i>Toda a população <u>fluiu</u> para a Europa.</i> (FERREIRA, 2010, p. 959)
35	Franquear	Passar além de; transpor.	<i><u>Franqueou</u> a soleira e berrou: - Ô de casa!</i> (FERREIRA, 2010, p. 981)
36	Inambular	Passear de um lado para outro.	<i>O menino <u>inambulava</u> perdido.</i>
37	Obliquar	Desviar.	“ <u>Obliquou</u> a rota para o nor-nordeste” (João Guimarães Rosa, <i>Sagarana</i> , p.31) (FERREIRA, 2010, p. 1489)
38	Partir	Pôr-se a caminho; ir(-se), partir-se.	“Deixando tudo, posição, família, negócios prósperos, Gauguin deseja pintar, e <u>parte</u> para Taiti, nos mares do Sul.” (Santa Rosa, <i>Roteiro de Arte</i> , p. 19.); “buliçosas / velas, que o vento tépido enfunara, / <u>se partiam</u> das alvas praias para / o infinito das ondas misteriosas.” (A. S. de Mendonça Júnior, <i>Poemas fora da Moda</i> , p. 20) (FERREIRA, 2010, p.1571)
39	Passar	Percorrer de um lado para outro; atravessar, transpor: Ir de um lugar para outro:	<i><u>Passou</u> a ponte para chegar ao seu destino; Quando caiu em si, já <u>passara</u> a fronteira.</i> <i>Estamos no Grajaú, <u>passemos</u> ao Andaraí.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1573-1574)
40	Pertransir	Atravessar de lado a lado; transpassar, traspassar.	<i><u>Pertransimos</u> a floresta e não encontramos o gato.</i>
41	Pervagar	Percorrer em diversas direções; atravessar, cruzar:	<i>Os bandeirantes <u>pervagavam</u> o interior brasileiro.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1622)
42	Podar	Ultrapassar (um carro, a outro), tomando-lhe a frente num golpe de direção;	<i>O ônibus <u>podou</u> o fusca.</i> (FERREIRA, 2010, p.1660)
43	Quebrar	Virar, voltear, tornear:	<i><u>Quebrou</u> a esquina para fugir do engarrafamento.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1751)
44	Rasgar	Passar através de; atravessar.	<i>O homem decidido <u>rasga</u> os mares, matas e montanhas.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1780)
45	Recruzar	Tornar a cruzar; Cruzar repetidamente.	“Recebe-nos à porta / Do templo de verdura / Azul, trêfega, leve borboleta; / Vai voateando inquieta, / <u>Recruza</u> o atalho, o espaço corta” (Alberto de Oliveira, <i>Poesias</i> , 2ª série, p. 308). (FERREIRA, 2010, p. 1795)
46	Recurvar	Curvar de novo. Inclinar; encurvar. Inclinar-se; encurvar-se.	<i>As árvores <u>recurvavam-se</u> em meio ao vendaval..</i>
47	Ricochetar	Ricochetear	Uma pedra passou zunindo, rente à sua cabeça; outra bateu num poste, <u>ricochetou</u> e caiu na calçada” (Érico Veríssimo, <i>Noite</i> , p.23) (FERREIRA, 2010, p. 1843)
48	Ricochetear	Fazer ricochete; ricochetar. (quando um objeto ou projétil bate em algo e desvia de seu trajeto original, acertando o que não era alvo)	“a bala atingiu a nuca da vítima, atravessou o crânio e caiu na pia após <u>ricochetear</u> na parede.” (G1. Disponível em:< http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2015/11/policia-descarta-hipotese-de-tiro-acidental-que-matou-jovem-em-ms.html > Acesso em: 30/04/2018)
49	Romper	Penetrar em, transpassar:	<i>O punhal <u>rompeu-lhe</u> o coração.</i>

		Sair com ímpeto, jorrar: Penetrar com violência; atravessar com ímpeto:	<i>A água rompeu a terra.</i> <i>Os soldados romperam pela mata agreste.</i> (FERREIRA, 2010, pp.1856-1857)
50	Sulcar	Atravessar; cortar.	<i>A estrada Belém-Brasília <u>sulca</u> o sertão brasileiro;</i> “Parti! <u>Sulquei</u> as vagas do oceano” (Gonçalves Dias, <i>Obrar Poéticas</i> , II, p.239) (FERREIRA, 2010, p. 1980)
51	Tombar ¹	Inclinar-se, voltar-se: Mudar de rumo, em viagem. Cair no chão: Cair para o lado.	<i>O navio <u>tombou</u> para a esquerda.</i> <i>O relógio escapou-lhe das mãos e <u>tombou</u>.</i> <i>Embriagado, caminhava <u>tombando</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2053)
52	Tornejar	Dar volta a; andar à roda de; contornar. Dar volta:	“Sobrevoou [o avião] as colinas da margem , e, numa larga curva, <u>tornejou</u> para a banda do mar, de que a cidade e o posto o separavam.” (Joaquim Paços d’Arcos, <i>Neve sobre o Mar</i> , pp.24-25) (FERREIRA, 2010, p. 2058)
53	Tranar	Transnadar; Atravessar, cruzar.	<i>Sara <u>tranou</u> o rio com dificuldade.</i>
54	Trançar	Andar seguidamente e para diversos lados;	<i><u>Trançava</u> pela mata completamente perdido.</i>
55	Transcender	Passar além de; ultrapassar.	<i><u>Transcendeu</u> a fronteira para chegar ao México.</i>
56	Transcorrer	Passar além de.	<i>Os viajantes <u>transcorreram</u> o perigoso vale.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2068)
57	Transcursar	Passar além de; transpor; transcorrer.	<i><u>Trancursou</u> o nordeste.</i> (FERREIRA, 2010, p.2068)
58	Transfixar	Atravessar de lado a lado;	“a vítima foi alvejada com um tiro de pistola nas costas e a bala <u>transfixou</u> o corpo saindo no peito esquerdo poucos centímetros acima do coração.” (A Gazeta do Acre. Disponível em:< http://agazetadoacre.com/rapaz-e-alvejado-com-tiro-nas-costas-bala-transfixou-e-saiu-no-peito-esquerdo/ > Acesso em:30/04/2018)
59	Transgredir	Passar além de; atravessar.	<i><u>Transgrediu</u> a fronteira para chegar ao Uruguai.</i>
60	Transir	Penetrar, repassar.	<i>O ar gelado <u>transia</u> as suas vestes;</i> (FERREIRA, 2010, p. 2070)
61	Transitar	Mover-se, deslocar-se, passar, andar.	“ <i>Olho para o chão, e vejo que centenas de formigas <u>transitam</u> continuamente.</i> ” (FERREIRA, 2010, p.2070)
62	Transnadar	Atravessar a nado; tranar.	“o alcantil mais horrendo, / a corrente mais brava, pões-se-lhes vamente: / transvoa-se o alcantil, <u>transnada-se</u> a corrente.” (Antônio Feliciano de Castilho, <i>As Geórgicas</i> , p.177) (FERREIRA, 2010, p. 2071)
63	Transpassar	<i>Traspassar.</i>	“ <i>Transpasso</i> o portão/ mais uma vez./ Já vai?/ A gaiivota lá longe me chama,/ é hora,/ de novo, é hora.” (Márcio Duarte, <i>Pedaços de uma vida: Antologia de Poesia</i> , p.13.) (FERREIRA, 2010, p. 2072)
64	Transpor	Passar além de; galgar. Deixar para trás, ultrapassar.	<i><u>transpor</u> os Alpes.</i> <i><u>transpor</u> a barreira do som.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2072)

65	Traspassar	Passar além de; transpor, atravessar Passar através de; atravessar, penetrar: Exceder, ultrapassar:	<i>traspassar a montanha.</i> “Caía [a neve] agora fofa e densa, mais úmida, <u>traspassando-o</u> todo até os ossos.” (Domingos Monteiro, <i>Contos do Natal</i> , p.75) <i>Traspassou os limites da boa educação.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2075)
66	Travessar	<i>Atravessar.</i>	“Francisco foi atropelado quando terminava de <u>travessar</u> a via e teve o corpo arremessado contra uma árvore do canteiro central.” (Mato Grosso Mais. Disponível em: < http://matogrossomais.com.br/2018/04/25/juiz-manda-investigar-se-filho-de-medica-que-matou-ambulante-depnde-dela/ > Acesso em: 26/04/2018. 19:01)
67	Trespassar	<i>Traspassar.</i>	“Matou os quatro filhos, <u>trespassando</u> / Quatro vezes o próprio coração!” (Guerra Junqueiro, <i>A Velhice do Padre Eterno</i> , p.174) (FERREIRA, 2010, p. 2081)
68	Ultrapassar	Passar além de; transpor	<i>Ultrapassaram os Alpes.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2110)
69	Vadear	Passar ou atravessar a vau.	<i>Vadeei o rio para chegar ao outro lado.</i>
70	Varar	Passar além de. Atravessar, traspassar, transpor.	<i>Varou a cerca para alcançar os frutos da jaqueira.</i>
71	Vazar	Traspassar, atravessar. Vencer, transpor:	<i>O punhal vazou-lhe o pescoço.</i> <i>Vazar uma longa distância.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2136)

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Os verbos elencados nesse quadro, assim como os *verbos do tipo de subir*, possuem o traço semântico de TRAJETÓRIA: “ir de um ponto x para um ponto y”, mas os *verbos do tipo de atravessar*, não possuem especificação da direção na raiz verbal. Essa observação pode indicar que os *verbos do tipo de atravessar* possuem uma especificação semântica menos restritiva, ao contrário da especificação semântica apresentada por *verbos do tipo de subir*. Nesse sentido, os *verbos do tipo de atravessar* seriam aqueles aplicados em contextos cuja direção do movimento não é relevante ou até mesmo desconhecida pelo usuário da língua.

3.4 VERIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS SEMÂNTICOS LEXICALIZADOS POR VERBOS DO TIPO DE “ATRAVESSAR”

Tendo em vista Levin (1990), que considera que o comportamento gramatical dos itens lexicais pode ser motivado pelo seu significado, acreditamos que o comportamento do grupo de “verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção” e “verbos de movimento com trajetória que lexicalizam direção”, pode ser definido pelo significado

lexicalizado pelos integrantes das classes. Em outras palavras, as diferenças entre a **classe geral** e a **subclasse** podem ser determinadas por sua estrutura semântica. O que nos faz acreditar nessa hipótese é que o verbo *atravessar* depende sintaticamente de um adjunto direcional para especificação da direção do movimento, como visto na seção 3.1, pois não lexicaliza a informação de direção. O que não acontece com o verbo *subir*, pois a direção do movimento está intrinsecamente presente no verbo, ou seja, a direção está lexicalizada.

Para a verificação dos elementos semânticos, em especial a *direção*, lexicalizados pela subclasse dos *verbos do tipo de atravessar*, selecionamos 9 entre os 71 verbos catalogados, representando em torno de 12% do total dos componentes da subclasse. Esse grupo de verbos atende o objetivo de atestar o tipo de informação lexicalizada por verbos do tipo de *atravessar*, principalmente no que tange à direção, portanto, o mesmo procedimento de verificação poderia ser estendido para os demais integrantes da subclasse verbal. A seleção dos 9 verbos, especificamente, se deu em razão de serem verbos com significados, identificados em sua dicionarização, que pudessem ser agrupados por paráfrases (*ir, atravessar, passar*), possibilitando atestar sua ocorrência em corpus abertos, revelando uma amostra de uso da língua.

Assim, analisaremos, a seguir, os verbos: *afastar, apartar, atravessar, cruzar, curvar, desviar, distanciar, passar, vadear*, objetivando identificar qual o tipo de informação lexicalizada por eles.

Todos esses verbos implicam movimento com direcionamento, entretanto, a direção do movimento não é especificada no item lexical, como se pode observar pelo conteúdo semântico descrito na segunda coluna, referente ao significado dicionarizado, no Quadro 4. Para a verificação, dividimos os verbos em grupos de acordo com a similaridade de comportamento semântico, ou seja, à possível semelhança de informação lexical que esses verbos apresentam.

Para nossa análise, estamos considerando somente o significado dos verbos que contempla os traços semânticos de *deslocamento físico*. Assim, são desconsiderados significados metafóricos ou que incluam causação externa.

Quadro 4: Amostra de verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção do PB

VERBO	SIGNIFICADO DICIONARIZADO - CONTEÚDO SEMÂNTICO	POSSÍVEIS SINÔNIMOS
Afastar	Distanciar-se; apartar-se; Pôr-se à parte, ou de lado.	Afastar, distanciar.
Apartar	Desviar, afastar.	Afastar.
Atravessar	Passar para o outro lado de, através ou por cima; transpor.	Transpor; transpassar; cruzar.
Cruzar	Atravessar; percorrer em diversos sentidos; Encontrar-se, vindo em direções opostas.	Atravessar; transpor; ultrapassar.
Curvar	Ir em curva.	Dobrar, arquear.
Desviar	Apartar-se, afastar-se, separar-se.	Virar.
Distanciar	Pôr distante, afastar-se, apartar-se.	Afastar, apartar.
Passar	Percorrer de um lado para outro; atravessar, transpor; ir de um lugar para outro.	Atravessar; transpor.
Vadear	Passar ou atravessar a vau.	Atravessar.

Fonte: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010) e Dicionário de Sinônimos (2018).

A seguir, trazemos exemplos em que esses verbos são empregados. Os exemplos foram retirados da internet através de ferramentas de busca, principalmente do Google, e são transcritos exatamente como encontrados originalmente. O objetivo deste trabalho não é fazer nenhum tipo de juízo acerca do conhecimento do falante ou da frequência de uso, mas avaliar o uso do verbo, cada qual empregado em um contexto do português brasileiro, que pode revelar aspectos acerca do comportamento linguístico da subclasse. Desse modo, nosso foco está absolutamente voltado para a expressão do movimento físico e direcionamento.

Os primeiros a serem analisados estão listados abaixo, e em seguida, aparecem os exemplos de uso com cada um deles. Esses três verbos, *atravessar*, *cruzar*, *passar* e *vadear*, se assemelham por conterem em sua entrada lexical a informação de *deslocamento físico* de uma *figura*, por uma *trajetória*. Em todos os casos, a informação inerente ao verbo é a de *travessia* por uma extensão predeterminada (de um ponto X para um ponto Y) sem especificação da *direção*.

ATRAVessar, CRUZAR, PASSAR, VADEAR:

(33) Os jogadores se dirigiram a pé até o local e **atravessaram** a movimentada avenida Padre Cacique por entre os carros. Dividido em quatro times, o grupo colorado disputou uma espécie de campeonato interno.⁶⁷

(34) Eu **cruzei** muito essa ponte, quando era a única e tinha, claro, duas mãos de direção, servindo como gargalo para a avenida de duas pistas. Era muito similar às antigas de Jaguaré, Pinheiros, Morumbi, João Dias e Socorro.⁶⁸

(35) Tive o prazer de cortar a fita para a passagem e depois **passamos** a ponte, mostrando que realmente ela ficou segura, e que dá mobilidade para carros pequenos.⁶⁹

(36) Durante muito tempo eu saio de férias com uma Leica M [câmera fotográfica] dentro do meu macacão impermeável enquanto **vadeava** pelos rios da Patagônia pescando. Depois, com a chegada das câmeras auto-focus fui aliviando o peso.⁷⁰

O primeiro conjunto de verbos, é composto por *atravessar*, *cruzar*, *passar* e *vadear*. No trecho em (33), o verbo *atravessar* evidencia a realização de *movimento* com *deslocamento*. A FIGURA é indicada por “Os jogadores” e o FUNDO é “a avenida Padre Cacique”. A TRAJETÓRIA é o caminho realizado pela FIGURA, “de um lado da avenida para o outro lado *da avenida*”. Esses elementos semânticos indicam que esse é um verbo de movimento com trajetória, mas, como podemos perceber, a direção do movimento não é lexicalmente marcada, pois não se pode inferir se o *deslocamento* foi realizado de X para Y ou de Y para X. Nesse caso, um sintagma direcional compõe a sentença, contudo, a expressão “por entre os carros” não especifica a direção do movimento, mas a VIA *por onde* o movimento se realizou, “de um ponto X a um ponto Y *por entre os carros*”. Assim, a *direção* tomada pela FIGURA durante a travessia permanece inespecífica, mesmo com a adjunção de um sintagma direcional.

Com o verbo *cruzar*, em (34), há a expressão de *deslocamento* por uma TRAJETÓRIA que é “*de um lado para o outro lado da ponte*”, efetivado pela FIGURA “Eu”, tendo como FUNDO “essa ponte”. De modo aproximado ao exemplo anterior, a expressão de *direção* não está incutida no verbo, ou seja, não se pode depreender de qual lado para qual lado se deu o *deslocamento*. Portanto, *cruzar* é verbo de movimento com trajetória que não

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=9654>> Acesso em: 29 out. 2018.

⁶⁸ Disponível em: <<http://blogdogiesbrecht.blogspot.com/2011/12/ponte-de-interlagos.html>> Acesso em: 29 out. 2018.

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.diplomatafm.com.br/porta/transito/detalhes.php?id=10872>> Acesso em: 29 out. 2018.

⁷⁰ Disponível em: <<http://www.pedromartinelli.com.br/blog/passaporte/>> Acesso em: 29 out. 2018.

especifica a *direção*. O verbo *passar* em (35), também implica *deslocamento* por uma TRAJETÓRIA, o que significa que sua acepção inclui “ir de um ponto X para um ponto Y”. Em (35) temos uma FIGURA “nós”, que se desloca por uma TRAJETÓRIA que é “de um lado para o outro lado ‘da ponte’ (FUNDO)”.

Agora, com o verbo *vadear*, em (36), temos a expressão de *deslocamento* por um FUNDO indicado por “pelos rios”. Ainda que a sentença aponte o FUNDO “pelos rios”, essa informação está parcialmente incutida no próprio item lexical, porque *vadear* possui a acepção básica de “atravessar a *vau*” (Cf. Quadro 3 – item 69), e *vau* é a parte mais rasa de um rio, uma lagoa, ou qualquer outro terreno alagado, significando, portanto, “atravessar por um local que contenha água com profundidade rasa”. A TRAJETÓRIA é a travessia “de um lado para o outro lado *do rio*”. Assim, com *vadear*, a direção do *movimento* se mantém inespecífica, pois não há indicação de meta e origem do movimento, apenas inferimos que a *travessia* se deu de “um lado para outro lado *do rio*”. Ainda que codifique parcialmente a informação de FUNDO, a direção da trajetória por esse fundo não é especificada na raiz do verbo.

O próximo bloco é composto por três verbos, *afastar(-se)* e *apartar(-se)* e *distanciar(-se)*, que envolvem o significado de “distanciar-se de um ponto predefinido”. A FIGURA se move com relação a um ponto de referência (FUNDO) e esse movimento é “de um ponto próximo para um ponto distante do ponto de referência”, independentemente da direção tomada para o deslocamento.

AFASTAR(-SE), APARTAR(-SE), DISTANCIAR(-SE):

(37) A partir desta quinta-feira, o ciclone se **afasta** da costa em direção ao oceano, então a tendência é o vento diminuir gradativamente e favorecer aos poucos as condições de surf.⁷¹

(38) Dois homens mais afoitos **apartaram-se** dos demais e o barulho de gravetos quebrados no mato a menos de dez metros desperta Zequinha.⁷²

(39) Depois que ele [o rapaz] se **distanciou** da casa, sem levantar suspeita, os policiais velados o abordaram, encontrando com o suspeito duas pedras de crack, que ele disse ter adquirido da mulher.⁷³

⁷¹ Disponível em: <<http://www.waves.com.br/arquivo/ciclone-atinge-regioes-sul-e-sudeste/>> Acesso em: 29 out. 2018.

⁷² Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/cultura/literatura/231-a-penarroya-ajudou-a-matar-lamarca.html>> Acesso em: 29 out. 2018.

⁷³ Disponível em: <<https://www.folhadecampolargo.com.br/noticias/policial/mulher-presa-com-droga-pela-pm-no-jardim-meliane-42490>> Acesso em: 15 jul. 2019.

Os exemplos (37), (38) e (39) são semelhantes em termos de comportamento semântico. Em (37), a FIGURA “o ciclone” realiza um *deslocamento* tendo como ponto de referência “a costa”. Assim, a TRAJETÓRIA percorrida é “de um ponto próximo *da costa* para um ponto distante”. Ainda, observa-se a presença de um sintagma direcional [em direção ao oceano], que mantém a direção inespecífica, pois a FIGURA pode ter seguido à direita, à esquerda, rumo à outra entidade (o oceano). Em (38), a FIGURA expressa por “Dois homens” se *desloca* com relação a um ponto de referência expresso por “dos demais [das outras pessoas]”, ou seja, a FIGURA se desloca por uma TRAJETÓRIA que é de um ponto próximo para um ponto distante *das demais pessoas*. No exemplo (39) a FIGURA “ele” realiza o deslocamento por uma TRAJETÓRIA e o ponto de referência para o deslocamento é indicado por “da casa”. Neste caso a FIGURA realiza o deslocamento “de um ponto próximo *da casa* para um ponto distante”, sem especificação da direção tomada para o movimento.

Os usos de *afastar*, *apartar* e *distanciar* apontam que esses verbos lexicalizam movimento por uma trajetória, mas o ponto final do percurso e a direção tomada não são lexicalizados pela raiz verbal.

Os verbos a seguir, *curvar* e *desviar*, apresentam semelhanças quanto ao conteúdo lexicalizado pois ambos denotam “virar para alguma direção”. Em *curvar*, há a informação lexicalizada de que o movimento com *deslocamento* é executado para um dos lados em *curva*, o que indica que há intrínseco também um modo de movimento.

CURVAR, DESVIAR:

(40) Hoje, mais uma vez eu esperei o carro passar pra atravessar a rua mas ele [o carro] **curvou** antes, esperei atoa.⁷⁴

(41) Para desviar dos carros que estavam seguindo na pista contrária, o ônibus **desviou** para o acostamento e capotou.⁷⁵

O trecho em (40) expressa um movimento com *deslocamento* denotado pelo uso do verbo *curvar*. A FIGURA “o carro” *desloca-se* por uma TRAJETÓRIA com um FUNDO de referência “a rua”. Nesse caso, o *deslocamento* ocorre de modo direcionado, pois durante o desenvolvimento do movimento, a FIGURA “curva-se para um dos lados da rua”. Essa análise mostra que, além do *deslocamento* por uma TRAJETÓRIA, esse verbo codifica um modo de realizar o movimento, que é “em curva”. Todavia, a especificação da direção do

⁷⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/Weslontra/status/1042549281280978944>> Acesso em: 30 out. 2018.

⁷⁵ Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/onibus-capota-e-deixa-17-feridos-na-br-116-em-jaguaquara/>> Acesso em: 29 out. 2018.

movimento não pode ser inferida, pois o “movimento de *curvar*” realizado pela FIGURA não é realizado em uma direção predeterminada, ou seja, pode ser para a esquerda ou para a direita, por exemplo. Com o verbo *desviar*, em (41), o *deslocamento* é desenvolvido pela FIGURA “o ônibus”, por uma TRAJETÓRIA e pelo FUNDO de referência “na pista”. O movimento de *desviar* implica mudança de direção, pois, ao percorrer uma TRAJETÓRIA a FIGURA toma um novo sentido, mas a direção para o novo sentido não é especificada. Assim, a direção tomada pelo movimento de *desviar* não está inculcada no item lexical, mesmo com a presença de um sintagma que indica que o movimento ocorreu em uma direção marcada pelo ponto de referência “para o acostamento” (o acostamento fica nas margens da pista). Como se pode observar, o movimento de *desviar* pode ser efetivado para qualquer um dos lados da pista. Assim, (40) e (41) indicam que ambos os verbos lexicalizam movimento com trajetória e direção inespecífica.

Todos os verbos que analisamos são sintetizados no Quadro 5, a seguir, e agrupados de acordo com o sentido de movimento que estamos evidenciando. Desse modo, os 3 subgrupos de verbos que analisamos focalizam a expressão de deslocamento por uma trajetória, sem direção especificada, e podem ser sintetizados, conforme o Quadro 5, a seguir.

Quadro 5: Síntese das denotações apresentadas pelos verbos analisados tendo como foco o sentido de deslocamento por uma trajetória

Verbos	Denotação	Exemplo
Atravessar, cruzar, passar, vadear.	Passagem de uma FIGURA por uma área predeterminada, sem especificação da direção tomada durante a travessia.	Joana atravessou a cidade em meio ao temporal.
Afastar(-se), apartar(-se), distanciar(-se);	Distanciamento de uma FIGURA, de uma área predeterminada, sem especificação da direção.	Joana afastou-se da parede quando soube da tinta fresca.
Curvar, desviar.	Inclinação de uma FIGURA em continuidade de um movimento, sem especificar a direção tomada no novo sentido.	Joana desviou pela marginal para evitar o engarrafamento.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Com base na verificação dos elementos lexicalizados por esses conjunto de verbos, percebemos que o significado apresentado por eles não inclui direção do movimento. Por esses indícios, acreditamos que a composição sentencial pode ser utilizada como um procedimento de análise capaz de capturar distinções relevantes entre a classe e a subclasse de verbos de movimento com trajetória. Na seção a seguir, apresentamos o teste de adjunção

proposto para análise dos verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção do PB, em contraste com *verbos do tipo de subir*.

Propomos o teste de adjunção para a verificação do comportamento linguístico dos *verbos do tipo de atravessar*, pelo qual verificamos o valor da composição sintagmática direcional para esses de predicadores. Acreditamos que a adjunção pode ser um recurso linguístico relevante para a verificação desses verbos que apresentam a *trajetória* como parte de sua estrutura semântica.

3.5 O TESTE DE ADJUNÇÃO

Nesta seção apresentamos o **teste de adjunção** para a subclasse dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção. Esse teste linguístico foi elaborado por nós com a intenção de contribuir para a verificação semântica dos verbos que estamos estudando. O mesmo teste pode ser verificado em Cambrussi e Poll (2019) - onde também se encontra um teste de paráfrase desenvolvido para a verificação de especificação de direção para os verbos que possuem o elemento *trajetória* como parte de seu significado. Por meio do teste de adjunção acreditamos que seria possível observar quais verbos especificam a direção da trajetória e quais não a especificam. Assim, nosso intuito com esse teste é precisar qual o tipo de informação sobre *trajetória* é lexicalizada por esses verbos e de que forma as distinções de lexicalização ajudariam a compreender as diferenças entre os verbos de movimento com trajetória que especificam e que não especificam direção do PB.

Na seção 3.2, mostramos minimamente como pode ocorrer a composição de um sintagma direcional (adjunção) com o verbo *subir* e com o verbo *atravessar*. Por exemplo, com o verbo *subir*, a adição de um adjunto direcional do tipo [para cima] é irrelevante por causar redundância semântica, e do tipo [para baixo] resulta em anomalia⁷⁶ semântica. Também apontamos, a partir de Jackendoff (1990), a possibilidade de composição sentencial com *verbos do tipo de subir*, sem que haja redundância de sentido. Com o verbo *atravessar*, o acréscimo de um sintagma direcional, de modo contrário, pode contribuir para a significação da direção do movimento, como observamos na seção 3.1, com a sentença “João atravessou a ponte [para o lado argentino]”. Esse tipo de combinação sugere que seria possível uma composição sentencial com *verbos do tipo de atravessar*.

⁷⁶ Anomalia é o termo utilizado pelos linguistas para referir-se à “Sentenças boas gramaticalmente, mas claramente incoerentes ou totalmente sem sentido, que não geram nenhum tipo de acarretamento [...]” (CANÇADO, 2015, P.57) Assim, uma sentença como “Eu subi [para baixo]” é semanticamente anômala, porque é incoerente e contradiz o sentido expresso pelo verbo: “subir é para cima”.

Tendo isso em mente, propomos analisar esse grupo de verbos a partir de um teste que observa a adjunção em sentenças com *verbos do tipo de subir* e *verbos do tipo de atravessar*, o qual pode servir como um recurso para a verificação da estrutura lexical desse grupo de predicadores. Também, provavelmente, seria capaz de evidenciar uma distinção de comportamento gramatical entre ambas as classes.

O teste será realizado a partir da aplicação de sintagmas direcionais que especificam a direção do movimento. Esses sintagmas direcionais apresentarão uma relação de antonímia inversa, apontando, inicialmente, para uma direção, e em seguida, para outra direção oposta. Por exemplo, se aplicamos em uma sentença um sintagma direcional que especifica uma direção para a esquerda, na sequência, aplicaremos outro sintagma que aponta para a direita, direção oposta à primeira.

Como nosso objetivo é comparar ambas as classes, começamos aplicando o teste em sentenças com os verbos *subir* e *entrar*. E, mais adiante, o teste é realizado com os *verbos do tipo de atravessar*, os mesmos que detalhamos, a partir de exemplos de uso, na seção anterior.

(42) A confiança com que ele **subiu** no tronco nos faz acreditar que não era a primeira vez que ele fazia isso.⁷⁷

(a) Sintagma direcional A: ??A confiança com que ele subiu **para cima** do tronco nos faz acreditar que não era a primeira vez que ele fazia isso.

(b) Sintagma direcional A: #A confiança com que ele subiu **para baixo** do tronco nos faz acreditar que não era a primeira vez que ele fazia isso.

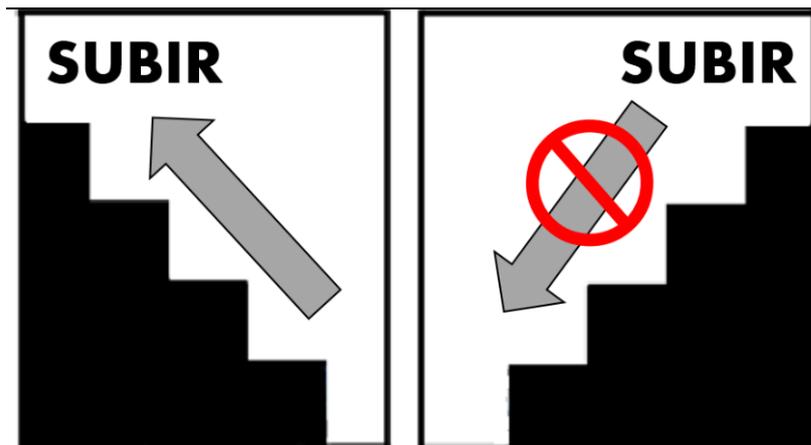
O primeiro teste realizado com *subir*, em (42a), mostra que a inclusão do sintagma direcional “para cima” constitui uma redundância de informação na sentença. A notação “??” indica que a inclusão de um sintagma direcional é desnecessária, pois a informação já está presente de forma intrínseca no verbo *subir* (subir é para cima – Cf. Apêndice A – item 333). O sintagma direcional enfatiza a direção já codificada pelo verbo. Portanto, a especificação da direção por composicionalidade em (42a) não especifica a direção, mas repete a direção já expressa em *subir*. Embora esse tipo de construção seja desnecessário devido ao fato de a informação ser lexicalizada pelo próprio item lexical, esse tipo de construção é produzido pelos falantes, o que não configura um problema de má formação ou agramaticalidade, como já explicamos, mas resulta em estranhamento semântico causado por redundância de informação. Mesmo ocorrendo esse estranhamento, *subir*, assim como outros verbos que

⁷⁷ Disponível em: <<https://projetooncafari.wordpress.com/2013/07/18/jaguars-climb-trees-portuguese/>> Acesso em: 03 nov. 2018.

especificam direção, “toleram” esse tipo de construção, ainda que a adjunção não agregue informação circunstancial à sentença. Situação contrária a essa se observa abaixo.

Em (42b), o uso de um sintagma direcional com valor de antonímia inversa a (42a), (para cima *versus* para baixo), constitui um problema de semanticalidade. O sinal “#” indica a anomalia da sentença gerada pelo acréscimo do sintagma direcional “para baixo” em contraste com *subir*. Como pudemos observar em (42a), *subir é para cima*, dessa forma, a direção oposta não combina com o verbo. *Subir* apresenta uma “restrição semântica”, rejeitando a combinação por composicionalidade com um sintagma direcional com valor opositivo à informação lexicalizada por sua raiz, pois resulta em contradição com o significado expresso pelo verbo. Os dois exemplos de composição sintagmática direcional com *subir* mostram que esse verbo possui direção lexicalizada em sua raiz verbal.

Figura 15 - Restrição semântica inculcida no verbo “subir”



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

(43) Eu quase chorei quando **entrei** na cozinha e vi tanta coisa linda lá dentro.⁷⁸

(a) **Sintagma direcional A:** ??Eu quase chorei quando entrei **para dentro** da cozinha e vi tanta coisa linda lá dentro.

(b) **Sintagma direcional A:** #Eu quase chorei quando entrei **para fora** da cozinha e vi tanta coisa linda lá dentro.

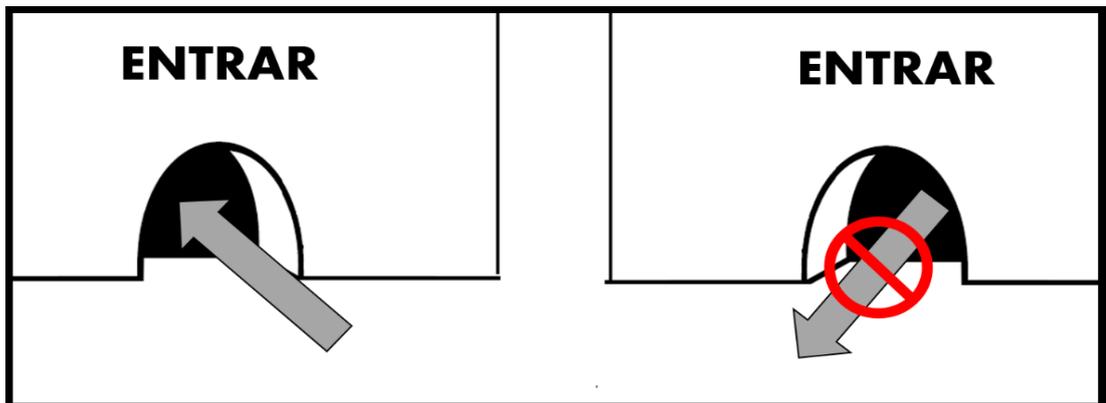
Com o verbo *entrar* ocorrem resultados similares aos de *subir*, pois *entrar* também possui a informação de direção intrinsecamente marcada em sua raiz lexical. Em (43a), a composição de *entrar* com o sintagma direcional “para dentro” repete a informação já expressa pelo verbo (*entrar é para dentro* – cf. Apêndice A – item 204). Assim, esse tipo de

⁷⁸ Disponível em: <<http://www.mineirosnaestrada.com.br/onde-ficar-edimburgo-palmerston-suites/>> Acesso em: 03 nov. 2018.

composicionalidade gera estranhamento semântico “??”, do mesmo modo que vimos no exemplo anterior, pois a informação adicionada redundante na sentença, fazendo-se desnecessária para especificação da direção. Esse tipo de construção, mesmo causando estranhamento semântico, parece ser “tolerado” pelos *verbos do tipo de subir*, embora os próprios falantes, ao produzirem esse tipo de combinação, percebam esse estranhamento em construções como “entrar *para dentro*”, “subir *para cima*”, “sair *para fora*”, “descer *para baixo*” (combinações que podem ser empregadas até mesmo com efeito anedótico).

Em (43b), verificamos que a composição de um sintagma especificando a direção contrária à lexicalizada por *entrar* resulta em uma sentença anômala “#”. A anomalia surge pelo fato de *entrar* apresentar “restrição semântica” devido a sua raiz lexicalizar a informação de direcionamento, e, por essa razão, *entrar* rejeita esse tipo de informação como também verificamos com *subir*. Assim, os exemplos em (43) evidenciam que *entrar* é um verbo de movimento e trajetória com direção especificada em sua raiz.

Figura 16 – Restrição semântica inculcida no verbo “entrar”



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Como pudemos observar com os exemplos (42-43), os *verbos do tipo de subir* “toleram” a combinação com sintagmas que repetem a informação lexicalizada pelo verbo, mesmo resultando em redundância semântica. E, de modo contrário, a raiz lexical bloqueia⁷⁹ a combinação com sintagmas que adicionam informação direcional contraditória àquela expressa por esses verbos. Em primeira análise, acreditamos que esse teste contribuiu para a compreensão de que esses verbos são verbos de movimento com trajetória que possuem direção lexicalizada. Na sequência, realizamos o teste de adjunção com os *verbos do tipo de*

⁷⁹ Utilizamos o termo “bloquear” para nos referir à incompatibilidade semântica expressa pelo sintagma direcional em combinação com o verbo. Essa associação de um sintagma opositivo com um verbo de direção lexicalmente marcada contradiz o sentido expresso pelo verbo, tornando a sentença semanticamente anômala.

atravessar e observamos como esse teste funciona com verbos que lexicalizam deslocamento por uma trajetória, mas que possuem direção inespecificada.

(44) Os jogadores **atravessaram** a avenida Padre Cacique.

(a) Sintagma direcional A: Os jogadores atravessaram **para a esquerda** a avenida Padre Cacique.

(b) Sintagma direcional B: Os jogadores atravessaram **para a direita** a avenida Padre Cacique.

(45) Eu **cruzei** muito essa ponte.

a) Sintagma direcional A: Eu cruzei muito essa ponte no **sentido norte-sul**.

b) Sintagma direcional B: Eu cruzei muito essa ponte no **sentido sul-norte**.

(46) **Passamos** a ponte, mostrando que realmente ela ficou segura.

a) Sintagma direcional A: Passamos a ponte no **sentido zona sul**, mostrando que realmente ela ficou segura.

b) Sintagma direcional B: Passamos a ponte no **sentido zona norte**, mostrando que realmente ela ficou segura.

(47) Durante as férias eu **vadeava** os rios da Patagônia.

a) Sintagma direcional A: Durante as férias eu vadeava os rios da Patagônia **rumo a leste**.

b) Sintagma direcional B: Durante as férias eu vadeava os rios da Patagônia **rumo a oeste**.

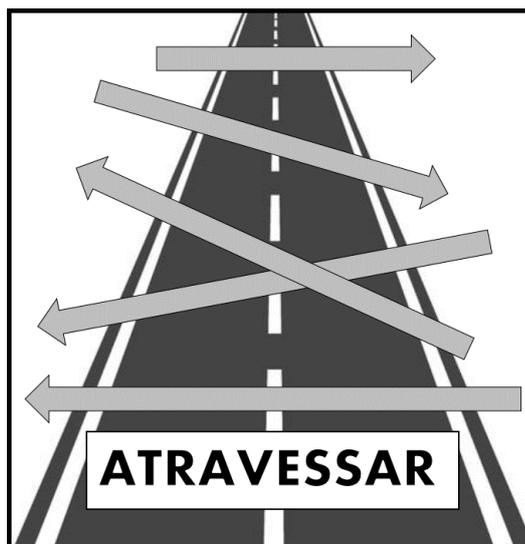
O primeiro grupo de *verbos do tipo de atravessar* analisado em composição com sintagmas direcionais com relação de antonímia inversa aponta indícios de que a direção do movimento é inespecífica para esses verbos, pois, em (44), (45), (46) e (47), *atravessar*, *cruzar* *passar* e *vadear* indicam que o movimento pode ser realizado para qualquer direção.

Em (44a) e (44b), a combinação de **atravessar + sintagma direcional:** *atravessaram para a esquerda / atravessaram para a direita*, mostra que informações acerca da direção do movimento podem ser incluídas em sentenças com *atravessar* por meio de composicionalidade com um adjunto que especifique a direção. Como se observa, a informação adicionada em ambos os exemplos não gera contradição e nem redundância de sentido. Acreditamos que isso acontece porque o verbo *atravessar*, que lexicaliza deslocamento por uma trajetória, não especifica a direção do movimento, e por isso, os dois sintagmas com direções opostas são aceitos pelo verbo. Semelhantemente, em (45a) e (45b), a combinação do verbo **cruzar + sintagma direcional** parece funcionar para a

especificação da direção do movimento. *Cruzar* aceita combinar-se com as direções especificadas pelos sintagmas [sentido norte-sul] e [sentido sul-norte], sem que haja redundância de sentido ou contradição.

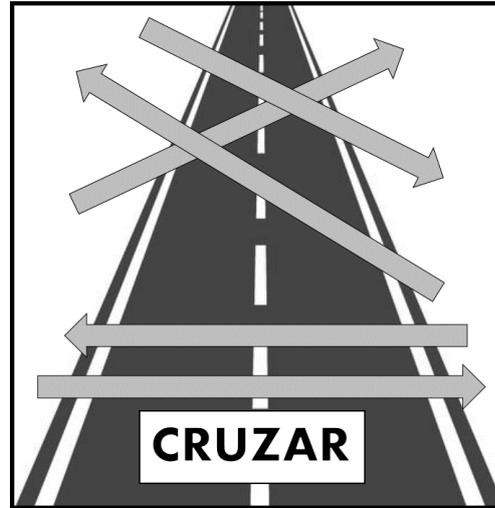
O teste de adjunção aplicado aos verbos *passar* em (46) revela que esse verbo também podem ser combinados com sintagmas direcionais sem gerar sentenças anômalas ou estranhas quanto à semanticalidade. Nesse caso, **passar + sintagma direcional**: *passar no sentido zona sul / passar no sentido zona norte*, as direções indicadas, com relação de antonímia inversa, podem ser combinadas, indicando que esse verbo, que lexicaliza movimento por uma trajetória, também não possui informação da direção do movimento em sua raiz lexical. Assim, por aceitar a adjunção advinda por composicionalidade na sentença, e por não haver restrição semântica quanto à direção lexicalizada, esse verbo se diferencia dos *verbos do tipo de subir*. Com *vadear*, em (47) também parece ser possível a especificação da direção pela composição com sintagmas direcionais de valores opostos: **vadear + sintagma direcional** [rumo a leste], [rumo a oeste]. Ambas as direções são aceitas sem que ocorra redundância ou estranhamento semântico. Assim, todos esses casos aceitam a composição com sintagmas direcionais que podem contribuir para a especificação da direção, independente de qual seja a direção indicada, o que confirma que esses verbos não possuem especificação da direção em sua raiz lexical.

Figura 17 - Não restrição da direção do movimento de “atravessar”



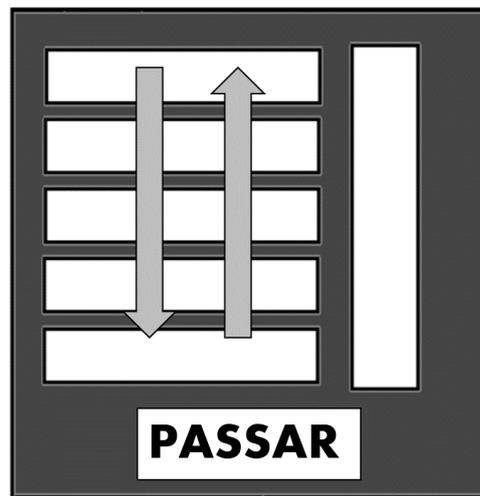
Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Figura 18 - Não restrição da direção do movimento de “cruzar”



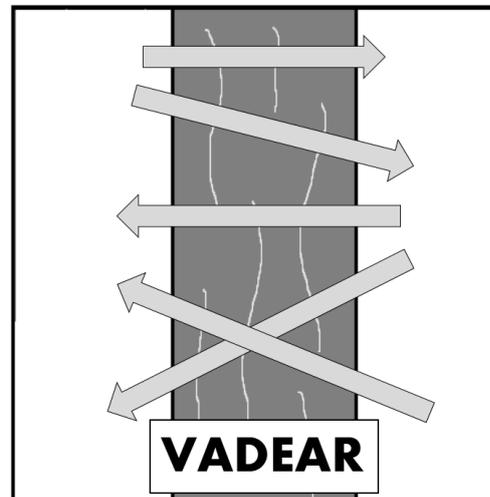
Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Figura 19 - Não restrição da direção do movimento de “passar”



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Figura 20 - Não restrição da direção do movimento de “vadear”



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Os próximos exemplos são compostos por sintagmas direcionais combinados com os verbos *afastar(-se)*, *apartar(-se)* e *distanciar(-se)*. Ambos lexicalizam o distanciamento de uma FIGURA de uma área predeterminada, sem especificação da direção.

(48) O ciclone se **afasta** da costa.

a) **Sintagma direcional A:** O ciclone se afasta da costa **para a esquerda**.

b) **Sintagma direcional B:** O ciclone se afasta da costa **para a direita**.

(49) Dois homens mais afoitos **apartaram-se** dos demais.

a) **Sintagma direcional A:** Dois homens mais afoitos apartaram-se dos demais **para a direita**.

b) **Sintagma direcional B:** Dois homens mais afoitos **apartaram-se** dos demais **para a esquerda**.

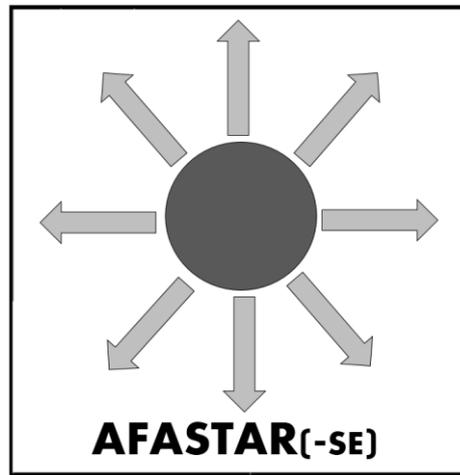
(50) O rapaz se **distanciou** da casa.

a) **Sintagma direcional A:** O rapaz se distanciou da casa **para a esquerda**.

b) **Sintagma direcional B:** O rapaz se distanciou da casa **para a direita**.

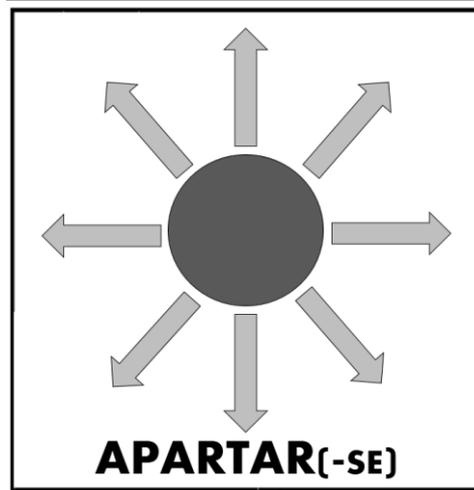
Em (48), (49) e (50) temos exemplos com os verbos *apartar(-se)*, *afastar(-se)* e *distanciar(-se)* combinados com sintagmas direcionais. Tanto em (48a-b), (49a-b) e em (50a-b) observamos que os sintagmas adicionais não redundam na sentença, não causam estranhamento semântico nem contradição: **afastar(-se) + sintagma direcional:** *afastar(-se) para a direita / afastar(-se) para a esquerda*; **apartar(-se) + sintagma direcional:** *apartar(-se) para a direita / afastar(-se) para a esquerda*; **distanciar(-se) + sintagma direcional:** *distanciar-se para a esquerda / distanciar-se para a direita*. Ambas as direções podem ser incluídas nas sentenças com *afastar(-se)*, *apartar(-se)* e *distanciar(-se)* e resultam em sentenças bem formadas, mesmo com sintagmas que apresentam relação de antonímia inversa, o que nos dá indícios para acreditarmos que esses verbos que lexicalizam movimento por uma trajetória não lexicalizam a direção tomada para o movimento.

Figura 21 - Não restrição da direção do movimento de “afastar”



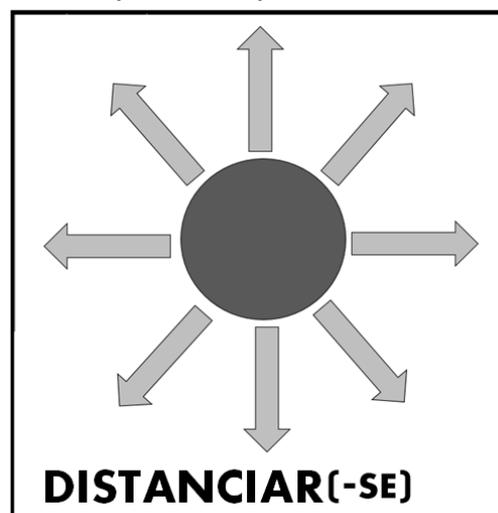
Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Figura 22 - Não restrição da direção do movimento de “apartar”



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Figura 23 - Não restrição da direção do movimento de “distanciar”



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

(51) Hoje, mais uma vez eu esperei o carro passar pra atravessar a rua mas ele **curvou** antes.

a) **Sintagma direcional A:** Hoje, mais uma vez eu esperei o carro passar pra atravessar a rua, mas ele curvou antes **para a esquerda**.

b) **Sintagma direcional B:** Hoje, mais uma vez eu esperei o carro passar pra atravessar a rua, mas ele curvou antes **para a direita**.

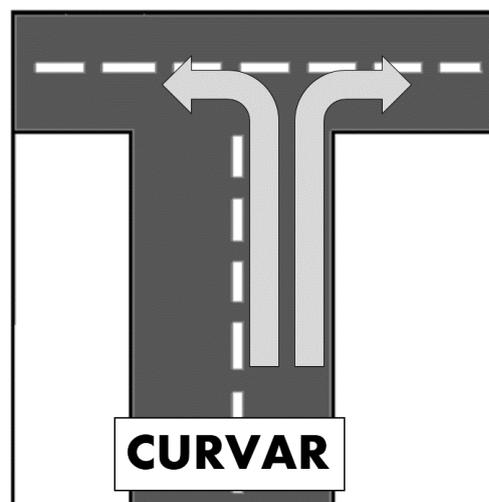
(52) O ônibus **desviou** para o acostamento e capotou.

a) **Sintagma direcional A:** O ônibus desviou para o acostamento **à esquerda** e capotou.

b) **Sintagma direcional B:** O ônibus desviou para o acostamento **à direita** e capotou.

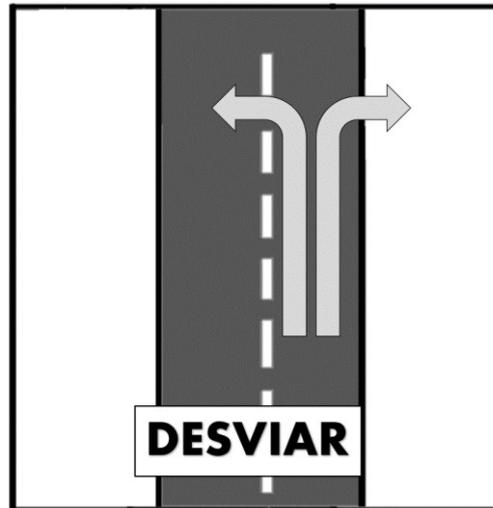
As sentenças em (51) e (52), com os verbos *curvar* e *desviar*, mostram que ambas as raízes verbais lexicalizam a tomada de uma nova direção durante uma trajetória, mas essa direção não é especificada pela raiz, como se pode observar nos exemplos. A especificação da direção pode ocorrer por composicionalidade sentencial como em (51a) e (51b): **curvar + sintagma direcional:** *curvar para a direita / curvar para a esquerda*; e em (52a) e (52b) **desviar + sintagma direcional:** *desviar à direita / desviar à esquerda*. Esses verbos, ao serem combinados com sintagmas direcionais, também geram sentenças bem formadas, sem redundância de informação ou contradição. Assim, não possuem restrição semântica quanto à especificação da direção e, por isso, podem ser considerados, como os anteriores, verbos de movimento com trajetória que não especificam direção. A seguir, aplicamos a adjunção para o último conjunto de verbos que estamos analisando *passar* e *transitar*.

Figura 24 - Não restrição da direção do movimento de “curvar”



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Figura 25 - Não restrição da direção do movimento de “desviar”



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Como efeito das análises realizadas a partir da aplicação de adjuntos direcionais com os *verbos do tipo de atravessar* (44-52), em comparação com *verbos do tipo de subir* (42-43), com nosso foco voltado para a direção do movimento, podemos evidenciar que há uma regularidade expressa por ambos os grupos de predicadores. O teste mostra que os *verbos do tipo de atravessar* combinam-se com diferentes sintagmas direcionais, independente da direção que o sintagma expresse, ao contrário dos *verbos do tipo de subir*, e ainda, não geram redundâncias, contradições ou estranhamento semântico.

Com o teste de adjunção verificamos que os *verbos do tipo de atravessar*, que lexicalizam deslocamento por uma trajetória sem especificação da direção, dependem de composicionalidade sentencial para especificação da direção do movimento, o que não ocorre com os *verbos do tipo de subir*, pois estes apresentam uma restrição semântica devido a sua raiz lexical codificar informações de direcionamento, ou seja, essas informações estão predeterminadas e delimitadas na raiz do verbo. Assim, diferentemente dos *verbos do tipo de subir*, os *verbos do tipo de atravessar* não possuem uma especificação semântica delimitada, e, por esse motivo, aceitam combinar-se com diferentes sintagmas direcionais, como vimos com a adjunção de sintagmas com relações de antonímia inversa.

Esses resultados apontam que a estrutura semântica dos verbos que lexicalizam deslocamento por uma trajetória com especificação da direção é diferente da dos verbos que lexicalizam movimento por uma trajetória sem direção especificada. Ainda, o fato de os *verbos do tipo de atravessar* não especificarem a direção aponta que o contexto de uso em que o verbo é empregado parece ser distinto, com respeito ao foco que se dá para a direção do movimento. Ambos os grupos de predicadores lexicalizam movimento por uma trajetória “ir

de um ponto X para um ponto Y”, mas somente os *verbos do tipo de atravessar* seriam aplicados em contextos cuja direção do movimento é desnecessária ou desconhecida pelo usuário da língua devido a especificação semântica não ser limitada. Nesses casos, o foco para o movimento recai sobre o *deslocamento* e não sobre a *direção*, enquanto com *verbos do tipo de subir*, a direção é uma informação relevante e enfocada na expressão linguística (a direção é relevante).

3.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Ao longo do capítulo três, apresentamos a classe verbal que estamos estudando, para isso, delimitamos os conceitos de *movimento*, *deslocamento*, *trajetória* e *direção*. Também definimos o que tratamos como verbos de movimento com trajetória e a questão de composicionalidade semântica.

Na sequência, apresentamos o estabelecimento da classe de verbos de movimento com trajetória, que chamamos de **classe geral**. Explicamos que o primitivo IR é um elemento semântico básico para nossa pesquisa, pois este é um elemento *default* para a análise dos verbos que lexicalizam movimento por uma trajetória. Esclarecemos, ainda, a divisão entre **classe** e **subclasse** que realizamos no processo de refinamento dos dados e, na sequência, tratamos da subclasse dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção do PB.

Por fim, expomos a proposta de análise do significado lexical dos verbos que estamos estudando, a partir do **teste de adjunção**. Com esse teste, evidenciamos que a composição de um sintagma direcional com *verbos do tipo de atravessar* não causaria redundância de sentido nas sentenças nem contradição, mas especificaria sua direção, ao contrário do que ocorre com *verbos do tipo de subir*. Também, o teste de adjunção nos dá indícios de que, em sentenças com *verbos do tipo de atravessar*, a informação focalizada é a de *deslocamento* e não de *direção*, como ocorre com *verbos do tipo de subir*.

No próximo capítulo vamos discorrer acerca da representação do significado lexical em primitivos semânticos para os verbos de movimento com trajetória. E, também, examinaremos as estruturas propostas por Rappaport-Hovav e Levin (2010), observando se a regra de representação lexical indicada para os verbos de movimento com trajetória do PB é adequada, e se os verbos de movimento com trajetória que não especificam direção podem ser descritos pela mesma estrutura de representação.

4 DECOMPOSIÇÃO DO SIGNIFICADO LEXICAL EM PRIMITIVOS SEMÂNTICOS

Este capítulo versa sobre a decomposição lexical em primitivos semânticos, apresentando, inicialmente, o que são os aspectos gramaticalmente relevantes do significado, importantes para esse tipo de análise. Em seguida, discutimos os postulados de autores como Grimshaw (2005), Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005), entre outros, sobre a característica bipartida do significado lexical, evidenciando que a parte do significado relevante para a representação lexical é a estrutura semântica e não o conteúdo semântico dos predicados. Também, contrapomos a noção de complementariedade modo/resultado a partir de evidências que mostram que um verbo pode apresentar a sobreposição de significado a depender do contexto em que é empregado. Finalmente, apresentamos as decomposições lexicais para os verbos de movimento com trajetória, e analisamos o comportamento gramatical dos verbos de movimento com trajetória do PB, embasando-nos, principalmente, no estudo de Rappaport-Hovav e Levin (2010), e apresentamos uma proposta de análise para os verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção do PB.

4.1 ASPECTOS GRAMATICALMENTE RELEVANTES DE SIGNIFICADO E A DECOMPOSIÇÃO LEXICAL

No capítulo 2 deste trabalho, expomos que um dos objetivos da *interface sintaxe-semântica lexical* é formar classes verbais que possuam propriedades semânticas e comportamento sintático semelhantes e relevantes para a gramática. Para isso, os semanticistas utilizam categorias conceituais para a decomposição de predicados. A decomposição de predicado, de acordo com Levin e Rappaport-Hovav (2005, p.69), é “[...] uma representação do significado formulada em termos de predicados primitivos escolhidos para representar componentes de significado recorrentes entre grupos de verbos.”⁸⁰. Segundo as autoras, as teorias da decomposição de predicados são frequentemente consideradas como descrições de tipos de eventos linguisticamente relevantes, que estão disponíveis para falantes descreverem acontecimentos do mundo.

Em muitas abordagens de estudos lexicais, o elemento CAUSE é considerado um primitivo semântico, como em Talmy (2000), Jackendoff (1990), Rappaport-Hovav e Levin (2010), para citar alguns. Levin e Rappaport-Hovav (2005) afirmam que o predicado

⁸⁰ Tradução livre, no original: “[...] a representation of meaning formulated in terms of one or more primitive predicates chosen to represent components of meaning that recur across significant sets of verbs.” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005, p.69)

primitivo CAUSE é frequentemente colocado como o elemento básico para as decomposições de predicados de verbos lexicalmente *causativos*, incluindo os transitivos *quebrar*, *abrir* e *secar*.⁸¹

As autoras também afirmam que os verbos causativos de mudança de estado formam uma classe gramaticalmente relevante, pois compartilham uma variedade de propriedades gramaticais, como se pode observar nas representações lexicais a seguir. Em (53) estão exemplificadas o que as autoras chamam de “regras de realização canônica” para verbos causativos como se percebe pela presença do primitivo CAUSE. Essas regras dão origem às estruturas de (c-d) com *dry* e *bottle*. Em (a-b) estão entre colchetes angulares o tipo ontológico de raiz, e em (c-d), temos exemplos de quando esses modelos são instanciados para verbos específicos, como: *dry* e *bottle*. As autoras postulam ainda que esses exemplos são inspirados em estudos anteriores de sua própria autoria, mas que são possíveis outros tipos de notações.

(53)

a. externally caused state →

[[x ACT] CAUSE [y BECOME <STATE>]]

b. place →

[[x ACT] CAUSE [y BECOME IN <PLACE>]]

c. *dry*: [[x ACT] CAUSE [y BECOME <DRY>]]

d. *bottle*: [[x ACT] CAUSE [y BECOME IN <BOTTLE>]]

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005, p.72)

As autoras asseguram que o tipo ontológico de uma raiz determina, em grande parte, sua associação básica em uma de estrutura de evento. Nos modelos de estrutura de evento dados acima, o tipo ontológico da raiz associada está indicado em colchetes angulares, e é preenchido pela raiz lexical quando esses modelos são completados por verbos específicos, como em (c-d). Podemos observar que “Os chamados verbos causativos são, portanto, uma parcela dos predicadores verbais que exprimem causa [...]” (CAMBRUSSI, 2017, p. 1741). Além disso, os verbos causativos são representados por uma estrutura complexa, que envolve conceitos relacionados. Por exemplo, existem os verbos de causação externa ou de causação interna, bem como as alternâncias de diátese que revelam as possibilidades de realização argumental e permitem que um mesmo evento seja descrito de maneiras distintas, como: “O vaso quebrou” e “João quebrou o vaso”. Essas alternâncias mostram que uma estrutura com

⁸¹ *Break, open and dry.*

CAUSE aceita verbos transitivos ou intransitivos, mapeando uma estrutura altamente complexa que reflete uma estruturação mais abstrata, que está marcada no léxico.

Para esse tipo de investigação do significado verbal, cada teórico utiliza métodos de análises próprios. E, com a análise por decomposição de predicados, o sentido dos verbos pode ser analisado de forma mais eficiente, pois verbos podem ser agrupados em classes, a partir das propriedades semânticas que compartilham. Contudo, não basta que os verbos, para serem considerados como uma classe, compartilhem propriedades semânticas, mas também, essas propriedades devem ser relevantes para a gramática.

Para compreender essa noção do que é gramaticalmente relevante, é preciso entender, conforme Levin e Rappaport-Hovav (2005), que os verbos lexicalizam propriedades de acontecimentos no mundo, e que o termo *evento* é utilizado para acontecimentos cujas propriedades são lexicalizadas por verbos. Assim, os significados dos verbos representam interpretações de eventos, e não o próprio evento. Nessa perspectiva, um verbo de movimento, por exemplo, representa uma interpretação de um evento de movimento e, “[...] sentenças contendo verbos podem ser consideradas como ‘descrições de eventos.’”⁸² (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005, p. 19). Podemos dizer, então, que esses acontecimentos ou eventos linguisticamente relevantes são de natureza cognitiva, pois refletem a forma como os humanos descrevem e/ou, como assegura Jackendoff (1990), o modo como conceptualizam o mundo.

Cabe ressaltar que as línguas podem apresentar diferenças nas descrições para um mesmo acontecimento, como mostram Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005) com o par de verbos inglês-italiano *blush/arrossire*⁸³. De acordo com elas, em inglês, o mesmo acontecimento é interpretado como um *processo*, e em italiano, como uma *mudança de estado*, assim, esse tipo de interpretação alternativa, que envolve diferentes aspectos gramaticalmente relevantes do significado, pode ocorrer dentro ou entre línguas, mostrando que há diferentes possibilidades de realização argumental.

De acordo com as autoras, as decomposições de predicados são construídas para que verbos pertencentes à mesma classe semântica tenham decomposições com subestruturas comuns, com raízes do mesmo tipo *ontológico*⁸⁴ preenchendo a mesma posição nessas

⁸² Tradução livre, no original: “[...] phrases containing verbs can be considered ‘event descriptions.’” (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005, p. 19)

⁸³ Corar/corar.

⁸⁴ O termo “ontológico” utilizado pelos linguistas se refere a esses constituintes serem considerados como “[...] categorias inatas e universais da cognição humana.” (Geeraerts, 2010, p. 139, tradução livre)

subestruturas. Assim, asseguram que classes semânticas amplas de verbos são definidas como aquelas que compartilham uma decomposição de predicado. E, se as decomposições forem escolhidas apropriadamente, os membros dessas classes compartilharão propriedades sintaticamente salientes, incluindo aquelas relevantes para determinar a realização argumental.

Como visto nos exemplos acima, os verbos causativos compartilham propriedades gramaticais, assim, essas subestruturas formadas por predicados primitivos e as subestruturas formadas por raízes de categorização ontológica constituem o que as autoras chamam de “aspectos gramaticalmente relevantes do significado”. Esses aspectos semânticos que são relevantes gramaticalmente compõem as estruturas de representação lexical.

Na literatura semântica, as chamadas *regras de representação lexical* são uma metalinguagem que deve capturar, além dos aspectos semânticos, as propriedades sintáticas das classes de verbos a partir da utilização de predicados primitivos. Assim, essas representações se referem a classes verbais amplas, e não somente a verbos individuais, desse modo, servem para descrever toda uma classe verbal a partir da utilização da decomposição de aspectos do significado verbal compartilhados pela classe.

Para entender como funcionam as regras de representação lexical, é necessário compreender que o significado verbal pode ser considerado como composto por duas partes. Grimshaw (2005 p. 75) argumenta que as propriedades semânticas dos predicados se dividem em dois tipos de informações fundamentalmente distintos, que a autora denomina de “conteúdo semântico” e de “estrutura semântica”. A autora postula que o que determina a expressão sintática dos argumentos de um predicado é a **estrutura semântica** e não o conteúdo semântico. Ela exemplifica afirmando que os predicados de mudança de estado são inacusativos, isto é, eles não têm argumento externo e não há sujeito na estrutura profunda, como em “The water cooled”⁸⁵ e “The plant grew”⁸⁶. (GRIMSHAW, 2005, p. 77) Em comparação, a autora mostra que os predicados de atividade são inergativos: possuem argumento externo, como em “She shouted”⁸⁷ e “He wrote”⁸⁸. (GRIMSHAW, 2005, p. 77). A partir desses exemplos a autora ilustra como funciona o mapeamento da semântica lexical para a estrutura sintática, e assegura que o ponto importante dessa distinção é que o mapeamento depende de certos aspectos semânticos dos predicados e não de outros. Na visão da autora, é relevante se o predicado codifica uma mudança de estado ou atividade, mas não é

⁸⁵ “A água esfriou”.

⁸⁶ “A planta cresceu”.

⁸⁷ “Ela gritou”.

⁸⁸ “Ele escreveu”.

relevante se se refere à temperatura (da água) ou ao tamanho (da planta), isso porque esses aspectos são da ordem do conteúdo semântico e não têm impacto na estrutura sintática.

Essa distinção apontada por Grimshaw vai ao encontro com as noções de Levin e Rappaport-Hovav (1995) no que diz respeito à definição de classes verbais, que são estabelecidas por compartilharem uma decomposição de predicado. Nesse raciocínio, o aspecto de estrutura semântica é a parte do significado responsável por definir uma classe de verbos e o primitivo é o elemento semântico relevante do significado verbal, compartilhado com todos os membros da mesma classe. Já o conteúdo semântico é a parte do significado que distingue os membros da classe, o que as autoras chamam de *idiossincrático*, que é específico para cada membro.

O trabalho de decomposição lexical é elaborado por vários teóricos que objetivam formalizar um modelo de representação das estruturas lexicais. Jackendoff (1990), como já exposto e retomado aqui, elabora a estrutura conceptual do tipo EVENTO (entre outras) aqui destacada. A estrutura conceptual para esses verbos, exemplificada em (9) e retomada abaixo, é formada pelos constituintes IR que codifica o movimento de uma ENTIDADE por uma TRAJETÓRIA:

(54) [Evento IR([ENTIDADE], [TRAJETÓRIA])]

Esses constituintes são os elementos primitivos, aos quais nos referimos como *default*: são elementos semânticos básicos que completam o sentido dos verbos. A categoria representada ilustra uma estruturação mais abstrata de um item lexical, neste caso o *verbo de trajetória*, que codifica um evento que equivale ao *deslocamento de uma entidade de um ponto x para um ponto y*, como se observa abaixo:

(55) Raquel entrou em casa.

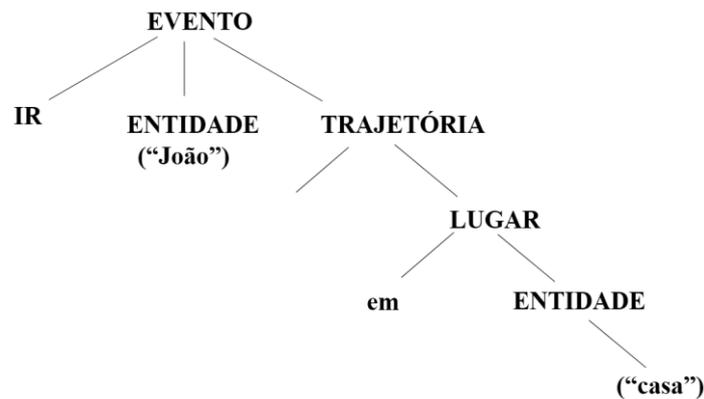
(56) [Evento IR ([Entidade RAQUEL], [Trajetória EM ([Lugar CASA]])]

Nessa representação, a entidade “Raquel” realiza o deslocamento por uma TRAJETÓRIA (ir de um ponto x “fora” para um ponto y “dentro”) e o SP mapeia a TRAJETÓRIA do evento IR realizado pela entidade. O exemplo mostra que a categoria TRAJETÓRIA requer dois argumentos para completar seu significado, assim, temos uma ENTIDADE, o sujeito da sentença, “Raquel” (primeiro argumento de IR) que se move, e a trajetória que especifica o trajeto do movimento “em casa” (o SP é o segundo argumento /

função-trajetória EM). A *função-trajetória* toma um *lugar* como seu argumento, e o LUGAR decompõe-se na *função-lugar* “em” com um argumento de ENTIDADE “casa” expresso pelo objeto da preposição. Nesse caso, o agente e a trajetória são argumentos da função IR. O verbo, neste caso, codifica as funções *lugar* e *trajetória* em uma construção biargumental.

Para Pinker, a representação lexical do verbo *entrar* é elaborada como na figura abaixo, anteriormente apresentada como figura (9), agora adaptada para o PB:

Figura 26 – Estrutura semântica da sentença “João entrou em casa”



Fonte: adaptado de Pinker (1989)

Por essa representação da estrutura semântica verificamos que o verbo *entrar* expressa um EVENTO e o sintagma nominal (NP) é preenchido por “João”, a ENTIDADE que realiza o movimento. No modelo teórico do autor, a estrutura semântica de *entrar* especifica a direção que ele lexicaliza: *entrar* → *ir de fora para dentro*. Esse tipo de verbo especifica uma direção utilizando uma *função-trajetória*, ou uma combinação de uma *função-trajetória* e um *lugar*. No caso da sentença “João entrou em casa”, o verbo mapeia uma TRAJETÓRIA e um LUGAR, ambos expressos pela preposição “em”. Ainda, o *lugar* é indicado pela ENTIDADE “casa”.

Essas explicações teóricas nos mostram que ambos os teóricos elaboram estruturas semelhantes para suas decomposições lexicais, embora se diferenciem pela representação linear ou arbórea. O ponto que destacamos é que os modelos de decomposição por primitivos semânticos são elaborados a partir de como o verbo seleciona seus argumentos e se realiza sintaticamente. Assim, em estruturas como as acima com o elemento IR, bem como em outras construções com outros componentes como CAUSA, MODO etc., os primitivos são funções que recebem argumentos.

No que tange aos verbos de modo de movimento, por exemplo, a estrutura semântica mapeia a informação de *modo como uma entidade se move* (o que é consenso entre os teóricos

que estamos estudando). A representação de Jackendoff, abaixo, ilustra a estrutura conceptual para os verbos deste tipo:

(57) [Evento MOVER ([ENTIDADE])] (JACKENDOFF, 1990, p. 89)

(58) [Evento MOVER ([RAQUEL])]

A estrutura em (58) representa que a entidade “Raquel” se moveu de um determinado modo, p.ex, “Raquel dançou”. Podemos verificar que o *modo de movimento* é relevante para a representação lexical, pois mapeia uma informação que é de “estrutura semântica”. Agora, o modo específico de mover-se “dançando” refere-se ao “conteúdo semântico do verbo” e não é relevante para a representação lexical. Assim, verbos como *correr, dançar, sapatear* etc. têm em comum o significado de “mover-se de um determinado modo” e isso determina a forma como esses verbos são realizados sintaticamente. Nesse sentido, não é relevante para as estruturas o conteúdo semântico desses verbos, pois, se uma entidade *corre, dança, sapateia* etc., isso não tem implicação para a representação lexical. Para os *verbos de movimento com trajetória*, a estrutura semântica codifica um movimento por uma trajetória que é um elemento gramaticalmente relevante, mas não é relevante se a direção tomada para esse movimento é *para dentro, para fora, pra cima* etc., pois essas informações são específicas (idiossincráticas) de cada verbo, são informações de conteúdo semântico pelo fato de a raiz codificar propriedades que não são compartilhadas com os outros membros da mesma classe.

Isso não significa dizer que as informações de conteúdo semântico devam ser desprezadas, mas sim que não impactam na realização gramatical, isto é, na forma como o verbo seleciona seus argumentos. Sobre isso, Grimshaw (2005) explica que, se o conteúdo e a estrutura são distintos, eles têm o potencial de classificar-se de forma cruzada, pois podemos encontrar pares com conteúdo correspondente, mas com diferentes estruturas semânticas. A autora discute sobre o mesmo par de verbos “blush” e “arrossire”, anteriormente apresentados, com base em Levin e Rappaport-Hovav (2005). Grimshaw (2005, p.77) afirma que “[...] os dois verbos parecem 'significar a mesma coisa', em certo sentido.”⁸⁹, embora classificados como verbo de mudança de estado (em italiano) e de processo (em inglês), e inergativo e acusativo, respectivamente. A autora assegura que se trata de um caso de conteúdo semântico mapeado por duas estruturas alternativas, e que “A existência de tais

⁸⁹ Tradução livre, no original: “[...] two verbs appear to "mean the same thing", in some sense”. (GRIMSHAW, 2005, p. 77)

exemplos fornece forte suporte para a separação de conteúdo e estrutura.” (GRIMSHAW, 2005, p. 77)⁹⁰

As decomposições predicativas, conforme Levin e Rappaport-Hovav (2005), codificam as relações entre os argumentos, portanto, ajudam a explicar por que certos argumentos resistem, enquanto outros não. Rappaport-Hovav e Levin (2010), diferentemente dos teóricos anteriormente citados, elaboram estruturas que permitem que a raiz lexical entre nas representações. A proposta das autoras é formada por um conjunto de regras de representação lexical que expressam as maneiras pelas quais a categoria ontológica de RAIZ determina sua integração em um “esquema de evento”.

(59) Regras de realização (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010, p. 24)

- 1) manner → [x ACT<*MANNER*>] (correr, ranger, assoviar, . . .)
- 2) instrument → [x ACT<*INSTRUMENT*>] (escovar, talhar, serrar, . . .)
- 3) container → [x CAUSE [y BECOME AT <*CONTAINER*>]] (enlatar, encaixotar . . .)
- 4) internally caused state → [x <*STATE*>] (enferrujar, florescer, apodrecer, brotar, . . .)
- 5) externally caused, i.e. result, state → [[x ACT] CAUSE [y BECOME <*RESULT-STATE*>]] (Quebrar, secar, endurecer, abrir, . . .)

Essas regras de representação são formadas por uma combinação de predicados primitivos que definem um tipo de evento e contém uma RAIZ que representa o significado do verbo. Rappaport-Hovav e Levin (2010) adotam uma distinção entre um componente *idiosincrático* do significado verbal, a RAIZ, e um componente estrutural que representa um “esquema de eventos”, que mapeia os tipos de eventos disponíveis para codificação linguística. A estrutura de eventos é representada por ACT, CAUSE e BECOME. Nas representações de (3-5), as raízes são integradas nos esquemas de eventos como argumentos, e em (1-2) funcionam como modificadores de predicados. As raízes estão em itálico e colchetes angulares, como <*STATE*>, e quando funcionam como modificadores elas são subscritas, como <*MANNER*>.

As autoras explicam que o elemento RAIZ possui como característica principal seu tipo *ontológico*, que determina sua associação básica em uma estrutura de evento. O tipo ontológico de raiz inclui *estado, mudança de estado ou resultado, recipiente, modo e instrumento*. (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010) Por exemplo, uma raiz da categoria

⁹⁰ Tradução livre, no original: “The existence of such examples provides strong support for the separation of content and structure. (GRIMSHAW, 2005, p. 77)

ontológica de “modo” seleciona um verbo de *modo*, uma raiz de “estado” seleciona um verbo de *estado*, e assim por diante.

Além desses componentes, os argumentos são representados pelas variáveis X e Y, indicando o número de participantes do evento. O predicado ACT, p.ex., requer um argumento para completar seu significado e esse argumento equivale a uma entidade representada por “X”. Já o predicado CAUSE requer dois argumentos para saturar seu significado, além de representar uma vinculação entre dois “subeventos” na estrutura. Essa vinculação de subeventos representada por CAUSE nos leva à distinção entre *eventos simples* que, segundo Levin e Rappaport-Hovav (2005), consistem de um único subevento, e *eventos complexos* que são compostos por dois subeventos.

Um *evento simples* pode ser representado pela estrutura [x ACT<MANNER>]; e um evento complexo por [[x ACT] CAUSE [y BECOME <RESULT-STATE>]]. Levin e Rappaport-Hovav (2005) consideram que o comportamento sintático dos verbos e sua realização argumental depende da distinção entre *evento simples* e *evento complexo*, pois determina a forma como o verbo seleciona os argumentos. Segundo elas, o comportamento sintático de verbos não-causativos é expresso por uma estrutura de evento simples, e para verbos causativos, por uma estrutura complexa. Por exemplo, o verbo *correr* expressa um evento simples, com um subevento relacionado, e requer um argumento, enquanto *quebrar* expressa um evento complexo, com dois subeventos relacionados e dois argumentos para serem saturados.

A regra de (59-1) representa os verbos que codificam um modo <MANNER>, por exemplo, modo de movimento (correr), modo de emissão de som (assoviar), modo de danificar objetos (bater) etc.; em (59-2) a raiz <INSTRUMENT> representa os verbos instrumentais, aqueles que envolvem um instrumento em sua interpretação, como *escovar*, *serrar*, *pentear* etc.; em (59-3), os verbos de continente, como *enlatar*, *ensacar*, *encaixotar* etc.; em (59-4), são representados os verbos de estado causado internamente <STATE>, como *florescer*, *apodrecer*, *brotar*, que não envolvem causação externa; e em (59-5), os verbos de causação externa que envolvem mudança de estado e resultado <RESULT-STATE>, como *quebrar*, *secar*, *abrir*.

Percebemos, pois, que as representações lexicais incluem predicados primitivos que não são decomponíveis e um tipo ontológico de raiz que integra um esquema de eventos e especifica o sentido idiossincrático do verbo. Além disso, os verbos devem se comportar de forma semelhante, tanto em sua realização argumental quanto em sua estrutura semântica, ou seja, quanto à sua realização sintática e significado lexical.

A seguir vamos discutir a noção de *resultado* e de *mudanças escalares* para os verbos de movimento com trajetória. E, a partir disso, observar como a lexicalização desses elementos determinam as representações lexicais desses verbos no que se refere à lexicalização de *mudança de lugar físico*, que é equivalente a um *lugar resultante*.

4.2. VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA: A NOÇÃO DE RESULTADO E DE MUDANÇAS ESCALARES

Um dos aspectos semânticos que discutimos no capítulo anterior, no que tange aos verbos de movimento com trajetória, é que esses verbos lexicalizam um *deslocamento por uma trajetória*. A diferença entre os verbos de modo de movimento e de verbos de movimento com trajetória, como já observado, reside no aspecto de *deslocamento no espaço*, que contempla os verbos de movimento com trajetória e tem como resultado uma *mudança de localização espacial* ou *mudança de lugar*, informação que não é implicada pelos verbos de modo de movimento. Rappaport-Hovav e Levin (2010) discutem a lexicalização de *resultado* codificada para os verbos de movimento com trajetória e relacionam com a concepção de *mudanças escalares*, e discorrem sobre a questão da complementariedade modo/resultado.

De acordo com Rappaport-Hovav e Levin (2010), os verbos não-estativos são classificados como verbos de modo ou verbos de resultado. Nessa lógica, os verbos de movimento, entram nessa categoria não-estática, e os verbos de movimento com trajetória, especificamente, são considerados pelas autoras como verbos de resultado:

“RESULT VERBS: Clean, cover, empty, fill, freeze, kill, melt, open, arrive, die, enter, faint . . .”⁹¹ (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010, p. 21)

A partir dos itens lexicais elencados pelas autoras, entendemos que *resultado* é a lexicalização de um evento que pode ser representado pelo verbo de mudança de estado *matar* (kill). Esse verbo lexicaliza o sentido de “provocar a morte” e codifica um *resultado* que é a mudança de estado da entidade afetada (vivo → morto), assim, o sentido de resultado expresso por esse verbo é “morto”. Quanto aos verbos de movimento com trajetória, o resultado está atrelado à ideia de *mudança de localização espacial*, conforme discutimos no

⁹¹ “VERBOS DE RESULTADO: limpar, cobrir, preencher, congelar, matar, derreter, abrir, chegar, morrer, entrar, desmaiar. . .” (RAPPAPORT-HOVAV ; LEVIN, 2010, p.21)

capítulo anterior, que também se relaciona com a noção de mudança escalar, conforme detalharemos nesta seção.

Rappaport-Hovav e Levin (2010) apontam que há uma distinção gramaticalmente relevante entre os verbos de *modo* e de *resultado*, isso porque eles diferem nos padrões de realização argumental. Elas asseguram que ambas as propriedades estariam em distribuição complementar, o que significa que um verbo tende a ser classificado como *verbo de modo* **ou** *verbo de resultado*, e não ambos. Assim, elas propõem que a complementaridade modo/resultado reflete uma restrição que surge da maneira pela qual os significados lexicalizados estão relacionados aos esquemas de eventos. Nessa visão, a complementariedade indicada pode ser compreendida como: um único item lexical não pode apresentar os significados de modo e de resultado concomitantemente devido à restrição imposta pela raiz verbal.

As pesquisadoras examinam a propriedade de *direção do movimento* e de *estado resultante* e identificam uma propriedade semântica comum que, segundo elas, justificaria classificar tanto o estado resultante como a direção do movimento sob a noção de resultado e distinguir ambos de modo. Essa propriedade em comum seria a de *mudanças escalares e não-escalares*, pois, conforme sugerem as autoras, “[...] todas as raízes de *resultado* especificam mudanças escalares, enquanto todas as raízes de *modo* especificam mudanças não-escalares.”⁹² (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010, p. 28, grifos acrescentados) As autoras asseguram que esses dois tipos de mudança estão em distribuição complementar e uma raiz pode lexicalizar apenas um tipo.

As autoras afirmam que os verbos de *modo de movimento* são do tipo que lexicalizam *mudanças não-escalares*, e isso se dá porque esses verbos não representam uma mudança nos valores de um único atributo. *Correr* e *caminhar* são verbos que envolvem diferenças no padrão de movimentos das pernas, ou seja, o padrão associado a *correr* é diferente do padrão associado a *caminhar*. Esses dois tipos de verbos envolvem diferentes movimentos corporais, e ainda, pode-se começar a *correr* com a perna direita ou com a perna esquerda. Assim, não há uma ordenação sobre o movimento de *correr* ou de *caminhar*, nem mesmo um ponto de partida necessário para o movimento. Por isso, esses verbos, embora envolvam algum tipo de mudança, essa mudança é do tipo não-escalar.

A *mudança escalar*, de outro modo, ocorre com verbos que especificam uma escala. Uma escala seria um conjunto de graus numa determinada dimensão que indicam valores de

⁹² Tradução livre, no original: “that all result roots specify scalar changes, while all manner roots specify non-scalar changes.” (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010, p.28)

medição, e a dimensão representa um atributo de um argumento verbal, com os graus indicando os possíveis valores do atributo. Uma mudança escalar em uma entidade envolve uma mudança no valor desse atributo em uma determinada direção ao longo da escala, com a direção especificada pela relação de ordenação.

De acordo com as pesquisadoras, a mudança escalar ocorre, especificamente, com os *verbos de mudança de estado* e de *movimento com trajetória*. Elas exemplificam o domínio da mudança de estado com os verbos *esquentar* e *esfriar*, mostrando que ambos estão associados a uma escala de valores na dimensão da temperatura (graus Celsius e Fahrenheit) mas o ordenamento desses valores difere. No caso de *esquentar*, os valores estão em ordem crescente, enquanto para *esfriar*, a escala tem a relação de ordenação contrária. Logo, um evento de *aquecimento* envolve um *aumento* de valor ao longo da dimensão da temperatura, e um evento de *esfriamento* envolve uma *diminuição* do valor ao longo da dimensão da temperatura.

No que se refere aos *verbos de movimento com trajetória*, as autoras afirmam que os pontos que constituem a escala são um conjunto de locais que formam um caminho e a direção é ordenada com relação a um objeto de referência - “fundo”. As escalas de mudança de estado e mudança de localização seriam então paralelas no sentido de que estar em uma posição em um caminho pode ser comparado a ter um valor particular para um atributo com verbos de mudança de estado.

As autoras explicam que, para que o caminho lexicalizado constitua uma escala, seus pontos devem ser ordenados, e destacam que os verbos de movimento com trajetória em inglês caem em subtipos diferentes de acordo com o modo como a relação de ordenação é estabelecida. Uma classe de verbos que inclui *descer*, *cair*, *subir*, p.ex., tem a direção do movimento totalmente lexicalizada pelo verbo, e a direção pode ser verificada como sendo contra ou a favor de uma força natural, que geralmente é a atração da gravidade. Por exemplo, com *descer* os pontos no caminho são ordenados na direção da gravidade, enquanto com *subir* são ordenados contra ela. As autoras ressaltam que existem outros verbos que não lexicalizam totalmente a direção do movimento, e que, nesses casos, a direção deve ser determinada externamente, em algum outro constituinte da sentença ou do contexto. Assim, a direção do movimento pode ser determinada de forma dêitica com *ir* e *vir*, por exemplo.

As autoras também apontam que *verbos de mudança de estado* e de *movimento com trajetória* se dividem em dois tipos específicos de escalas: *escalas de dois pontos* e *escalas de pontos múltiplos*. As escalas de dois pontos são aquelas que têm apenas dois valores, e estão associadas a atributos que codificam “ter ou não ter uma propriedade específica”. As autoras

citam os verbos *quebrar*, de mudança de estado, e *chegar*, que elas consideram como de movimento com trajetória, ambos com uma escala de dois pontos associada. A escala de dois pontos, em nosso entendimento, funciona com esses verbos da seguinte maneira: um objeto pode apresentar o estado de “quebrado” ou “não quebrado”, ou seja, “apresenta ou não a propriedade expressa por *quebrar*”. O mesmo ocorre com *chegar*, em que a entidade realiza ou não o evento expresso por *chegar*: “alcançar um determinado ponto em uma trajetória”.

Rappaport-Hovav e Levin (2010) acrescentam que, dentro da classe de verbos de mudança de estado, os verbos com escalas de múltiplos pontos são chamados verbos de “realização gradual” ou de “mudança gradual”. E verbos de movimento com trajetória, como *avançar*, *descer*, *cair*, *recuar* e *subir* são do tipo que descrevem percursos graduais de um caminho. Ainda, as escalas de múltiplos pontos se dividem em dois tipos: *escalas fechadas* (com limites); e *escalas abertas*, (sem limites) - a menos que sejam explicitamente especificadas. No domínio de mudança de estado, essa propriedade distingue verbos que lexicalizam uma escala fechada, como *esvaziar* e *achatar*, daquelas que lexicalizam uma escala aberta, como *esfriar* e *alongar*. *Esvaziar* e *achatar* são verbos de escalas fechadas, pois apresentam um limite que é expresso pelo próprio verbo: *esvaziar* = ficar vazio; *achatar* = ficar achatado. A lógica é simples de ser entendida, pois, o significado de *esvaziar*, por exemplo, expressa que um objeto alterna entre os estados de “conter alguma coisa” e “conter nada”, ou seja, a entidade “tem ou não uma propriedade específica” e essa propriedade é limitada → o limite de *esvaziar* é o estado de *vazio*. Diferentemente acontece com *alongar*, pois o significado de *alongar* expressa que um objeto “torna-se longo”, mas não apresenta limitação, a menos que tenha o limite especificado. No domínio do movimento, essa propriedade distingue entre verbos que lexicalizam um caminho limitado, como *vir* e *retornar*, daqueles que lexicalizam um caminho ilimitado, como *descer* e *subir*. *Vir* e *retornar* expressam um caminho limitado, pois codificam informações de “encaminhar-se para um lugar determinado”, ou seja, lexicalizam um caminho de dois pontos. *Subir* e *descer*, embora especifiquem a direção para cima e para baixo, não possuem limitação, como se pode verificar com as sentenças “Ele subiu a escada” e “Ele *subiu* quatro degraus da escada”. Essas duas sentenças expressam a possibilidade de realização gradual possibilitada pela semântica de *subir*, pois mesmo que o evento de *subir* não tenha sido realizado até o topo da escada, ainda assim se lexicaliza um evento de subida, que é o *deslocamento para um ponto acima no espaço físico*.

Em suma, o que Rappaport-Hovav e Levin (2010) defendem é que o movimento com trajetória e a mudança de estado caem sob uma noção semântica de mudança escalar, que,

segundo elas, recebe dois tipos de suporte. O primeiro: os verbos que lexicalizam *movimento com trajetória* ou *mudança de estado* nunca lexicalizam *modo*, conforme a complementaridade modo/resultado; o segundo: ambos os tipos de verbos mostram padrões semelhantes de *telicidade*. A *telicidade* se refere ao aspecto lexical dos verbos e relaciona-se com a dimensão temporal de evento. De acordo com Cançado e Amaral (2016, p. 139) “Aspecto lexical é uma propriedade semântica que expressa a maneira como determinada situação descrita por um verbo se desenrola no decorrer do tempo”. As autoras explicam que a noção de telicidade se refere à possibilidade de um verbo apresentar um resultado final determinado (téllico), ou não apresentar um resultado final determinado (atéllico). Ainda que consideremos a importância dessa discussão, não entraremos na questão da telicidade dos verbos de movimento com trajetória, pois está além dos limites de nosso estudo.

Quanto à posição de Rappaport-Hovav e Levin (2010) sobre complementaridade modo/resultado, em que sugerem que há restrições sobre quanto significado pode ser lexicalizado em um verbo, pode ser considerada como correlata à concepção de Talmy (1985, 2000). A proposta do autor presume que em línguas com *frame no verbo* (casos em que a língua codifica MOVIMENTO e TRAJETÓRIA) o MODO só poderia compor o *Evento de Movimento* quando expresso por um adjunto. Assim, nesse tipo de padrão linguístico, um mesmo item lexical não codificaria TRAJETÓRIA e MODO, o que é similar à noção de complementariedade de Rappaport-Hovav e Levin (2010).

Sobre essa hipótese da distribuição complementar, Santos Filho (2018) elabora um estudo evidenciando que há diversas ocorrências de verbos que lexicalizam MODO e TRAJETÓRIA no PB. O autor defende que o PB é uma língua com padrão de lexicalização misto, contrapondo a hipótese da distribuição complementar de Rappaport-Hovav e Levin (2010). Assim, segundo o autor, o PB lexicaliza a expressão pura de MODO, casos em que o verbo codifica MOVIMENTO e MODO, e o padrão de lexicalização misto, que se refere a verbos que codificam outros elementos semânticos além de MODO e MOVIMENTO. Dessa forma, a *expressão mista* de MODO realiza-se quando o verbo codifica MOVIMENTO e MODO, mais outro elemento semântico, como TRAJETÓRIA, FIGURA ou FUNDO.

Nosso posicionamento sobre essa questão da complementariedade é diferente das duas posições assumidas, pois consideramos, diferentemente de Rappaport-Hovav e Levin (2010) e de Santos Filho (2018), que os verbos possuem a capacidade de acumular propriedades semânticas, dependendo do contexto e do sentido evidenciado. Desse modo, não pensamos em complementariedade, mas acreditamos que um dos significados se sobrepõe em relação ao(s) outro(s). Assim, um verbo pode apresentar mais de um significado ao mesmo tempo,

mas, a depender do contexto e do significado evidenciado, um dos significados se destaca em relação ao outro. A posição que assumimos surge das análises da classe de verbos de movimento com trajetória, haja vista que essa classe mostra que a perspectiva de complementariedade modo/resultado contraria as evidências apresentadas pela própria classe. Isso ocorre porque a classe de verbos de movimento com trajetória do PB indicou que há a acumulação de propriedades semânticas e sobreposição de sentidos em verbos de trajetória, que podem expressar, além de trajetória, um modo de movimento.

Um caso que podemos citar, que evidencia essa acumulação de significados ocorre com o verbo *esborrachar*, a seguir:

O verbo *esborrachar* codifica informações de MODO e TRAJETÓRIA. Seu significado dicionarizado é “Estatelar-se no chão; cair” (cf. apêndice A – item 213). Santos Filhos (2018) também classifica esse verbo como contendo os elementos semânticos de [+MOVIMENTO, +MODO, +TRAJETÓRIA], e o tipo de movimento evidenciado pelo autor é de “movimento translacional”. O autor defende a coocorrência desses elementos semânticos, ao contrário do que assumimos nesta pesquisa, pois acreditamos em acumulação e sobreposição de sentidos. O exemplo abaixo mostra como o contexto em que o verbo é empregado pode mapear essas informações:

ESBORRACHAR:

(61) “E a Amy Winehouse se **esborrachou** no palco. Lembro quando tinha 18 anos e fui no show do Bezerra da Silva, ele não caía [sic] não!!”⁹³

O contexto da sentença evidencia que o significado focalizado de *esborrachar* é o de *cair de modo desastroso*, como se observa pela construção com a segunda sentença em que o verbo *cair* “caía” aparece. *Cair* possui como acepção “ir ao chão” (cf. apêndice A – item 100), indicando que *um deslocamento é realizado de um ponto alto para um ponto baixo*. Nesse caso, observamos em *esborrachar* o acúmulo das propriedades semânticas de [+MODO, +TRAJETÓRIA], com direção especificada. O MODO é expresso por *esborrachar* indicando que a entidade “Amy Winehouse” *caiu de forma desastrada*, como observamos na acepção do verbo indicada por “estatelar-se”. O verbo *esborrachar* codifica, além da expressão do MODO como a entidade caiu “esborrachando-se”, o sentido de TRAJETÓRIA com a DIREÇÃO determinada “cair = ir para baixo”, evidenciado pelo contexto em que o

93 Disponível em: <<https://twitter.com/patomatti/status/26103161475305472>> Acesso em: 01/04/2019.

verbo está empregado, mostrando que “Amy Winehouse” “deslocou-se de um ponto alto para um ponto baixo”. Nesse caso, o sentido predominante em *esborrachar* é o MODO *desastroso*, e as informações sobre a TRAJETÓRIA e a DIREÇÃO são secundárias, mas também codificadas pela raiz verbal.

Em espanhol também encontramos evidências que corroboram a capacidade que um verbo apresenta de acumular propriedades. *Levitar*, com base no dicionário *Señas* (2010) possui como acepção básica: *levantar-se no ar sem intervenção de nenhum fenômeno físico conhecido*. O significado dicionarizado de *levitar*, em espanhol, é similar ao significado em português (cf. apêndice A – item 262). Esse verbo é catalogado por nós como verbo de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA cuja *direção é especificada*; o mesmo é classificado por Santos Filho (2018) como verbo de [+MOVIMENTO, +TRAJETÓRIA, +MODO].

LEVITAR

(62) “hace un rato estaba en el colegio y la profesora de español nos dijo que en esa aula unos estudiantes habían hecho un pacto con el diablo, primero no le creí, pero luego llegó 1 profé que estuvo en el momento, hasta dijo q 1 estudiante **levitó** a 1 metro del suelo [...]”⁹⁴

O contexto em que o verbo *levitar* está empregado, em espanhol, revela que esse item lexical incorpora os elementos semânticos de MODO e TRAJETÓRIA com DIREÇÃO especificada. A TRAJETÓRIA é evidenciada pelo *deslocamento da entidade* com DIREÇÃO determinada (para cima), ambas as informações asseguradas pelo sintagma composicional “a um metro do chão”. O MODO do movimento é marcado no item lexical, assim como a DIREÇÃO: (levitar é para cima – *levitar* ocorre de um modo específico: por ação de algum fenômeno que não possui explicação científica). Nesse caso, o MODO de movimento se sobressai, o que é assegurado pelo contexto em que o verbo é empregado: *levantar-se no ar sem intervenção de fenômeno físico conhecido*; e a TRAJETÓRIA, que codifica o *deslocamento da entidade no espaço*, com *direção determinada*, mantêm-se em segundo plano.

Outro exemplo que ilustra a acumulação de propriedades semânticas é o verbo *vadear*, já discutido anteriormente. Esse verbo ilustra, de forma diferente dos verbos discutidos anteriormente (que acumulam trajetória e modo), que verbos de trajetória também podem

⁹⁴ “Faz um tempo que eu estava no colégio e a professora de espanhol nos disse que naquela sala de aula alguns estudantes fizeram um pacto com o diabo, primeiro não acreditei, mas logo chegou um professor que esteve no momento, até disse que um estudante **levitou** a um metro do chão” (Tradução livre). Para visualizar o original visite o endereço: <https://twitter.com/jeonsaw/status/1114301817733644288>. Nosso último acesso foi em 06/04/2019.

acumular outras propriedades semânticas, nesse caso (trajetória e fundo). A partir da verificação dos elementos semânticos lexicalizados por *vadear*, nós evidenciamos que esse verbo pode codificar um “fundo” em sua raiz lexical, além de *trajetória com direção inespecificada*:

VADEAR:

(60) “Crews e Bussey **vadearam** pelo pântano, em um esforço infrutífero por agitar os pássaros. Ao final do dia, elas teriam de voltar para seus maridos, filhos, empregos e responsabilidades sociais.”⁹⁵

O verbo *vadear* possui sentido semelhante a *atravessar*, contudo, há em sua raiz a lexicalização parcial de um FUNDO. A acepção básica de *vadear* é equivalente a “atravessar a *vau*” (Cf. Quadro 4 – item 69). No caso de (60), *vau* se refere ao pântano, que possui como características *um local plano coberto por vegetação alagada e enlameada*. No contexto analisado, as figuras “Crews e Bussey” realizam um *deslocamento* que é equivalente a *atravessar o pântano*. Nesse caso, temos a acumulação de propriedades em um mesmo item lexical, em que o elemento semântico evidenciado é a TRAJETÓRIA, pois o foco recai sobre o *deslocamento de um ponto x para um ponto y*; o sintagma adicional nomeia o FUNDO pelo qual o *deslocamento* foi realizado. Essa análise mostra que *vadear* não codifica a direção do movimento, mas *deslocamento por uma trajetória* e, parcialmente, um *fundo*, parcialmente porque codifica a informação de “*atravessar* uma parte rasa de um rio, lago ou outro terreno alagado”. O FUNDO “pântano” é determinado pelo sintagma combinado na sentença, expressando que o *deslocamento* por um terreno alagado ocorreu *em um pântano*, e não em um rio, p.ex. Desse modo, o elemento semântico TRAJETÓRIA é evidenciado, pois codifica, primordialmente, a informação de *travessia de um ponto x para um ponto y por um local raso e alagado*, e o FUNDO indicado por “pelo pântano” reforça a ideia de que a TRAJETÓRIA é sobressaliente, pois o SP acrescenta uma informação sobre “por onde” o deslocamento ocorre, indicando que a informação sobre o FUNDO subsiste em segundo plano.

Os exemplos discutidos nos dão suporte para acreditar que adotar a concepção de acumulação de propriedades lexicais e defender que um dos significados se sobrepõe em relação aos outros pode ser uma forma mais efetiva de análise das propriedades semântico-lexicais. Ainda que esta dissertação não aborde especificamente a acumulação dos elementos *modo* e *trajetória* (ou modo/resultado para Rappaport-Hovav e Levin), visto que não é o foco

⁹⁵ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/bruxas-do-pantano-mulheres-dispensam-homens-e-vaio-a-caca,63183c79976ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 14/04/2019

de nossa pesquisa, os dados linguísticos coletados para a formação da classe verbal dos verbos de movimento com trajetória apontaram indícios da acumulação de propriedades semânticas, o que não poderia ser ignorado. Nesse sentido, os dados do português brasileiro evidenciaram que verbos podem lexicalizar as propriedades *modo* e *resultado* concomitantemente, assim como outros elementos semânticos (como visto com *vadear*), no entanto, um dos significados se sobrepõe a depender do contexto linguístico em que é aplicado. Esse tipo de abordagem nos possibilita levar em conta o contexto de uso e o conhecimento que o falante possui sobre os itens lexicais, que possibilita utilizar um mesmo item em diferentes contextos linguísticos.

Sobre a concepção de *resultado* lexicalizado por verbos de movimento com trajetória com ou sem direção especificada, conforme discutido anteriormente, o *deslocamento* lexicalmente marcado por esses verbos resulta em *mudança de localização*, ou seja, resulta em *mudança de lugar*. Levin (1993) assegura que o significado desses verbos inclui uma *especificação da direção do movimento*, mesmo na ausência de um complemento direcional, entretanto, os membros dessa classe não se comportam uniformemente em todos os aspectos. A autora explica que o verbo *cross* (cruzar) foi incluído entre os verbos de movimento com trajetória por causa de seu significado, mas ele não se comporta em todos os aspectos como os outros verbos dessa classe, p.ex, ele é sempre transitivo. Além dessa distinção, há aquela apresentada por Rappaport-Hovav e Levin (2010) que diferencia “cruzar” e “atravessar” dos “verdadeiros” verbos de movimento com trajetória: *cruzar* e *atravessar* não lexicalizam mudanças escalares. Ademais, nossa análise de ambas as classes, *verbos do tipo de subir* e *verbos do tipo de atravessar*, no capítulo anterior, a partir da aplicação do teste de adjunção e da verificação dos elementos semânticos, evidenciou que os *verbos do tipo de atravessar* não possuem direção lexicalmente especificada. Ou seja, ambos os grupos de verbos possuem uma semelhança semântica no que se refere ao *deslocamento por uma trajetória*, mas são diferentes quanto à lexicalização de direção, assim, apresentam diferenças no seu comportamento semântico.

Levin e Rappaport-Hovav (1992) postulam, com base na hipótese da inacusatividade de Perlmutter (1978), e nos estudos de Burzio (1986), que os verbos de movimento não se comportam como uma classe unificada com relação à inacusatividade. Essa hipótese trata da realização sintática que separa os verbos intransitivos em duas classes: inacusativos e inergativos. As autoras asseguram que é possível fazer generalizações sobre o comportamento gramatical dos verbos de movimento do tipo de “chegar”, de “rolar” e de “correr” a partir de seus componentes de significado correlacionados com a inacusatividade. Essas generalizações são:

- primeira – os verbos do tipo de *chegar*, que inclui os verbos de movimento com trajetória, são encontrados na configuração sintática inacusativa e exibem um comportamento “inacusativo” independentemente de serem ou não usados na forma agentiva.

As autoras destacam que as evidências para esse tipo de comportamento vêm da chamada inversão locativa, que demonstra um padrão típico de diagnóstico para a inacusatividade.

- segunda – se o significado do verbo implica uma causação externa direta, então o verbo é encontrado na configuração sintática inacusativa; caso contrário, ele é encontrado na configuração sintática inergativa.

A inacusatividade, como já apontamos, é característica de verbos que selecionam um argumento único – interno – e não atribuem caso acusativo a seu argumento; já os inergativos são os verbos que selecionam um único argumento – externo – e expressam eventos causados internamente. As configurações sintáticas para ambos são apresentadas abaixo, conforme Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 3):

- (63) a. Unergative verb: NP [VP V]
 b. Unaccusative verb: ____ [VP V NP/CP]

Em resumo, Levin e Rappaport-Hovav (1992) sustentam que, no domínio do movimento, a presença de uma direção inerentemente especificada determina que um verbo é inacusativo (p.ex. *chegar*); na ausência de direção, a presença de causa externa direta significa que um verbo é inacusativo (p.ex. *rolar*); e a ausência de direção define que um verbo é inergativo (p.ex. *correr*). Além disso, para *correr* ocorre o fato de esse verbo expressar uma atividade internamente causada, o que também determina que seja um inergativo.

Para as autoras, o significado dos verbos da classe de *chegar* inclui uma localização obtida inerentemente especificada (*chegar*) ou um caminho inerentemente especificado (*descer* – que é equivalente ao deslocamento de forma intrínseca). Esses dois casos são exemplos do que chamamos de *verbo de movimento com trajetória especificada*, pois *chegar* codifica o *deslocamento de um ponto x para um ponto y*, e esses pontos são pré-determinados,

equivalentes a *origem + meta* do movimento, sendo que a meta é o ponto final atingido; o mesmo ocorre com *descer*.

O trabalho das autoras é bastante focado em demonstrar que a inacusatividade é sintaticamente representada, mas determinada pela semântica do verbo. Levin e Rappaport-Hovav (1995) dedicam-se a assegurar que a divisão na classe intransitiva (inacusativos x inergativos) não se reduz a características sintáticas dos verbos, mas decorre da compatibilidade de diferentes classes verbais semanticamente definidas.

4.3 ANÁLISE DECOMPOSICIONAL DOS VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA DO PB

Nesta seção vamos discorrer sobre a representação lexical dos verbos de movimento com trajetória do PB. Nosso objetivo é analisar as representações semânticas propostas para os verbos de movimento com trajetória a partir das regras listadas por Rappaport-Hovav e Levin (2010). Pretendemos observar se as raízes e predicados propostos seriam os mais adequados para sua representação, e se o comportamento gramatical dos *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção* permite que este grupo seja descrito pelas mesmas regras de representação que os integrantes da subclasse com direção especificada.

Como vimos discutindo, o movimento com trajetória é denotado por uma classe com uma estrutura semântica que possibilita a expressão de *mudança de lugar físico*. Os verbos de movimento com trajetória do *tipo de subir* lexicalizam os componentes semânticos [+MOVIMENTO, +TRAJETÓRIA, +DIREÇÃO] e os verbos do *tipo de atravessar* lexicalizam [+MOVIMENTO, +TRAJETÓRIA, -DIREÇÃO]. Em ambas as classes o significado de *deslocamento físico* de uma *figura* por uma *trajetória* é lexicalmente marcado, implicando *mudança de lugar físico* e, como se vê, a diferença entre eles está na lexicalização da direção: direção especificada *versus* direção inespecificada.

Além disso, a noção de mudança escalar para os verbos do tipo de *subir* é implicada, pois eles lexicalizam uma *mudança de localização espacial* que passa por diferentes níveis de mudança, nesse caso, de localização. Para os verbos de movimento com trajetória, a escala é constituída por pontos ao longo de uma trajetória com um ponto de referência definido.

As escalas de dois pontos são aquelas que têm apenas dois valores e lexicalizam um caminho limitado. *Entrar* e *sair* são exemplos de verbos que não podem tomar um caminho ilimitado, pois seus significados são especificados em uma escala de dois valores em que *fora*

e *dentro* são os dois pontos associados. Entrar: “fora → dentro”; Sair: “dentro → fora”. Ambos lexicalizam o *deslocamento de um ponto determinado para outro ponto determinado*, e o resultado só se realiza quando o ponto final delimitado é atingido.

As escala de múltiplos pontos são as que podem ter muitos valores e são associadas a verbos que lexicalizam mudanças graduais. São exemplos *descer* e *subir*, conforme exemplificamos anteriormente com “Ele *subiu* a escada” e “Ele *subiu* quatro degraus da escada”. Esses verbos lexicalizam um caminho ilimitado, mas podem ainda limitar um caminho, se for especificado de forma explícita.

A partir das discussões realizadas nesta dissertação, podemos concluir que a informação lexical básica para a interpretação dos verbos de movimento com trajetória do *tipo de subir* e do *tipo de atravessar* é a *mudança de lugar físico*. Contudo, as estruturas de representação propostas por Rappaport-Hovav e Levin (2010), apresentadas em (59), e repetidas abaixo, não incluem a informação de *lugar resultante*, efeito do deslocamento por uma trajetória.

(64) Regras de realização (RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010, p. 24)

- 1) manner → [x ACT<*MANNER*>] (correr, ranger, assoviar, . . .)
- 2) instrument → [x ACT<*INSTRUMENT*>] (escovar, talhar, serrar, . . .)
- 3) container → [x CAUSE [y BECOME AT <*CONTAINER*>]] (enlatar, encaixotar . . .)
- 4) internally caused state → [x <*STATE*>] (enferrujar, florescer, apodrecer, brotar, . . .)
- 5) externally caused, i.e. result, state → [[x ACT] CAUSE [y BECOME <*RESULT-STATE*>]] (Quebrar, secar, endurecer, abrir, . . .)

Esse conjunto de regras representa os eventos linguisticamente codificáveis elencados pelas autoras, e expressa ainda a complementariedade modo/resultado que as autoras defendem. De acordo com essas regras, as raízes de modo (em 1) modificam o predicado ACT e as raízes de resultado (em 5) são argumentos de BECOME, assim, uma raiz pode modificar ACT ou ser um argumento de BECOME em um determinado esquema de evento, e não pode modificar esses dois predicados de uma vez sem violar a restrição de lexicalização. Assim, mantém-se a complementariedade modo/resultado.

A regra que contempla os verbos de movimento com trajetória é a representada em (5), que envolve o predicado BECOME, e uma raiz de resultado associada. Essa representação não traz a interpretação básica de sentido dos verbos de movimento com trajetória que é o *lugar resultante*. Cambrussi (2017) elabora um estudo no qual apresenta

uma simetria de comportamento entre os *verbos de movimento direcionado* (verbos de movimento com trajetória) e de *mudança de estado* no que tange à causatividade. A pesquisadora mostra que ambos os tipos de verbos podem participar da alternância causativa, e sustenta que há um operador causal primitivamente ligado à mudança de estado e de localização. Ela defende a inclusão de verbos de mudança de estado e de verbos de movimento com trajetória em uma mesma classe, a dos verbos de resultado, pois ambos os grupos de verbos denotam causalidade e eventualidades compostas por subeventos causais, mas assegura que as representações devem diferenciar as raízes de *lugar resultante* e *estado resultante*.

Em nosso estudo, de modo diferente, não estamos considerando os verbos de movimento com trajetória causativos. Entretanto, os verbos de movimento com trajetória entram em uma estrutura complexa que pode envolver um subevento causal como visto em (5). A nossa posição converge com a posição da autora no que se refere à inclusão de um *lugar resultante* <RESULT-PLACE> na representação lexical desse grupo de verbos, pois se é esse o resultado denotado por esses verbos, ou seja, se é essa a informação lexicalizada, ela deve aparecer nas estruturas tornando a representação mais adequada.

Outro ponto, o mais significativo evidenciado por Cambrussi (2017), é a proposta para a representação de verbos como *escalar*, que codifica modo e direção do movimento. De acordo com a autora, verbos como *escalar* lexicalizariam duas raízes para representar seu conteúdo idiossincrático: *andar* e *subir*. *Escalar*, nessa lógica, lexicaliza um modo de movimento e movimento com direcionamento, o que é equivalente a *andar para cima*. A autora propõe a estrutura abaixo para representar *verbos do tipo de escalar*, e declara que essa representação não viola a complementariedade modo/resultado, pois “[...] uma raiz é modificador (adjunto de ACT), e outra é argumento (de BECOME), ou seja, estão em distribuição complementar, pois adjuntos e argumentos não ocupam a mesma posição.” (CAMBRUSSI, 2017, p. 1747)

(65)

a. [[x ACT<MANNER>] CAUSE [x BECOME AT<RESULT-PLACE>]]

b. Alguém escalou o Morro da Antena.

(CAMBRUSSI, 2017, p. 1746)

Sabemos que os verbos de movimento com trajetória e direção intrinsecamente marcada incluem em seu significado uma especificação de direção do movimento, mesmo na

ausência de um complemento direcional. Levin (1993) explica que, para alguns verbos, esta especificação pode ocorrer em termos dêiticos, como *ir* e *vir*; para outros, em termos não-dêiticos. Além disso, nenhum desses verbos expressa um modo de movimento.

Levin e Rappaport-Hovav (1995) afirmam que, por especificarem lexicalmente uma direção, os verbos de movimento e trajetória não se combinam em construções com sintagmas resultantes e isso ocorre porque o próprio verbo expressa resultado. As autoras explicam que a delimitação de uma eventualidade em uma sentença pode ser uma consequência do significado do verbo, se o verbo é inerentemente delimitado, ou a eventualidade pode ser explicitamente delimitada através do uso de um PP ou outro XP que funciona como um delimitador. Dado que verbos de movimento inerentemente direcionado são lexicalmente delimitados, uma vez que seu significado envolve uma mudança de localização, eles não podem ter um segundo delimitador sintaticamente codificado. Assim, esses verbos só podem aparecer com frases-meta se servirem para especificar o ponto final inerente ao significado do verbo.

As autoras apontam que uma propriedade notável dos verbos de movimento inerentemente direcionado é que, embora possam ser usados na forma agentiva ou não-agentiva, eles mostram um comportamento inacusativo consistente. A inacusatividade, na perspectiva da teoria sistematizada pelas autoras, é uma propriedade lexical e, portanto, deve ser determinada pelas propriedades lexicais de um verbo e não por propriedades no nível da sentença.

A partir da noção de mudança escalar e de resultado postulada pelas autoras, a representação que contempla os verbos de movimento com trajetória é:

(66) [[x ACT] CAUSE [y BECOME <RESULT-STATE>]]

O significado de verbos de mudança de estado e o de verbos de movimento com trajetória, que codificam um resultado, são ambos representados por essa estrutura. A raiz representada por <RESULT-STATE> codifica estado e resultado. Nessa estrutura lógica, verbos de movimento com trajetória expressam uma entidade que muda sua localização espacial. Essa estrutura é do tipo complexa, pois mapeia dois subeventos que estão relacionados pelo primitivo CAUSE, e desse modo, codifica dois argumentos para serem saturados. O primitivo CAUSE indica um evento causativo, equivalente a “x age e causa um evento resultante em que y muda de estado”.

(67)

- a) Paulo *matou* Maria. (resultado = mudança de estado da entidade afetada)
- b) Raquel *abriu* a porta. (resultado = mudança de estado da entidade afetada)

A regra comporta os eventos externamente causados de mudança de estado e de localização, e também os eventos não causativos. Assim, o subevento de mudança de localização, não causativo, é realizado por uma entidade que realiza o movimento e sofre deslocamento:

(68)

- a) João *subiu* o Morro da Cruz. (resultado = mudança de localização da entidade)
- b) Raquel *entrou* na sala. (resultado = mudança de localização da entidade)

Da perspectiva de um evento simples, com um subevento relacionado, neste caso BECOME, uma entidade se desloca e resulta em um lugar novo. Acreditamos que essa regra de representação deva incluir a noção de mudança de lugar, o mesmo é indicado por Cambrussi (2017) como <RESULT-PLACE>. Mas por que essa raiz deveria ser incluída? Porque ela codifica a informação *ontológica*, que é de estrutura semântica dos verbos de movimento com trajetória, isto é, essa interpretação de mudança de localização espacial é codificada por todos os verbos que compõem a classe de verbos de movimento com trajetória. A regra, da forma como foi proposta por Rappaport-Hovav e Levin (2010), relaciona estado e resultado, mas a informação específica de lugar resultante não aparece.

Uma estrutura capaz de capturar as informações lexicalizadas pelos verbos de resultado em uma estrutura complexa, que comporta os verbos de movimento com trajetória, poderia ser representada como abaixo, apresentada por Cambrussi (2017):

(69) [[x ACT] CAUSE [x BECOME AT <RESULT-PLACE>]]

Essa estrutura mapeia um evento que captura dois subeventos relacionados pelo primitivo CAUSE, e também inclui os verbos de movimento com trajetória sem causação externa, que estamos estudando. A estrutura simples, que não contém CAUSE, seria então representada por:

(70) [x BECOME AT <RESULT-PLACE>]

A estrutura acima codifica a informação expressa por verbos de movimento com trajetória como *subir*, *entrar*, *sair*, entre outros. (70) representa uma entidade que se desloca e a mudança de localização é expressa pelo predicado primitivo BECOME, que resulta em *mudança de localização expressa e codificada pela raiz*. A RAIZ de *resultado* é uma raiz semântica que codifica um *lugar resultante* e evoca o significado que é específico de cada verbo, embora existam outros verbos que possam expressar o mesmo significado, como *subir* e *escalar* que denotam ‘ir para cima’, e *descer* e *cair* que denotam ‘ir para baixo’. Então, quando nos referimos ao “significado específico do verbo”, não significa que cada verbo terá um significado diferente e único em relação aos outros, mas que a regra determinará o significado do verbo que está sendo representado na estrutura, focalizando o sentido expresso pelo item lexical.

Nessa perspectiva, a raiz semântica codifica um lugar e um resultado, como se pode verificar na exemplificação em (71). Podemos observar que, diferentemente dos outros autores que estudamos, a estrutura de eventos proposta por Rappaport-Hovav e Levin (2010) permite que a raiz semântica entre na representação, codificando a informação idiossincrática do verbo. Também, conforme discutimos anteriormente, a informação gramaticalmente relevante mapeada pela estrutura semântica dos verbos de movimento com trajetória é o *deslocamento de um ponto x para um ponto y*, com um **lugar resultante**. Portanto, a informação que está dentro dos colchetes angulares especifica o sentido idiossincrático do verbo, mas codifica uma informação que é de estrutura semântica, isto é, a informação de mudança de localização espacial. Assim, o *lugar resultante* de *entrar* é ‘dentro’, de *sair* é ‘fora’, e de *subir* é ‘em cima’, mas é a estrutura semântica desses verbos que determina sua integração nessa representação, e não suas propriedades idiossincráticas. Ainda, no caso dos verbos que codificam resultado, a raiz é integrada no esquema de evento como argumento, em conformidade com Rappaport-Hovav e Levin (2010).

(71) Lugar resultante →

- a) *entrar*: [x BECOME AT <DENTRO>]
- b) *sair*: [x BECOME AT <FORA>]
- c) *subir*: [x BECOME AT <EM CIMA>]

Assumimos, portanto, que a inclusão de uma posição na representação lexical, que codifique um *lugar resultante*, permite diferenciar o *tipo de resultado* codificado pela raiz verbal, já que ambas são integradas em uma estrutura de evento que exprime resultados dos

tipos de mudança de estado e de localização, além do subevento representado pelo primitivo CAUSE. Quanto aos *verbos do tipo de atravessar*, se podem ser descritos por essa mesma representação, discorreremos a seguir.

4.3.1 Representação lexical dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção na estrutura [X BECOME AT <RESULT-PLACE>]

O trabalho realizado até este momento nos mostra que há uma distinção entre os *verbos do tipo de subir* e os *verbos do tipo de atravessar*. Essa diferença é consequência da lexicalização de *deslocamento de um ponto x para um ponto y* por ambos os tipos de verbos, mas que diferem quanto à lexicalização de direção que, para os *verbos do tipo de subir* é marcada no item lexical (os pontos x e y são predeterminados), e para os *verbos do tipo de atravessar* (os pontos x e y não são predeterminados), não é marcada lexicalmente. Também vimos que o significado lexical dos *verbos do tipo de subir* seria mais adequadamente representado em uma estrutura que inclua a raiz <RESULT-PLACE> em sua representação, pois verbos desse tipo são agrupados entre os *verbos de resultado* e a categoria ontológica da RAIZ não é diferenciada no que concerne à *mudança de lugar*.

Agora, se os *verbos do tipo de subir* e os *verbos tipo de atravessar* codificam informações diferentes sobre a direção – *inespecificada x especificada*, como deveria ser a representação lexical dos *verbos do tipo de atravessar*? Sabemos que a representação lexical leva em conta os aspectos de significado atrelados à estrutura semântica, que são gramaticalmente relevantes. Os elementos semânticos *movimento, deslocamento, trajetória e direção* nos mostraram que há equivalência de componentes semânticos lexicalizados por ambos os tipos de verbos, exceto no que se refere à lexicalização de direção. Também sabemos, conforme Rappaport-Hovav e Levin (2010), que verbos como *cruzar* e *atravessar* lexicalizam mudanças não-escalares, pois não há uma ordenação dos pontos ao longo da escala, portanto, não há especificação da direção do movimento, ao contrário de verbos como *subir* e *entrar*.

(72) Eu **atravessei** o Canal da Mancha.

(73) Eu **cruzei** o Canal da Mancha.

Ao examinar essas duas sentenças percebemos que, conforme as autoras sustentam, a travessia do Canal da Mancha pode ser realizada para qualquer direção “da França para a Inglaterra” ou “da Inglaterra para a França”. Isso ocorre porque a *direção* não está marcada

lexicalmente, diferente de *subir* que codifica uma escala de múltiplos pontos, do tipo aberta, com uma direção de ordenação associada contra a gravidade. Assim, *subir* codifica *deslocamento para um ponto acima no espaço físico*. Com *entrar* a codificação é em uma escala limitada de dois pontos que expressa *alcançar um determinado ponto em uma trajetória*. Agora, *cruzar* e *atravessar* são verbos de mudanças não-escalares, pois, apesar de especificarem *deslocamento ao longo de uma trajetória com um ponto de referência*, eles não exprimem uma ordenação dos pontos ao longo de um caminho (o movimento pode ser realizado para qualquer lado, em qualquer direção etc.). Entretanto, há semelhança lexical entre os verbos *do tipo de subir* e *do tipo de atravessar*, que está na lexicalização de *mudança de lugar físico*, ou seja, *codificam um lugar resultante*.

Conforme as análises realizadas no capítulo 3, evidenciamos que, para os verbos *do tipo de subir* a informação focalizada é a de *direção do movimento*, e para os verbos *do tipo de atravessar* é a de *deslocamento*. Quanto à lexicalização das escalas, *cruzar* e *atravessar* lexicalizam mudanças não-escalares, mas o significado desses verbos é similar ao de verbos *do tipo de subir* pois codificam um movimento por uma trajetória que é de *um ponto x para um ponto y*, mas a direção não é especificada no item lexical.

Alguns dos verbos que, no capítulo anterior, agrupamos por similaridade de comportamento semântico e aplicamos o **teste de adjunção**, são empregados nas sentenças abaixo com a mesma informação codificada por *cruzar* e *atravessar*.

(74) Eu **vadeei** o Canal da Mancha.

(75) Eu **desviei** do Canal da Mancha.

(76) Eu **passei** o Canal da Mancha.

Todos esses verbos tem em comum o sentido de *direção inespecificada*. Em todos esses casos, o verbo não lexicaliza totalmente a direção do movimento, mas codifica *deslocamento por uma trajetória*. Do ponto de vista semântico, verbos *do tipo de subir* e verbos *do tipo de atravessar* mapeiam informações que estão marcadas no léxico sobre *deslocamento por uma trajetória*. E, tendo em vista que a RAIZ codifica a informação idiossincrática do verbo, isto é, seu significado individual, consideramos que tanto os verbos *do tipo de subir* como os *do tipo de atravessar* podem ser representados pela mesma estrutura. A diferença de *lexicalização de direção* ou *não lexicalização de direção* pode ser considerada como um elemento idiossincrático, isto é, informação de conteúdo semântico, se levarmos em conta que verbos *do tipo de atravessar* codificam [-DIREÇÃO] e verbos *do tipo de subir* codificam [+DIREÇÃO]. Por esse ponto de vista, a informação de *lugar resultante* prevalece,

e é essa informação (de estrutura semântica) que é capturada pelas regras de representação propostas por Rappaport-Hovav e Levin (2010). Nessa visão, ambos os tipos de verbos podem ser representados pela mesma estrutura de evento com uma RAIZ ontológica de “resultado”, que seleciona um verbo de *resultado*. Essa generalização se torna possível porque os dois tipos de verbos implicam *deslocamento por uma trajetória* e mapeiam um *lugar resultante*.

Para ilustrar essa possibilidade, em (77a-b), abaixo, os verbos *atravessar* e *afastar-se*, são empregados em sentenças que mostram a expressão de um *lugar resultante*. Nos dois casos, o emprego dos verbos indica que há o deslocamento de uma entidade por uma trajetória que resulta em um lugar novo, ou seja, ocorre a mudança de localização espacial da entidade.

(77) [x BECOME AT <RESULT-PLACE>]

- a) O gato *atravessou* a rua.
- b) Raquel *afastou-se* de João.

Em (77-a), a entidade “o gato” desloca-se obtendo um lugar resultante “o outro lado” [da rua]; e em (77-b) o lugar resultante é um “lugar longe” [de João] para onde se desloca “Raquel”, a entidade. Como visto em (77) *atravessar* e *afastar-se*, codificam um movimento por uma trajetória com *mudança de localização*.

A partir desses exemplos, observamos que a regra pode ser generalizada para ambos os tipos de verbos. Para assegurar essa posição, evidenciamos que a própria análise das autoras, sobre os *verbos de movimento com trajetória*, aponta que essa classe apresenta diferenças quanto a lexicalização de *direção*. Rappaport-Hovav e Levin (2010) incluem entre os *verbos de movimento com trajetória* os verbos *chegar*, *partir*, *entrar*, *sair*, *deixar*, *alcançar*, *recuar* e *retornar*, que, segundo elas, determinam a direção com relação a um objeto de referência. Já os verbos *ir* e *vir*, que não lexicalizam totalmente a direção do movimento, mas, podem ter seu sentido completado de forma dêitica, ou por algum outro constituinte da sentença ou do contexto, também são incluídos entre os *verbos de movimento com trajetória*.

Esses apontamentos são interessantes, pois as autoras mostram que há diferenças quanto à lexicalização de *direção* entre esses verbos. Elas afirmam que é possível comparar os verbos *chegar* x *entrar*, e *sair* x *partir*, para compreender essas diferenças de lexicalização da direção. Enquanto *entrar* mapeia uma direção com relação a um objeto de referência, por exemplo “ir para dentro de algum lugar”, *chegar* mapeia uma direção de outra forma “atingir

uma área predeterminada”; *sair* codifica “ir para fora de algum lugar”, e *partir* “afastar-se de uma área predeterminada”. Como podemos observar, todos esses são *verbos de trajetória*, que possuem em sua estrutura semântica a informação de “ir de um ponto x para um ponto y” e todos implicam *mudança de lugar* tomando um fundo como referência. Para esclarecer, estamos afirmando que os *verbos do tipo de atravessar* codificam informações de movimento com direcionamento, mas não especificam a direção do movimento.

Na estrutura de representação lexical, as autoras consideram que verbos como *ir* e *vir*, *chegar* e *partir*, que lexicalizam a direção de diferentes formas, podem ser igualmente representados, e isso ocorre em razão da estrutura semântica desses verbos, ou seja, pela forma como esses verbos se realizam sintaticamente e pelo seu significado. A informação generalizada para todos é a de lexicalização de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA com um *lugar resultante*, e o mesmo é lexicalizado pelos *verbos do tipo de atravessar*. Nesse sentido, podemos considerar que essa classe define verbos que estão relacionados por uma **estrutura semântica geral** no que se refere ao *deslocamento por uma trajetória*, mas que diferem quanto à determinação de direção. Assim, a informação lexical denotada por todos esses verbos é a de “partida de um X para outro ponto Y”. Por exemplo, os verbos que discutimos anteriormente, *afastar-se* e *apartar-se*, exprimem *mudança de lugar*, embora lexicalizem somente a *origem* do movimento; verbos como *subir* e *entrar* denotam *deslocamento* com *origem + meta*, ou seja, para esses, o movimento é completamente orientado; e *verbos do tipo de atravessar* codificam movimento direcionado sem especificação de *origem* e *meta* do movimento.

Ademais, é notória a diferença do que consideramos como *verbos de movimento com trajetória que especificam direção*, pois, dos verbos citados pelas autoras, *chegar*, *partir*, *entrar*, *sair*, *deixar*, *alcançar*, *recuar* e *retornar*, para nós, o verbo *partir* é integrante da subclasse dos *verbos do tipo de atravessar*, isso porque lexicaliza somente a *origem* do movimento e não a *meta*, e, conforme determinamos, verbos que possuem *origem + meta* especificados no próprio item lexical seriam os verbos com direção lexicalmente marcada.

Podemos perceber também que as autoras não se preocupam em definir o que consideram como direção lexicalizada, por isso, classificam os *verbos que implicam trajetória com um lugar resultante* como de *movimento inerentemente direcionado*. Entretanto, como vimos, os *verbos de trajetória* lexicalizam direção de diferentes formas: há aqueles que determinam o ponto de *origem + meta*, aqueles que determinam somente o ponto de *origem*, aqueles que só determinam o ponto *meta*, e aqueles que lexicalizam movimento com

direcionado por uma trajetória, mas não determinam nem o ponto de *origem* nem o ponto *meta*.

A partir dessas considerações, pode-se inferir que a classe dos verbos de movimento com trajetória pode ser subdividida, grosso modo, em verbos com *direção especificada* e verbos com *direção inespecificada*. Essa discussão nos dá indícios de que a classe dos *verbos de movimento com trajetória* é heterogênea quanto à lexicalização de direção, pois os verbos integrantes da classe lexicalizam o componente semântico DIREÇÃO de diferentes formas, contudo, mesmo com essas diferenças, ainda assim, têm em comum o sentido de *lugar resultante* que é o efeito do *deslocamento no espaço físico*.

Quadro 6: Tipos de direção lexicalizados por verbos de movimento com trajetória

Tipo de direção do movimento	Verbo prototípico
Movimento com direção especificada Movimento de um ponto determinado para outro ponto determinado;	Subir “ir de um ponto baixo para um ponto alto”
Movimento com direção inespecificada Movimento a partir de um ponto determinado para um ponto indeterminado;	Afastar(-se) “ir de um ponto determinado para um ponto Y”
Movimento com direção inespecificada Movimento de um ponto indeterminado para um ponto determinado;	Confluir ⁹⁶ “ir de um ponto X para um ponto determinado”
Movimento com direção inespecificada Movimento com direcionamento, sem ponto de origem e ponto de meta determinados.	Atravessar “ir de um ponto X para um ponto Y”

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Esse quadro ilustra as diferentes informações sobre direção lexicalizadas pelo grupo de verbos de movimento com trajetória. Essa súmula de possibilidades de significados evidenciam uma das premissas da decomposição lexical em primitivos semânticos, a de que certos aspectos do significado do verbo são relevantes para a sintaxe e outros aspectos do significado não são. Nesse sentido, os significados individuais dos verbos, no que se refere à lexicalização de *direção especificada* ou *não especificada* podem ser representados pelo elemento idiossincrático de significado, a RAIZ, e isso se torna possível porque *verbos do tipo de subir* e do *tipo de atravessar* codificam [+MOVIMENTO, +TRAJETÓRIA, +DIREÇÃO] e [+MOVIMENTO, +TRAJETÓRIA, -DIREÇÃO], respectivamente. A informação sobre a lexicalização de *direção especificada* ou *não especificada* pode ser expressa pela RAIZ definindo o significado do item lexical individualmente, já que ambos

⁹⁶ O significado dicionarizado de *confluir* pode ser verificado no Quadro 3 - item 12.

pertencem a uma mesma classe de verbos que codifica o *deslocamento por uma trajetória*, o que é igual a *ir de um ponto x para um ponto y*. Isso significa dizer que, embora *verbos do tipo de atravessar* diferenciem-se dos *verbos do tipo de subir* quanto à lexicalização de direção, ambos codificam um *movimento com direcionamento*, que está especificado ou inespecificado na raiz verbal.

Nessa lógica, a similaridade de significado pode ser capturada pela estrutura pois a informação primitivamente semântica desses verbos, o *lugar resultante*, é a informação apreendida pelas regras de representação dos verbos de movimento com trajetória. Por isso, consideramos que os *verbos do tipo de subir* e *verbos do tipo de atravessar* podem ser representados em uma mesma estrutura de evento, com a inclusão da RAIZ do tipo <RESULT-PLACE> para mapear a informação de *lugar resultante* expressa pela estrutura semântica desses verbos.

4.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo discutimos a metalinguagem de decomposição de predicados utilizada para análise e representação do significado verbal. Inicialmente, apresentamos os aspectos gramaticalmente relevantes de significado passando pelas noções de conteúdo semântico e estrutura semântica, e mostramos, a partir de autores como Grimshaw (2005), que os componentes gramaticalmente relevantes de significado estão atrelados à estrutura semântica. Em seguida, discutimos sobre a decomposição de predicados para os verbos de movimento com trajetória, bem como a concepção de mudanças escalares e não-escalares e o componente semântico de resultado que integra seu significado lexical. Por fim, analisamos as regras de representação lexical propostas por Rappaport-Hovav e Levin (2010), observando se as regras propostas eram adequadas para representar o sentido dos verbos de movimento com trajetória e direção especificada ou inespecificada. Também vimos que os verbos de movimento com trajetória lexicalizam a direção de diferentes formas, conforme a sintetização realizada no Quadro 6. Além disso, apontamos que os *verbos do tipo de atravessar* poderiam ser descritos pelas mesmas regras de representação lexical que os *verbos do tipo de subir* se levarmos em conta a informação lexicalmente marcada de *deslocamento de um ponto x para um ponto y*, e também, que a direção, embora seja inespecificada, é lexicalizada por esses verbos como uma propriedade que codifica movimento com direcionamento, isto é, a direção que é inespecificada, ainda assim é codificada pela raiz verbal.

A partir das discussões e análises realizadas ao longo do capítulo pudemos constatar que a informação de *mudança de localização* lexicalizada pela raiz deveria ser incluída na representação dos verbos de movimento com trajetória, codificando a informação de um *lugar resultante* <RESULT-PLACE>. Essa posição pode ser adotada, já que, como se sabe, no que diz respeito aos componentes de significado, apenas uma parte das propriedades semânticas possui, de fato, uma relevância gramatical, o que implica que nem todos os componentes de significado serão gramaticalmente relevantes, e esse pode ser o caso da direção. Em outras palavras, a *direção especificada* ou *não especificada* não impactaria na representação lexical dos verbos de movimento com trajetória, uma vez que não seria uma propriedade gramaticalmente relevante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou o comportamento sintático-semântico dos verbos de trajetória que não lexicalizam direção do PB. A questão de pesquisa que direcionou este trabalho foi: *verbos de movimento com trajetória que não especificam a direção do movimento são predicadores que se diferenciam da classe dos verbos de movimento com trajetória que possuem direção do movimento lexicalmente determinada?* A partir das discussões realizadas, podemos afirmar que a resposta para essa pergunta é positiva, pois os verbos de movimento com trajetória que não lexicalizam direção (verbos do tipo de *atravessar*) possuem características que os distinguem dos verbos de movimento com trajetória e direção determinada (verbos do tipo de *subir*). Um exemplo se refere à lexicalização de direção, confirmada com a aplicação do teste de adjunção, que evidenciou que os *verbos do tipo de atravessar* parecem ser utilizados em contextos em que o foco recai sobre o deslocamento, e não sobre a direção do movimento.

Nossa investigação desenvolveu-se, seguindo objetivos específicos, sendo que o primeiro era delimitar os verbos que pertencem à classe dos Verbos de Movimento com Trajetória [+Trajetória, -Direção] do PB. Os verbos que compõem a classe foram coletados do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010), seguindo critérios morfológicos e semânticos, como classificação verbal e identificação de raiz de movimento com trajetória, descritos na seção 1.2. Posteriormente à coleta, determinamos a **classe geral** dos verbos de movimento com trajetória do PB, que é composta pela totalidade de 432 verbos, isto é, todos os verbos de movimento com trajetória, independente de direção especificada ou não (cf. seção 3.2). A delimitação da subclasse dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção adveio do refinamento dos dados, que classificou 71 verbos como pertencentes à subclasse, conforme apresentado na seção 3.3, isso porque são verbos que codificam movimento por uma trajetória, mas não determinam a direção do movimento. Os verbos considerados como verbos de movimento com trajetória que apresentam direção determinada lexicalmente estão disponibilizados no apêndice A deste trabalho.

O segundo objetivo específico foi analisar o estatuto da adjunção em sentenças com verbos que pertencem aos Verbos de Movimento com Trajetória [+Trajetória, -Direção] e seu valor para a estrutura argumental desses verbos. Para tanto, no capítulo 3, especificamos as diferenças entre os componentes semânticos de *movimento*, *deslocamento*, *trajetória* e *direção* afim de determinar nossa posição acerca de tais conceitos, além de defini-los. Também, apresentamos, em 3.3, a subclasse dos verbos de movimento com trajetória que não

lexicalizam direção. Posteriormente, passamos à verificação dos elementos semânticos lexicalizados por *verbos do tipo de atravessar*, dos quais analisamos 9 verbos, e os agrupamos por similaridade de comportamento semântico. Após isso, aplicamos o **teste de adjunção**, que se mostrou um recurso capaz de determinar o valor da composição com um sintagma direcional para esses predicadores.

Com a aplicação de adjuntos direcionais, na seção 3.5, evidenciamos, ao compararmos os verbos do tipo de *atravessar* com os verbos do tipo de *subir*, que ambos os grupos de predicadores expressam regularidades entre si. Enquanto os verbos do tipo de *atravessar* podem ser combinados com sintagmas direcionais independente da direção expressa pelo sintagma (sem gerar contradição ou redundância de sentido), os verbos do tipo de *subir* não necessitam combinar-se com sintagmas direcionais para especificação da direção do movimento pois a raiz lexical desses verbos determina a direção do movimento. Nesse sentido, o teste de adjunção mostrou que os verbos do tipo de *atravessar* dependem de composição com sintagmas direcionais para especificação da direção do movimento, o que não ocorre com verbos do tipo de *subir*, pois esses apresentam uma especificação semântica delimitada. Assim sendo, tem-se como resultado que a estrutura semântica de ambos os tipos de verbos é diferente no que se refere à especificação da direção, e que o contexto em que são utilizados parece ser distinto no que se refere ao foco que a direção do movimento recebe.

O terceiro objetivo foi investigar se o comportamento gramatical dos verbos que pertencem à classe dos VMD [+Trajetória, -Direção] permite que esse subgrupo seja descrito pelas mesmas regras de representação lexical que os demais integrantes da classe verbal. Para atender a esse propósito, no capítulo 4, discorremos sobre a decomposição do significado lexical em predicados primitivos e sobre a característica bipartida do significado lexical, destacando que a parte do significado gramaticalmente relevante para a representação lexical é a estrutura semântica dos predicados.

A partir das discussões e análises realizadas ao longo do capítulo 4, defendemos a inclusão de uma posição na representação lexical proposta por Rappaport-Hovav e Levin (2010), que codifique um *lugar resultante*, <RESULT-PLACE>, no que se refere aos *verbos de movimento com trajetória*. Essa inclusão tornaria a representação mais adequada, possibilitando a diferenciação entre o *tipo de resultado* mapeado pela raiz verbal, visto que os verbos de trajetória estão incluídos em uma estrutura que expressa os resultados de *mudança de estado e mudança de localização espacial*.

Sobre os verbos do tipo de *atravessar*, especificamente, na seção 4.3.1, declaramos que esses verbos podem ser descritos pelas mesmas regras de representação lexical que os

verbos do tipo de *subir*, pois a informação gramaticalmente relevante mapeada pela estrutura lexical é a de *lugar resultante*. Essa generalização é possível porque, como vimos, a *direção especificada* ou *inespecificada* não é um componente gramaticalmente relevante, ou seja, não determina o comportamento linguístico da classe verbal, mas o que determina o comportamento linguístico é o componente semântico *trajetória* mapeando um verbo de resultado. Assim, os verbos do tipo *atravessar*, bem como os verbos do tipo de *subir*, que lexicalizam *movimento com deslocamento ao longo de uma trajetória*, ou seja, lexicalizam *ir de um ponto x para um ponto y*, e exprimem um *lugar resultante*, podem, portanto, ser descritos pela mesma regra.

A partir desses apontamentos, concluímos que a classe dos verbos de movimento com trajetória é composta por verbos que estão relacionados por uma **estrutura semântica geral**, ou seja, por uma estrutura semântica em comum, que é o significado de *deslocamento por uma trajetória* com um *lugar resultante*. Conforme apontamos, o componente semântico *direção* não é gramaticalmente relevante, contudo, é um elemento semântico muito significativo, pois revela uma considerável heterogeneidade entre os membros da classe dos verbos de movimento com trajetória do PB, conforme sistematização realizada no Quadro 6. O componente semântico de direção demonstra que verbos pertencentes a uma mesma classe apresentam semelhanças, mas também podem apresentar diferenças significativas entre si.

Todas as etapas acima mencionadas atenderam ao objetivo geral do trabalho que era descrever o comportamento gramatical dos verbos de movimento com trajetória que não especificam direção do movimento do PB. A partir da delimitação da classe verbal pudemos encontrar um número bastante expressivo de verbos de movimento com trajetória do PB, e ainda, delimitar a subclasse e analisar o comportamento sintático-semântico de uma parte de seus integrantes. Já o teste de adjunção nos possibilitou determinar que a composição de um sintagma direcional, combinado em sentenças com verbos do tipo de *atravessar*, contribui para especificar o sentido de deslocamento por trajetória expresso pelo verbo. E ainda, a análise do significado lexical, através da decomposição em primitivos semânticos, verificou que os verbos de trajetória do PB estão relacionados por uma estrutura semântica comum, e que a direção não é um componente gramaticalmente relevante.

A hipótese assumida nesse trabalho foi a de que *apesar de não especificarem a direção do movimento, os verbos do tipo de atravessar não se distinguiriam dos demais integrantes da classe em termos de comportamento gramatical, apenas necessitariam de informações linguísticas adicionais, advindas por co-composicionalidade na sentença (por meio de adjunção), para especificação de seu significado lexical*. Consideramos, pois, que a

hipótese foi comprovada, visto que é possível formalizar uma generalização no que se refere à representação lexical dos verbos de trajetória, incluindo os verbos que não possuem direção lexicalmente marcada, pois, mesmo que a direção não seja determinada no item lexical, o item lexical mapeia informações de movimento direcionado - o elemento semântico trajetória codifica a informação de deslocamento de um ponto x para um ponto y. Nesse sentido, os verbos do tipo de *atravessar*, ainda assim, apresentam comportamento gramatical equivalente aos verbos do tipo de *subir*, e apenas se diferenciam quanto à direção do movimento, mas podem, como vimos no capítulo 3, pela combinação de um adjunto na sentença, especificar a direção do movimento sem ocasionar redundância ou contradição de sentido.

Posto isso, destacamos alguns aspectos que consideramos como contribuições importantes, resultantes do desenvolvimento dessa pesquisa. Em primeiro lugar, o caráter qualitativo e quantitativo da pesquisa - a delimitação da classe e análise de uma parte dos dados. A delimitação da classe verbal nos mostrou que há um número expressivo de verbos de trajetória no PB, mesmo a subclasse dos verbos do tipo de *atravessar* representando somente 16, 45% do total. Acreditamos que essa quantificação, bem como a disponibilização desses dados, pode servir de suporte para outras pesquisas. O teste de adjunção que propomos também se mostrou um recurso bastante efetivo para a análise da especificação de direção dos verbos de movimento com trajetória, pois atestou diferenças entre pelo menos dois tipos de verbos que expressam movimento por uma trajetória, verbos do tipo de *subir* e verbos do tipo de *atravessar*. Outro ponto significativo foi que a classe dos verbos de movimento com *trajetória* mostrou-se consideravelmente heterogênea, pois esses verbos lexicalizam a direção de formas distintas, conforme visto no capítulo 4. Essa é uma observação importante, pois vimos que há estudos que trazem a classe dos verbos de movimento como heterogênea, já que é tradicionalmente dividida em verbos de *modo de movimento* e *movimento com trajetória*, e, nosso estudo, de outro modo, identificou que a classe de verbos de movimento com trajetória também é heterogênea quanto à lexicalização do componente semântico de direção.

Ao finalizar esse trabalho, apontamos, ainda, algumas pesquisas que acreditamos que podem ser realizadas. Um ponto que deixamos em aberto nesta dissertação é a questão do aspecto lexical dos verbos de movimento com trajetória, esse seria um tema a ser investigado. Também, seria necessária a realização de uma comparação mais sistemática desses mesmos verbos, em outras línguas, como o Inglês e o Espanhol, que possibilitasse a verificação e reaplicação dos testes propostos. Esse tipo de trabalho, de descrição linguística comparativa, poderia levar a generalizações mais consistentes e trazer contribuições mais expressivas para o conhecimento acerca do funcionamento lexical e gramatical dos verbos de movimento com

trajetória, em especial para o desenvolvimento das pesquisas em Semântica Lexical e em Semântica Cognitiva.

REFERÊNCIAS

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. **Lexicalization and Language Change**. New York: Cambridge University Press, 2005.

CAMBRUSSI, M. F. **Alternância causativa de verbos inergativos no português brasileiro**. 2009. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. Estrutura linguística e estrutura conceitual: interpretação escalar de um subevento causal. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 14, n.1, Jan.- mar. /2017, p. 1735-1748, 2017.

CAMBRUSSI, M.F.; POLL, T.V.H. **A verificação semântica de especificação de trajetória para verbos de movimento direcionado** – os testes de adjunção e de paráfrase. (no prelo)

CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2015.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. **Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados**. Petrópolis: Vozes, 2016.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CIAMA, A. Verbos de movimento em português: critérios semânticos de delimitação. **Studia UBB Philologia**, LXII, 4, p. 35-52, 2017. Disponível em: <http://www.diacronia.ro/ro/indexing/details/A27798/pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

CRUSE, D. A. **Lexical semantics**. New York: Cambridge University Press, 1986.

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS. Projeto Dicio. **Dicionário de Sinônimos Online**. Resp. Empresa 7Graus. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/sobre.html>>. Acesso em: 02 out. 2018.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

GEERAERTS, D. *Theories of Lexical Semantics*. New York: Oxford University Press, 2010. 341p.

GRIMSHAW, J. **Words and structure**. Stanford: CSLI, 2005.

JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Cambridge: MIT Press, 1983.

_____. **Semantic Structures**. Cambridge: The MIT Press, 1990.

_____. Semântica Lexical: uma entrevista com Ray Jackendoff. **ReVEL**, vol. 11, n. 20, 2013 [www.revel.inf.br]. Tradução de Gustavo Breunig.

LEVIN, B. **English verb classes and alternations**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. The Lexical Semantics of Verbs of Motion: The Perspective from Unaccusativity. In: ROCA, Iggy (Org.). **Thematic Structure: Its Role in Grammar**. Berlin: Foris, 1992. p. 247-269.

_____. **Unaccusativity**. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 1995.

_____. **Argument Realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PINKER, S. **Learnability and cognition**. Cambridge: MIT Press, 1989.

RAPPAPORT-HOVAV, M.; LEVIN, B. Reflections on Manner/Result Complementarity. In: RAPPAPORT-HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. (Org.). **Lexical semantics, syntax and event structure**. Nova York: Oxford University Press, 2010. p. 21-39.

SANTOS FILHO, D. G. **A expressão do modo de movimento no português brasileiro**. (Doutorado em Linguística). - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SEÑAS: **diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños** / Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de filología; tradução de Eduardo Brandão, Claudia Berliner. – 3^a. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SILVA JUNIOR, I. R. **Verbos de movimento e sua representação na estrutura léxico conceptual**. (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SINCLAIR, J. The Lexical Item. In: Edda Weigand (ed). **Contrastive Lexical Semantics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998, p. 1-24.

TALMY, L. **A Toward a Cognitive Semantics**. v.2. Cambridge: The MIT Press, 2000.

TALMY, L. **Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms**. Language typology and syntactic description, v. 3, 1985, p. 57-149.

APÊNDICE A - Verbos de movimento com trajetória que especificam a direção do movimento

No.	Verbo	Acepção	Exemplo
1	Abaixar	Passar de um lugar alto para outro baixo ou menos alto; descer.	<i>Abaixou as persianas.</i> “ <u>abaixando-me</u> , na mesa do almoço para apanhar um garfo, vi as coxas de Miriã” (Dias da Costa, <i>Canção do Beco</i> , p.17) (FERREIRA, 2010, pp.3-4)
2	Abalroar	Ir de encontro a; colidir: Chocar-se com ou contra embarcação, cais, boia, etc.):	<i>Na Idade Média, os arietes levados pelos guerreiros <u>abalroavam</u> as muralhas.</i> Aurélio. “uma pequena lancha a vapor que <u>abalroa</u> um saveiro, do qual muitos homens estão caindo ao mar” (Clarival do Prado Valadares, <i>Riscadores de Milagres</i> , p.62). (FERREIRA, 2010, p. 4)
3	Abarracar	Recolher-se em barracas.	<i>Abarracaram-se no campo para descansar.</i>
4	Abarrancar	Meter-se em barrancos.	“Nos casos de temporais e mau tempo durante a navegação a recomendação é que a pessoa procure <u>abarrancar</u> sua embarcação, fique em terra e aguarde que o tempo melhore [...]” (G1. Disponível em: < https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/capitania-fluvial-alerta-para-cuidados-na-navegacao-em-periodo-de-chuvas-e-ventanias.ghtml > Acesso em: 26/04/2018. 21:43)
5	Abater	Deixar ou fazer cair; baixar, abaixar. Derrubar, desabar, cair.	“Um dia um tufão furibundo abateu-o [ao cacto] pela raiz.” (Manuel Bandeira, <i>Estrela da Vida Inteira</i> , p.106) “Teve um triste sorriso, <u>abateu</u> na primeira cadeira, prostrada” (Carlos Malheiro Dias, <i>Os Teles de Albergaria</i> , p.193) “quantas vezes se desequilibrou, e as suas mãos se <u>abateram</u> desamparadmete sobre o solo de mato ou rocha!” (Eça de Queirós, <i>Contos</i> , pp.164-165) (FERREIRA, 2010, p.6)
6	Abeirar	Ir para a beira ou lado de; aproximar-se; acercar-se;	<i>Mal <u>abeirou</u> a casa, gritou pelos moradores.</i> (FERREIRA, 2010, p.7)
7	Abismar	Precipitar ou lançar no abismo.	“o riso que revoluteia as tormentas dos impérios, e <u>abisma</u> tronos, e espuma espadanas de lama” (Camilo Castelo Branco, <i>A Mulher Fatal</i> , p.8)

			(FERREIRA, 2010, p.10)
8	Ablegar	Mandar para longe; afastar. Exilar, desterrar.	<i>Ablegou-se da cidade para viver no campo.</i>
9	Abordar	Chegar à beira ou borda de. Chegar, encostar com o bordo (no cais, na costa, etc.).	“Mas cumpriu o objetivo de interromper as chegadas por via marítima, pois nenhum navio de migrantes <u>abordou</u> suas costas em 2015 e 2016.” (El País Brasil. Disponível em:< https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/27/internacional/1509094341_467132.html > Acesso em: 26/04/2018. 21:57)
10	Abrigar	Acolher-se (embarcação) ao abrigo de porto, cabo, ilha ou costa; refugiar-se.	“Em meio a rajadas de 70 km/h, barco <u>se abriga</u> em enseada da Lagoa dos Patos” (Gaúcha ZH. Disponível em:< https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/10/em-meio-a-rajadas-de-70-km-h-barco-se-abriga-em-enseada-da-lagoa-dos-patos-3927371.html > Acesso em: 26/04/2018. 22:06)
11	Acamar	Pender ou cair, quase ficando, ou ficando, ao nível do solo; abater-se, acamar-se:	<i>As espigas <u>acamaram</u> com o vendaval.</i> (FERREIRA, 2010, p.25)
12	Acapelar	Submergir, afundar; soçobrar.	<i>O navio <u>acapelou</u> em alto-mar.</i>
13	Acercar	Aproximar(-se), avizinhar(-se), abeirar(-se), achegar(-se).	“Ela gostou dele, <u>acercaram-se</u> , amaram-se.” (Machado de Assis, <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> , p.203); “Com o tempo, o pobre deu mesmo para beber, e ficava sentado no botequim toda tarde, se lamuriando com os raros amigos que ainda se dignavam de <u>acercar-se</u> dele.” (Fernando Sabino, <i>O Homem Nu</i> , p.96). (FERREIRA, 2010, p.32)
14	Achatar	Cair (de barriga).	<i>Ana <u>achatou-se</u> na calçada.</i>
15	Achegar	Aproximar, avizinhar.	<i>João <u>achegou-se</u> do altar para falar com o bispo.</i>
16	Acometer	Investir contra ou sobre; Chocar-se violentamente (um veículo com outro); ir de encontro a; abalroar:	“Quando o índio, no golpe ousado, / <u>Acomete</u> a árvore anosa, / Sob o fio do machado / Flui a resina cheirosa.” (Alberto de Oliveira, <i>Poesias</i> , 2ª série, p.22). <i>O ônibus <u>acometeu</u> o caminhão, fazendo vítimas.</i> (FERREIRA, 2010, p. 42)
17	Acomodar	Retirar-se para seus cômodos ou aposentos.	“ <u>Acomodaram-se</u> no minúsculo quarto de Douglas.” (Disponível em:< https://revistasimbiose.com/fuma%C3%A7a-ff832d736954 > Acesso: 30/04/2018)

18	Acompanhar	Seguir a mesma direção de.	<i>A amurada do castelo <u>acompanha</u> o rio.</i> (FERREIRA, 2010, p. 42)
19	Aconchegar	Acercar-se, avizinhar-se, achegar:	“ <u>Aconcheguei-me</u> dela, a alma vibrante e louca, / o coração batendo” (Menotti del Picchia, <i>As Máscaras</i> , p. XXXVII). (FERREIRA, 2010, p. 43)
20	Acostar	Encostar (a embarcação) a um cais ou a outra embarcação. Aproximar-se até tocar (costa, cais, etc.) Aproximar-se da costa.	“O tempo de viagem era para ser mais curto, não fosse um rápido temporal, de meia hora, que fez com que o chefe da expedição, Rieli Franciscato, pedisse para <u>acostar</u> na margem.” (O Estadão. Disponível em:< http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,solimo-es-um-rio-mais-traicoeiro-que-o-mar,476903 > Acesso em: 27/04/2018. 09:19)
21	Acuar	Recuar. Perseguir (a caça), especialmente para forçá-la a refugiar-se na toca; entocar.	<i>A tropa fez o inimigo <u>acuar</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p.49)
22	Acumular	Juntar-se, acumulando; amontoar-se.	“Além dos transtornos para acessar suas residências, muitos moradores também passaram a reclamar de barulho durante a madrugada, dos vendedores ambulantes que se <u>acumularam</u> na região [...]” (Gazeta do Povo [online] Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/gleisi-diz-que-acampamento-pro-lula-muda-de-local-mas-nao-vai-sair-da-regiao-da-pf-9om7vaey7ixk4qtkuj1n99y7t Acesso em 23/04/2018. 20:47)
23	Adentrar	Entrar, penetrar; Internar-se, embrenhar-se:	“Milhares de homens, ... <u>se adentram</u> pela mata para extrair o leite das seringueiras.” (Tiago de Melo, <i>Mormaço na floresta</i> , p.78); “Não <u>nos adentremos</u> pelos aspectos de caráter nitidamente econômico da colonização.” (Silviano Santiago, <i>Nas Malhas da Letra</i> , p.193) (FERREIRA, 2010, p. 54)
24	Adiantar	Ir para diante, caminhar para a frente; avançar.	“O sertanejo <u>adiantou</u> alguns passos pela copa da árvore” (José de Alencar, <i>O Sertanejo</i> , p.74); <i>O pedinte <u>adiantou</u> o braço para receber a esmola.</i> “Ana <u>adiantou-se</u> para mim, e dando-me a mão apresentou rubescente a fronte pura e angélica.” (José de Alencar, <i>Lucíola</i> , p.178) (FERREIRA, 2010, p. 55)

25	Aflorar	Emergir à superfície; vir à tona:	<i>Os peixes mortos <u>afloraram</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 68)
26	Afluir	Correr para; convergir; concorrer.	<i>Vários rios <u>afluem</u> ao Amazonas.</i> (FERREIRA, 2010, p. 68)
27	Afocinhar	Cair de ventas no chão; ir de focinho ao chão; cair.	“Se eu caísse, havia de ter graça! <u>Afocinhava</u> no tijuco e era uma vez o meu terno de casimira clara.” (Ribeira Couto, <i>Baianinha e Outras Mulheres</i> , p.60) (FERREIRA, 2010, p. 68)
28	Afogar	Mergulhar, submergir; afundar-se.	“a vítima estava fazendo pesca subaquática quando se <u>afogou</u> .” (G1. Disponível em: < https://g1.globo.com/go/goias/noticia/bo-mbeiros-encontram-corpo-de-homem-que-se-afogou-em-alexania.ghtml > Acesso: 30/04/2018)
29	Afundar	Penetrar, entranhar-se, embrenhar-se: Ir ao fundo; imergir, submergir(-se), mergulhar:	“atirando-se sobre o grupo, atropelou dois negros O último <u>afundou</u> no mato espavorido.” (Coelho Neto, <i>Rei Negro</i> , p.26) “Nadava, espanando, aos gritos. De repente, duro, sem poder se mover, <u>afundando</u> , tudo a rodar em torno dele, as águas crescendo.” (Salim Miguel, <i>Alma Gente</i> , p.14) “Estás triste Paktull? Triste porque te afundaste em recordações do passado?” (Gonçalves Dias, <i>Teatro</i> , p.286). (FERREIRA, 2010, p. 71)
30	Afundir	<i>Afundar.</i>	“já sem velas, / A nau no mar ... / Vai a <u>afundir</u> , por entre a ventania” (Alberto de Oliveira, <i>Poesias</i> , 4ª série, p.23); ‘apoando a cabeça sobre as mãos, <u>afundiu-se</u> em negros pensamentos.’ (Aquilino Ribeiro, <i>Andam Faunos pelos Bosques</i> , p.150). (FERREIRA, 2010, p.71)
31	Agasalhar	Recolher-se à casa ou aos aposentos.	<i>Agasalhou-se na pousada pois já era tarde.</i>
32	Agatinhar	Subir, trepando com dificuldade.	<i>A criança agatinhou pela escada.</i>
33	Alar ³	Erguer, levantar.	“Meu ser ao céu se eleva, <u>se ala</u> , / pela cromática escala / dessa fala!” (Gilca da Costa Melo Machado, <i>Poesias</i> , p.61.) (FERREIRA, 2010, p. 88)
34	Albergar	Recolher-se em albergue ou asilo (pousada, hospedagem, etc.)	Era domingo, <u>alberguei-me</u> [o viajante], e antes de dormir, deitado, experimentava uma satisfação sem igual, pois sentia ter sido aquele, um dia inesquecível, cheio de mistérios e surpresas que tentarei decifrar e do qual também, jamais olvidarei. (Disponível em:

			< http://www.oswaldobuzzo.com.br/a/bordagem > Acesso em: 27/04/2018. 09:51)
35	Alcandorar-se	Pousar em alcandora. Guindar-se, elevar-se.	<i>O papagaio <u>alcandorou-se</u>.</i>
36	Alçar ¹	Elevar, erguer. Levantar-se, erguer-se.	“E as raparigas, do alto, orgulhosas, enamoradas, <u>alçam-se</u> na ponta dos pés, para ver, por cima das cabeças, o filho do Choco tocando a pandeireta com ademanos espanhóis” (José Vieira, <i>Sol de Portugal</i> , p. 157) (FERREIRA, 2010, p. 93)
37	Alevantar	Levantar(-se).	“E um pássaro, com as asas espalmadas, / O voo <u>alevantou</u> ” (Múcio Teixeira, <i>Brasas e Cinzas</i> , p.84); “Este povo ressurgue e novas forças, / Muito embora contrárias, <u>se alevantam</u> ” (Teixeira de Pascoais, <i>D. Carlos</i> , p.18) (FERREIRA, 2010, p. 98)
38	Alhear	Desviar, afastar, apartar. Afastar-se, apartar-se, desviar-se.	<i><u>alheou</u> a atenção por momentos.</i> (FERREIRA, 2010, p. 102)
39	Alienar	Desviar, afastar, alhear, apartar. Afastar-se, distanciar-se.	<i><u>Alienou</u> de mim a boa vontade que o ministro demonstrara.</i> (FERREIRA, 2010, p. 104)
40	Alinhar	Entrar na mesma fila, fileira ou linha; fazer alinhamento.	“Cinco planetas <u>se alinham</u> no céu por um mês” (IG. Disponível em:< http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/2016-01-20/cinco-planetas-se-alinham-no-ceu-por-um-mes-saiba-como-ver-raro-fenomeno.html > Acesso em: 30/04/2018)
41	Altanar-se	Erguer-se, elevar-se muito.	<i><u>Altanou-se</u> para pegar a caixa de cima do armário.</i>
42	Altear	Erguer, elevar:	<i>A girafa <u>alteava</u> o pescoço até alcançar os brotos de folhas;</i> (FERREIRA, 2010, p.113)
43	Aluir	Desabar, desmoronar, ruir Desmoronar-se, ruir, cair.	Uma prepotência desabusada surgira – e <u>aluíam</u> muralhas de papel.” (Graciliano Ramos, <i>Memórias do Cárcere</i> , I, p. 98.) “abateu-se a torre com grande estrépito, as quadrelas <u>aluíram-se</u> ” (Rebelo da Silva, <i>Contos e Lendas</i> , p.47) (FERREIRA, 2010, p.116)
44	Amalhar ¹	Entrar (o gado) na malhada; abrigar-se; recolher-se.	<i>O gado <u>amalhou-se</u>.</i>
45	Amalhoar	<i>Amalhar¹.</i>	<i><u>Amalhou-se</u> o gado antes do anoitecer.</i>
46	Amarar	Pousar o (hidravião) na água.	<i>O avião <u>amarou</u> no mar com segurança.</i>
47	Ameijoar	Recolher-se à ameijoada ²	<i>“Já anoitecia quando <u>ameijoaram-se</u></i>

			<i>as ovelhas.”</i>
48	Amerrissar	Pousar (aeronave) na água.	<i>O avião <u>amerrissou</u> no rio Uruguai.</i>
49	Amontanhar	Elevar-se como montanha.	<i>Durante o espetáculo os acrobatas se <u>amontanham</u>, uns sobre os outros.</i>
50	Amontar ²	Elevar-se, montar.	“Quando <u>amontei</u> o danado [cavalo] me jogou no chão, ...” (Disponível em: < http://jornalrelato.blogspot.com.br/2010/10/figuras-da-terra.html > Acesso em: 30/04/2018. 15:44)
51	Amover	Afastar; apartar; desviar.	<i><u>Amoveu-se</u> da multidão.</i>
52	Anegar	Mergulhar, submergir.	<i>O barco <u>anegou</u> quando chegava ao cais do porto.</i>
53	Apear	Descer de montaria ou viatura; apear(-se).	“A marquesa <u>apeou</u> da cadeirinha, dispensando o amparo dos padres.” (Camilo Castelo Branco, <i>Perfil do Marquês de Pombal</i> , p.16) (FERREIRA, 2010, p. 170)
54	Apegar ²	Afundar, mergulhar. Meter-se no pego, afundar-se, mergulhar, apegar.	<i>Resgataram o cavalo que <u>apegou-se</u> no lago.</i>
55	Aportar	Entrar, chegar. Chegar ao porto.	<i><u>Aportamos</u> ao Rio pela manhã; O navio <u>aportou</u> em Lisboa.</i> (FERREIRA, 2010, p. 178)
56	Apresentar	Ir à presença de alguém:	<i><u>Apresentou-se</u> ao juiz.</i> (FERREIRA, 2010, p.180)
57	Aprochegar-se	Aproximar-se, achegar-se, abeirar-se:	“Zeferino espiou, <u>aprochegou-se</u> do cavalo e andou até o paiol.” (Alaor Barbosa, <i>Picumãs</i> , p.15) (FERREIRA, 2010, p. 181)
58	Aprofundar	Introduzir-se profundamente; entranhar-se. Penetrar ou adentrar-se muito; embrenhar-se.	<i>A raiz <u>aprofundou-se</u> no solo. Sem sentir, <u>aprofundara-se</u> na mata.</i> (FERREIRA, 2010, p. 181)
59	Aproximar	Pôr-se próximo ou mais próximo; avizinhar-se, achegar-se, chegar-se, abeirar-se.	“Separei-me bruscamente de Isabelita e <u>aproximei-me</u> do caixão” (Domingos Monteiro, <i>História das Horas Vagas</i> , p.110) (FERREIRA, 2010, p. 182)
60	Aquebrantar	<i>Quebrantar.</i>	<i>O fugitivo <u>aquebrantou</u> os limites da fronteira.</i>
61	Arpuar	Na região do médio São Francisco, trepar, subir.	<i>O gato <u>arpuou</u> a árvore e não conseguiu descer.</i>
62	Arrancar	Avançar com ímpeto. Desferir voo. Afastar-se, retirar-se.	<i><u>Arrancou</u> contra o inimigo. Ninguém o faz <u>arrancar-se</u> da cama antes do meio-dia; “Quando se <u>arrancaram</u> dali, e se despediram uns dos outros, deu-se um fenômeno com que não contavam” (Machado de Assis, <i>Quincas Borba</i>, p.305). (FERREIRA, 2010, p. 205)</i>
63	Arrebitar	Levantar-se, altear-se.	<i>O besouro <u>chocou-se</u> contra a janela</i>

			<i>e caiu, mas <u>arrebitou-se</u> rapidamente e voou para longe.</i>
64	Arredar	Afastar, desviar, remover para trás; fazer recuar. Afastar-se para trás; recuar, retroceder.	“Se volta a chover, apanham-na toda, daqui ninguém <u>arreda</u> .” (José Saramago, <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i> , p.70); <i>O policial ordenou aos curiosos que <u>arredassem</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 207)
65	Arremeter	Arrojar-se, lançar-se, atacar com ímpeto ou fúria: Desistir de prosseguir no pouso em virtude de problemas na pista ou aeronave, retornando à atitude de voo:	<i>Os cães, açulados, <u>arremeteram</u> contra os bandidos.</i> <i>Frente à fera, o caçador <u>arremeteu</u> o cavalo.</i> <i>O piloto, percebendo que não seria possível pousar, <u>arremeteu</u> o avião.</i> (FERREIRA, 2010, p. 209)
66	Arribar	Regressar ao porto de partida ou entrar em outro que não seja o da escala ou de destino. Alterar a rota para aproximar-se de (terra ou outra embarcação). Subir ou chegar ao cimo de algum lugar. Sair ou ausentar-se sem licença, às ocultas, ou discretamente. Seguir em determinada direção. Mudar de pouso; migrar.	<i>O navio <u>arribou</u> a Santos para deixar um doente grave.</i> <i>O navio inimigo <u>arribou</u> sobre nós.</i> <i><u>Arribou</u> de casa a altas horas da noite.</i> <i>O carro <u>arribou</u> para a esquerda.</i> <i>As aves europeias <u>arribam</u> no inverno.</i> (FERREIRA, 2010, p. 210)
67	Arrincoar	Meter em rincão. Pôr em lugar estreito e sem saída. Acantoar-se.	<i>O ermitão <u>arrincoou-se</u> longe da cidade.</i>
68	Arrinconar	<i>Arrincoar.</i>	“Um trago ao tempo... ofertei, no interesse de saber por quê me <u>arrincone</u> i distante da cidade, sobre este solo pampeano que afago sempre que o sol desponta no horizonte.” (de Mateus Costa, <i>Um trago ao tempo</i> . Disponível em: < http://doblechapa.blogspot.com.br/2011/11/ > Acesso em: 27/04/2018. 10:42)
69	Arvorar	Elevar ou levantar perpendicularmente: Hastear, içar (bandeira, insígnia, pavilhão, etc.) Elevar-se, erguer-se.	<i>O desportista <u>arvorou</u>, com orgulho, o troféu.</i> (FERREIRA, 2010, p.216)
70	Ascender	Subir; elevar-se.	“Via-me, ao longe, <u>ascender</u> do chão das turbas, e remontar ao céu” (Machado de Assis, <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> , p.12); [...] “O Sol <u>ascende</u> vagarosamente.” (Alberto de Oliveira, <i>Poesias</i> , 1ª. Série, p.14); <i>O balão, tremeluzindo, <u>ascendeu</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 218)

71	Asilar	Abrigar-se ou albergar-se em asilo de caridade. Recolher-se a asilo.	<i>Asilou-se num lar de caridade.</i>
72	Assentar	Baixar, descer, depositando-se numa superfície qualquer.	<i>A poeira <u>assentou</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 223)
73	Assomar	Subir a lugar elevado ou extremo;	<i>Com a inundação o povo <u>assomou</u> aos montes.</i> (FERREIRA, 2010, p. 226)
74	Assurgir	<i>Surgir.</i>	<i>“O pássaro <u>assurgiu</u> com um peixe no bico.”</i>
75	Atacar	Investir reciprocamente.	<i>Os contendores <u>atacaram-se</u> com redobrada fúria.</i> (FERREIRA, 2010, p. 230)
76	Atascar	Meter-se em atoleiro.	<i>A vaca <u>atascou-se</u> no banhado.</i>
77	Aterrar ²	<i>Aterrissar.</i> Cair por terra; subverter-se, soçobrar.	<i>“O avião teve que ser desviado da sua rota para <u>aterrar</u> em Anchorage.”</i> (Mundo ao Minuto. Disponível em: < https://www.noticiasominuto.com.br/mundo/500119/aviao-da-united-airlines-e-desviado-por-cao-de-fezes-de-passageiro > Acesso em: 27/04/2018. 11:19)
78	Aterrissar	Pousar em terra (aeronave); atterrissar, aterrarr.	<i>“uma aeronave russa <u>atterrissou</u> na costa russa do mar Negro em condições muito difíceis.”</i> (Sputnik Brasil. Disponível em: < https://br.sputniknews.com/videoclub/e/201708309234071-russia-sochi-aviao-piloto-tornados-atterrisagem/ > Acesso em: 26/04/2018. 09:14)
79	Aterrizar	<i>Aterrissar.</i>	<i>“A aeronave <u>atterrizou</u> na capital federal por volta de 16h.”</i> (O Tempo. Disponível em: < http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/geddel-chega-a-bras%C3%ADlia-ap%C3%B3s-ser-presos-e-vai-ficar-na-papuda-1.1518001 > Acesso em: 27/04/2018. 11:30)
80	Atingir	Elevar-se a; subir.	<i><u>atingir</u> um alto cargo;</i> “Eleva-se acima da condição humana; / <u>Atinge</u> os confins da divindade.” (Manuel Bandeira, <i>Estrela da Vida Inteira</i> , p.224) (FERREIRA, 2010, p. 234)
81	Atolar	Meter ou enterrar em atoleiro; atascar; envasar. Meter-se em atoleiro.	<i>“Ao ver o sofrimento das tartarugas que estavam <u>atolando</u> e quase não conseguiam se mexer, um morador da região as levou de volta ao mar [...]”</i> (Gazeta do Povo. Disponível em: < http://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/tartarugas-sao-salvas-em-antonina-e-moradores-denunciam-crime-

			ambiental-9f0dphxd81fpcvgsn9nssmg4v> Acesso em: 26/04/2018. 09:32)
82	Atopetar	Chegar ao tope de.	<i>Com muita dificuldade atopetamos o monte.</i>
83	Atracar	Encostar (a embarcação, a cais ou outra embarcação). Encostar-se (a cais, etc.).	<i>O comandante atracou o navio ao cruzador.</i> <i>O navio atracou ao cais.</i> (FERREIRA, 2010, p. 237)
84	Atufar	Meter-se, internar-se; adentrar-se; embrenhar-se. Mergulhar na água.	“ei-lo [o sertanejo] em momentos transformando, cravando os acicates, rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, <u>atufando-se</u> velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.” (Euclides da Cunha, <i>Os Sertões</i> , p.116). “Nas ondas <u>se atufara</u> o sol radioso” (Gonçalves Crespo, <i>Obras Completas</i> , p.332). (FERREIRA, 2010, p. 240)
85	Avançar	Andar para a frente; adiantar-se. Ir além de (o ponto permitido e convencional); ultrapassar. Penetrar, internar-se.	<i>Avançou um passo.</i> <i>avançar sinal; avançar uma marca.</i> <i>Os bandeirantes avançaram-se pelos sertões dentro.</i> (FERREIRA, 2010, p. 249)
86	Avizinhar	Acercar-se, aproximar-se de. Chegar para perto; aproximar-se, chegar-se.	<i>Avizinhou com o menino para dar o recado.</i> (FERREIRA, 2010, p. 253)
87	Baixar	Baixar, abaixar; Descer.	<u>Baixas</u> à terra o olhar e a terra, em outras eras, / Plena gozo e amor, ora é de horrores plena.” (Emílio de Menezes, <i>Últimas Rimas</i> , p.149) <i>A vereda baixava ao vale.</i> (FERREIRA, 2010, p. 267)
88	Baldear	Passar de um lugar para outro; transferir. Passar para outro lado. Passar (passageiros) de um veículo para outro.	<i>Havia poucos cômodos, e resolveram baldear os hóspedes.</i> (FERREIRA, 2010, p. 271)
89	Balroar	<i>Abalroar.</i>	<i>O veículo balroou um poste.</i>
90	Baquear	Cair com baque, ou repentinamente. Lançar-se por terra; prostrar-se, cair.	“Mas o herói <u>baqueou</u> : golpe certo e profundo / Prostara-o num momento!” (Eugênio de Castro, <i>Obras Poéticas</i> , V, p. 156); “Fendidas pelo raio, <u>baqueavam</u> as árvores que pareciam eternas.” (Xavier Marques, <i>A Cidade Encantada</i> , p.179); (FERREIRA, 2010, p. 279)
91	Barafustar	Entrar ou meter-se com violência; embarafustar(-se).	<i>Barafustou pela casa adentro, dando encontrões.</i> (FERREIRA, 2010, p. 280)
92	Barlaventear	Avançar (o navio) para o lado de	<i>A embarcação barlaventeou pela</i>

		onde o vento sopra; seguir para barlavento. Pôr-se a barlavento de outro navio ou de alguma ilha.	<i>costa brasileira.</i>
93	Bater	Ultrapassar (marca, limite). Ir de encontro; chocar-se.	<i>Bater um recorde.</i> (FERREIRA, 2010, p.292)
94	Beiradear	Perlongar; costear; contornar.	“É um sítio bonito mesmo / <u>Beirando</u> o trem de ferro” (Mario de Andrade, <i>Poesias Completas</i> , p.141). (FERREIRA, 2010, p. 298)
95	Beiradejar	<i>Beiradear.</i>	<i>Beiradejou a lagoa no final da tarde.</i>
96	Beirar	Caminhar ou movimentar-se, à beira ou margem de. Abeirar-se, aproximar-se de.	“Ei-los que vão, <u>beirando</u> precipícios” (Venceslau Queirós, <i>Poesias Escolhidas</i> , p.85). “Vivia em companhia de sua mãe, velhinha encarquilhada, <u>beirando</u> os noventa.” (Moreira Campos, <i>Portas Fechadas</i> , p.23); “O peixe-boi está <u>beirando</u> o seu fim” (Tiago de Melo, <i>Mormaço na Floresta</i> , p.92); “Aquela cabecinha alongada e trepidante [das lagartixas], os dedinhos vertiginosos me causavam um desgosto que <u>beirava</u> o horror.” (Maria Julieta Drummond de Andrade, <i>O Valor da Vida</i> , p.89). (FERREIRA, 2010, p. 298)
97	Botocar	Saltar para fora; sair.	<i>Botocou da capoeira onde estava escondido.</i>
98	Bungar	<i>Tibungar.</i>	<i>Bungou nas águas cristalinas da lagoa.</i>
99	Buscar	Ir ter, dirigir-se para (alguma parte).	<i>Os rios <u>buscam</u> os oceanos;</i> (FERREIRA, 2010, p. 363)
100	Cair	Ir ao chão em virtude do próprio peso, por desequilíbrio, etc. Descer sobre a terra. Descer, abaixar, arraiçar. Despencar.	<i>Tanto se debruçou na janela, que <u>caiu</u>.</i> <i>Caíam chuvas torrenciais; A chuva <u>cai</u>.”</i> (Manuel Bandeira, <i>Estrela da Vida Inteira</i> , p.36). <i>O pano cai ao fim de cada ato. [...]</i> <i>Caiu do 10º andar e sobreviveu.</i> (FERREIRA, 2010, pp. 384-385)
101	Centrifugar	Desviar do centro.	<i>Os grevistas <u>centrifugaram</u> a passeata rumo ao centro.</i> (Michaelis Online. Disponível em: < http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/centrifugar/ > Acesso em: 27/04/2018)
102	Chafurdar	Afundar, mergulhar, atolar.	<i>chafurdar o pé na lama.</i> (FERREIRA, 2010, p. 476)
103	Chapuzar	Lançar na água de cabeça para baixo, de chapuz.	<i>O nadador <u>chapuzou-se</u> na piscina.</i>
104	Chocar ¹	Ir de encontro.	<i>O caminhão-tanque <u>chocou</u> no poste</i>

		Esbarrar reciprocamente; embater-se.	<i>e pegou fogo.</i> Aurélio. (FERREIRA, 2010, p. 487)
105	Chofrar	Dar de chofre; ir de encontro; chocar(-se).	“uma chalupa a baloiçar-se nas vagas que <u>chofravam</u> de encontro à fortaleza.” (Camilo Castelo Branco, <i>D. Luís de Portugal</i> , p. 16). (FERREIRA, 2010, p. 488)
106	Chorrar	<i>jorrar</i> ¹	<i>O petróleo <u>chorrou</u> no quintal.</i>
107	Ciar ¹	Remar para trás. Mover-se para trás.	<i>O barqueiro pegou o remo e <u>ciou</u>.</i>
108	Circuitar	Andar à roda de. Fazer a volta de; circundar.	“Grupos erradios <u>circuitavam</u> a vivenda, esquadrinhando, curiosos, a horta maltratada” (Euclides da Cunha, <i>Os Sertões</i> , p.481) <i><u>Circuitou</u> o muro e entrou pelo portão dos fundos.</i> (FERREIRA, 2010, p. 503)
109	Colidir	Ir de encontro, chocar-se, abalroar.	“Derrapando, o caminhão quase <u>colidira</u> com um bonde” (Malu de Ouro Preto, <i>Siri na Noite Sem Lua</i> , p.36). <i>Os veículos <u>colidiram</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 530)
110	Concentrar	Convergir, dirigir-se (para um centro).	<i>Muitos trabalhadores rurais saem do campo e <u>concentram-se</u> nas grandes cidades.</i>
111	Concorrer	Dirigir-se (para o mesmo ponto); convergir	<i>Retas que <u>concorrem</u> num determinado ponto.</i> (FERREIRA, 2010, p. 550)
112	Contornar	Fazer o contorno de; dar a volta a.	“Um córrego de águas límpidas coleia em amplas curvas sobre um leito de pedras, procura vertentes, <u>contorna</u> barrancos, rodeia outeiros, foge dos morros, cascadeia em declives pendentes.” (Eduardo Frieiro, <i>O Mameluco Boaventura</i> , p.138) Aurélio. (FERREIRA, 2010, p. 571)
113	Contornear	<i>contornar</i> :	“Atravessa quinze dias infindáveis a <u>contornear</u> a nossa costa.” (Euclides da Cunha, <i>À Margem da História</i> , p.47) (FERREIRA, 2010, p. 571)
114	Contravertter	Voltar para o lado oposto; inverter.	<i>Ana <u>contraverteu</u> o caminho para não encontrar sua ex-amiga.</i>
115	Convergir	Tender ou dirigir-se (para o mesmo ponto).	<i>Todas as ruas da cidadezinha <u>convergiam</u> para a praça.</i> (FERREIRA, 2010, p. 577)
116	Costear	Navegar chegado à praia ou seguindo a direção da costa próxima. Chegar-se, aproximar-se.	“[...] a família contornou a Patagônia (Argentina), cruzou o Oceano Pacífico adiante e foi até a Ilha da Páscoa (Polinésia Oriental), <u>costeou</u> várias ilhas da Oceania, passou pela África, subiu até Portugal e Espanha

			antes de retornar ao Brasil. (Disponível em: < https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/documentario-sobre-volta-ao-mundo-pelo-mar-da-familia-schurmann-e-exibido-no-cine-bosque.ghtml > Acesso em: 26/04/2018. 10:28)
117	Debar	<i>Dobar.</i>	<i>O cata-vento <u>debou</u>.</i>
118	Deborcar	Virar de borco; emborcar.	<i><u>deborcar uma jarra.</u> (FERREIRA, 2010, p. 640)</i>
119	Decair	Ir para baixo; baixar, abater-se. Pender.	<i>As plantas <u>decaem</u> em dias muito quentes. <u>Decai-lhe</u> às costas um belo manto. (FERREIRA, 2010, p. 641)</i>
120	Decantar	Transvazar-se, desaguar.	<i>A corrente do rio <u>decanta-se</u> no mar. (FERREIRA, 2010, p. 642)</i>
121	Decolar	Despegar-se (aeronave) da terra ou da água. Começar a sobressair; subir, ascender.	<i>“uma atriz conhecida minha não conseguia <u>decolar</u> na carreira.” (Mauro Rasi, em <i>Jornal do Brasil</i>, 14.01.1993) (FERREIRA, 2010, p. 644)</i>
122	Degringolar	Descer precipitadamente de alto a baixo; rolar, cair.	<i>O menino <u>desajeitado</u> <u>degringolou</u> da árvore.</i>
123	Deitar	Fazer ou deixar pender, inclinar, abater, abaixar. Fazer cair.	<i>O vento <u>deitava</u> o milharal. <u>Deitar</u> o sal; <u>Deitar</u> o adversário no chão; <u>deitar</u> o açúcar no café. (FERREIRA, 2010, p. 649)</i>
124	Deixar	Sair de; afastar-se, retirar-se; desviar-se de.	<i><u>deixar</u> a sala; <u>deixar</u> a estrada principal. (FERREIRA, 2010, pp. 649-650)</i>
125	Departir	Sair, apartar-se, separar-se, afastar-se.	<i>Angélica <u>departiu</u> sem dar explicações.</i>
126	Depor	Ir ao fundo; descer, depositar-se.	<i><u>Depuseram-se</u> as impurezas do líquido. (FERREIRA, p. 658)</i>
127	Derramar	Entornar; verter.	<i><u>derramar-se</u> o sangue. (FERREIRA, 2010, p. 660)</i>
128	Derribar	Lançar por terra; fazer cair; abater. Lançar-se por terra; atirar-se de cima para baixo; precipitar-se, arrojarse.	<i><u>Derribou</u> o inimigo com um murro violento. (FERREIRA, 2010, p. 661)</i>
129	Derruir	Desmoronar; derribar, ruir.	<i><u>derruir</u> um muro; <u>derruir</u> uma instituição. “O velho edifício está a <u>derruir-se</u>.” (Camilo Castelo Branco, <i>Noites de Lamego</i>, p.64) (FERREIRA, 2010, p. 661)</i>
130	Desabar	Desmoronar, ruir, cair; abater-se. Cair com força (chuva, tempestade)	<i>Os casebres <u>desabaram</u> com o vendaval; “Cedros antigos, como os do Libano, <u>desabavam</u> de pancada.” (Rebelo da Silva, <i>Contos e Lendas</i>, p.27); “Certo sábado fui visitá-la, e <u>desabou</u> um desses dilúvios cariocas, que ameaçam engolir a cidade.”</i>

			(Maria Julieta Drummond de Andrade, <i>Um buquê de Alcachofras</i> , p.49) (FERREIRA, 2010, p. 662)
131	Desabrigar	Sair do abrigo.	<i>Apesar do temporal, os filhotes se <u>desabrigaram</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 662)
132	Desaguar	Lançar as suas águas (rio). Vazar-se, despejar-se.	<i>Alguns rios <u>deságuam</u> no mar; rios que se <u>deságuam</u> no mar.</i> (FERREIRA, 2010, p. 664)
133	Desalojar	Fazer sair (do alojamento ou posto). Sair do alojamento, do posto, ou do lugar em que se encontrava.	<i><u>Desalojou</u> o menino para fazer sentar a gorda senhora; <u>Desalojou</u> o antigo funcionário para nomear outro mais dinâmico. O diretor <u>desalojou-o</u> do alto cargo.</i> (FERREIRA, 2010, p. 665)
134	Desambientar	Sair de seu ambiente.	<i>Os pássaros <u>desambientaram-se</u> por causa do desmatamento.</i>
135	Desandar	Fazer andar para trás; tresandar. Percorrer em sentido contrário. Andar para trás.	<i><u>Desandou</u> a montadura para não atropelar a criança. Sentindo-se mal, <u>desandou</u> o caminho e voltou para casa. Em face da superioridade das tropas aliadas, o exército inimigo <u>desandou</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 665)
136	Desaninhar	Fazer sair; desalojar.	<i>Só a muito custo <u>desaninhou</u> os maus inquilinos.</i> (FERREIRA, 2010, p. 666)
137	Desapear	<i>Apear.</i>	<i>“A montaria mal se encostara à cerca de limão-brabo, e o cavaleiro já <u>desapeava</u>.”</i> (FERREIRA, 2010, p. 666)
138	Desarraigar	Fazer sair:	<i>Os portugueses <u>desarraigaram</u> os árabes da Península Ibérica.</i> (FERREIRA, 2010, p. 667)
139	Desarreigar	<i>Desarraigar.</i>	<i>O rapaz <u>desarreigou-se</u> de sua terra.</i>
140	Desarvorar	Deitar abaixo, abater (o que estava arvorado).	<i>A onda arvorava-se e <u>desarvorava-se</u> furiosamente.</i>
141	Desbocar	Vazar, desaguar, desembocar.	<i>O Tocantins <u>desboca</u> no Amazonas.</i> (FERREIRA, 2010, p. 669)
142	Desbordar	Transbordar, extravasar. Ultrapassar os limites.	<i>Os recipientes <u>desbordavam</u>. A discussão <u>desbordou</u> da esfera religiosa.</i> (FERREIRA, 2010, p. 669)
143	Descair	Inclinar-se lentamente; abaixar-se. Cair, pender.	<i>O Sol vai <u>descaindo</u>. As árvores <u>descaíam</u> ao vento. Suas pálpebras <u>descaem</u>; “<u>Descaía</u>-lhe o rosto esmaecido / Sobre o mármore branco de seu peito.” (Gonçalves Crespo, <i>Obras Completas</i>, p.186). A casa <u>descaía</u> para o lado do rio.</i> (FERREIRA, 2010, p. 670)
144	Descambar	Cair, desabar, tombar. Descer.	<i><u>Descambou</u> uma tempestade. O Sol <u>descamba</u> no ocaso</i>

			<i>O veículo <u>descamba</u> para a esquerda.</i> (FERREIRA, 2010, p. 670)
145	Descarregar	Cair, incidir, tombar.	<i>A tempestade <u>descarregou</u> sobre a cidade.</i> (FERREIRA, 2010, p. 671)
146	Descarilar	Fazer sair ou desviar, dos trilhos do carril.	<i>A árvore caída <u>descarrilhou</u> o trem.</i> “Um trem de carga ... <u>descarrilhou</u> na madrugada de ontem numa zona desértica da Califórnia” (<i>Jornal do Brasil</i> , 09.01.1982) (FERREIRA, 2010, p. 671)
147	Descarrilhar	<i>Descarilar.</i>	“o major não viu a expressão do rosto, não percebeu que o espírito do homem ia talvez a <u>descarrilhar</u> ” (Machado de Assis, <i>Quincas Borba</i> , p.335) (FERREIRA, 2010, p. 671)
148	Descavalgar	Descer da cavalgadura; aprear(-se).	“O coronel Flores que, a cavalo, lhe tomara a frente, <u>descavalgou</u> , então, a fim de pessoalmente ordenar a linha de fogo.” (Euclides da Cunha, <i>Os Sertões</i> , capítulo I) (FERREIRA, 2010, 672)
149	Descer	Percorrer do alto para baixo. Desmontar, descavalgar, aprear. Sair ou vir de lugar elevado.	“Agora ele <u>desce</u> as escadas com rapidez, não teve paciência para esperar o elevador.” (Hilda Hilst, <i>Ficções</i> , p.292.); “ <u>Desci</u> montanhas e galguei encostas” (Francisca Júlia, <i>Esfinges</i> , p.110); <i>descer do morro.</i> (FERREIRA, 2010, p. 672)
150	Descurvar	<i>Desencurvar.</i>	“Arabela <u>descurvou-se</u> de cima do livro.” (Disponível em:< https://fanfiction.com.br/historia/756291/Espion_Noir/capitulo/5/ > Acesso em: 01/05/2018. 12:10)
151	Desembarcar	Sair de uma embarcação, ou de outro meio de transporte; saltar em terra.	<i>Os passageiros <u>desembarcam</u> na estação rodoviária.</i> (FERREIRA, 2010, p. 677)
152	Desembocar	Transpor, saindo, a embocadura de rio, canal, rua, etc.; sair de um lugar relativamente estreito para outro mais largo; abocar:	<i>Numerosos rios <u>desembocam</u> no São Francisco; Saiu da Avenida Rio Branco, <u>desembocando</u> na Praça Mauá.</i> (FERREIRA, 2010, p. 667)
153	Desemboscar	Fazer sair do bosque ou da emboscada.	<i>À noite os animais <u>desemboscam</u> à procura comida.</i>
154	Desencadear	Cair com força (chuva); romper com ímpeto (tempestade, etc.).	“No dia seguinte, <u>desencadeou-se</u> uma violenta tempestade, colocando em sério perigo aquela gigantesca embarcação com todas as vidas que ali se encontravam.” (Disponível em:< http://radio93.com.br/eraumavez/a-quem-orar/ > Acesso em: 30/04/2018. 16:37)
155	Desencruzar	<i>Descruzar.</i>	<i>Desencruzou-se do caminho.</i>
156	Desferir	Levantar, erguer, altear.	<i>Desferir voo.</i> (FERREIRA, 2010, p.

			685)
157	Desgalgar	Lançar por declive abaixo. Precipitar-se por declive. Despenhar.	“O mestre e as equipagens <u>desgalgaram-se</u> aos trancos, pelo escuro, sofrendo as rabanadas do sul que os açoitava de frente.” (Xavier Marques, <i>Jana e Joel</i> , p.18) (FERREIRA, 2010, p. 686)
158	Desinternar	Fazer sair do interior.	<u>Desinternou-se do quarto depois de três dias.</u>
159	Deslanchar	Ir para a frente, ter andamento.	<i>A transação estava emperrada, mas enfim <u>deslançou.</u></i> (FERREIRA, 2010, p. 689)
160	Desmantelar	Vir abaixo; desmoronar-se, ruir.	<i>A parede <u>desmantelou-se</u> com as chuvas.</i> (FERREIRA, 2010, p. 691)
161	Desmontar	Descer da cavalgadura; apear(-se), descavalgar.	<i>Quando <u>desmontou</u>, o inimigo considerou ganha a batalha.</i> (FERREIRA, 2010, p. 692)
162	Desmoronar	Vir abaixo; desabar.	<i>A ventania <u>desmoronou</u> o velho casarão; A inflação <u>desmoronou</u> seus planos de riqueza.</i> (FERREIRA, p. 692)
163	Despençar	Cair desastradamente de grande altura.	<i><u>Despencou</u> do coqueiro; Subiu ao topo da escada e, distraído, <u>despencou.</u></i> (FERREIRA, 2010, p. 695)
164	Despenhar	Cair do alto.	“Sinto que vou <u>despenhar-me</u> num grande abismo ouriçado de cardos e piteiras” (Eugênio de Castro, <i>Obras Poéticas</i> , II, p.163). (FERREIRA, 2010, p. 696)
165	Despongar	Saltar, ou descer de carro em movimento.	“Um dia, para me aparecer diante das coleguinhas, fui <u>despongar</u> do ônibus antes que ele parasse totalmente na porta do colégio, escorreguei e ralei-me todo.” (Disponível em: < http://salvadoremovimento.atarde.uol.com.br/?m=20100621&paged=2 > Acesso em: 01/05/2018)
166	Desraigar	<i>Desarraigar.</i>	<i>O homem se <u>desraigou</u> da igreja por ser indecente.</i>
167	Desraizar	<i>Desarraigar.</i>	<i>Os agricultores se <u>desraizaram</u> de suas terras.</i>
168	Desterrar	Expatriar-se, emigrar:	<i>Escapou à morte <u>desterrando-se.</u></i> (FERREIRA, 2010, p. 700)
169	Destorcer	Virar ou voltar para o lado oposto. Dar voltas em sentido contrário a outras.	“Pois foi assim que o Badu aproveitou para ajustar a cilha, e estava só prestando atenção no jeito de se <u>destorcer</u> de algum coice...” (João Guimarães Rosa, <i>O Burrinho Pedrês</i> , f.28)
170	Destrepar	Descer de lugar aonde se havia	<i>Subiu à mangueira, mas logo depois</i>

		trepado.	<i>destrepou.</i> <i>Destrepou da árvore, com receio de cair.</i> (FERREIRA, 2010, p. 701)
171	Diruir	<i>Derruir.</i>	<i>A velha ponte de madeira diruiu.</i>
172	Dobar	Cair dando voltas; rodopiar.	<i>As folhas dobaram com a ventania.</i>
173	Dropar	Descer (rua, ladeira, rampa, corrimão, degraus, etc.) com esquite.	“Essa foi a primeira vez que Pedro [skatista] <u>dropou</u> da parte maior da Megarampa (27m) e demonstrou muita segurança.” (Disponível em: < http://cemporcentoskate.uol.com.br/fi/ksperto.php?id=4767 > Acesso em: 29/04/2018)
174	Elevar	Erguer-se, alçar-se.	“Chega o homem ao grau definitivo de superioridade quando pode <u>elevantar-se</u> acima da sua própria fê.” (Pontes de Miranda, <i>Obras Literárias</i> , p. 45) (FERREIRA, 2010, p. 765)
175	Embarafustar	Entrar de tropel, desordenadamente, ou com ímpeto; barafustar.	“O carro <u>embarafusta</u> pelo tráfego, costura, buzina” (Chico Buarque, <i>Benjamin</i> , p.130); <i>Embarafustaram-se pelo quarto sem pedir licença.</i> (FERREIRA, 2010, p. 768)
176	Embarcar	Entrar (em embarcação, trem, avião, etc.) para viajar. Entrar numa embarcação para seguir viagem; embarcar-se.	“O motorista deu ré e eu <u>embarquei</u> no carro na metade da quadra.” Disponível em: < http://www.activa.cnt.br/assessoria-condominial/noticia.cfm?codigo=4988 > Acesso em: 16/10/2018.
177	Embarrancar	Ir de encontro a um barranco.	<i>O carro desgovernado embarrancou.</i>
178	Embarrar ²	Ir de encontro a; topar, esbarrar. Bater contra algo.	<i>O pássaro confuso embarrrou-se na vidraça.</i>
179	Embater	Encontrar-se; chocar-se.	<i>As vagas embatiam na praia.</i> (FERREIRA, 2010, p. 769)
180	Embetesgar	Encantoar-se, encurrular-se.	<i>Acabamos nos embetesgando numa rua sem saída.</i>
181	Embilocar	Barafustar; meter-se.	<i>O tatu embilocou-se na toca.</i>
182	Embocar	Entrar na foz de (um rio). Fazer entrar por (abertura estreita); Entrar, abocar Introduzir-se; entrar.	<i>Apesar da distância, consegui embocar a bola na cesta.</i> “ <u>Embocou</u> pela porta da rua, saindo pela dos fundos, a fim de alcançar o portão.” (Adalberon Cavalcanti Lins, <i>Curral Novo</i> , p. 247) (FERREIRA, 2010, p. 770)
183	Embolar ¹	Cair rolando como uma bola.	<i>O porco desajeitado embolou pela rua.</i>
184	Emborcar	Cair de borco. Virar de borco. Cair no chão; levar um tombo.	<i>O avião caiu e emborcou.</i> (FERREIRA, 2010, p. 771)
185	Embrenhar	Meter-se, internar-se (nos matos, nas brenhas).	“Simplicio e Olavo <u>embrenharam-se</u> na catanga.” (Adalberon Cavalcanti Lins, <i>Curral Novo</i> , p.95) (FERREIRA, 2010, p. 772)
186	Emburacar	Meter-se em buraco.	<i>A capivara assustada emburacou-se.</i>
187	Emergir	Sair de onde estava mergulhado.	<i>Com a baixa da maré, os rochedos</i>

		Elevar-se como se saísse das ondas.	<i>emergiram; A lua <u>emergia</u> no horizonte.</i> (FERREIRA, 2010, p. 773)
188	Emigrar	Deixar um país para ir estabelecer-se em outro. Mudar anualmente de terra (certos animais). Sair (da pátria) para residir em outro país.	<i>Os ciganos <u>emigram</u> constantemente; As andorinhas <u>emigram</u>; Bem cedo <u>emigrou</u> da França, fixando-se no Brasil.</i> (FERREIRA, 2010, p. 774)
189	Empoçar	Cair em poça; atolar-se.	<i>O motoqueiro <u>empoçou-se</u> no lamaçal.</i>
190	Empoleirar	Elevar-se, alcandorar-se.	“Parar <u>empoleirarem-se</u> nos galhos, fios ou marquises, os pássaros realizam duas manobras. Na primeira, o animal plana até uma posição apropriada em relação ao local de pouso. Na segunda, empina o corpo e desacelera rapidamente.” (Disponível em: < https://veja.abril.com.br/ciencia/robo-voador-consegue-empoleirar-se-como-os-passaros/ > Acesso em: 29/04/2018. 19:41)
191	Encabritar-se	Alçar-se, empinar-se (como cabrito). Subir, trepar, marinhar.	<i>As crianças <u>brincavam felizes, encabritando-se</u> pelas montanhas.</i>
192	Encantoar	Pôr-se a um canto.	“ <u>Encantoei-me</u> lá [atrás da porta] como uma vassoura, rente às dobradiças.” (Disponível em: < http://josedocarmo.blogspot.com.br/2013/05/minha-cura.html > Acesso em: 29/04/2018. 20:10)
193	Encapelar ²	Levantar, erguer, encrespar (o mar, as ondas, etc.).	“Na primeira noite da viagem, quando dormia, o mar se <u>encapelou</u> e quase afunda a embarcação.” (Gustavo Barroso, <i>O avarento João de Velós</i> . Disponível em: < http://eixodoleitorcrateus.blogspot.com.br/2015/09/o-avarento-joao-de-velos.html > Acesso em: 29/04/2018)
194	Encharcar	Meter-se em charco ou atoleiro; atolar-se, atascar-se.	<i>O cavalo <u>encharcou-se</u> no pântano.</i>
195	Encontrar	Ir de encontro a; topar, chocar-se com; encontrar-se com.	<i>Na carreira precipitada, <u>encontrou</u> um obstáculo e <u>feriu-se</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 787)
196	Enfiar	Entrar por. Entrar, meter-se, enfiar-se.	<i><u>Enfiou</u> a porta sem fazer-se anunciar.</i> “disse ao cocheiro que esperasse, e rápido <u>enfiou</u> pelo corredor, e subiu a escada.” (Machado de Assis, <i>Várias Histórias</i> , p.14) (FERREIRA, 2010, p. 793)
197	Engolfar	Penetrar, meter-se em, entranhar-se. Mergulhar(-se), embeber-se.	<i><u>Engolfou-se</u> na neblina; “O vale de pedra, nu de árvores, <u>engolfa-se</u> na noite, ameaçador.”</i> (Cornélio Pena,

			<i>Fronteira, p.7); engolfar-se na devassidão. (FERREIRA, 2010, p. 796)</i>
198	Engrimpar-se	Subir às grimpas; encarapitar-se, elevar-se.	<i>Os alpinistas engrimparam-se.</i>
199	Engrimpinar-se	<i>Engrimpar-se.</i>	<i>As crianças engrimpinaram-se à pedra.</i>
200	Engrimponar-se	<i>Engrimpar-se.</i>	<i>O menino engrimponava-se nas árvores.</i>
201	Enlurar	Meter(-se) em lura; encovar(-se), entocar(-se).	<i>O coelho assustado enlurou-se.</i>
202	Entaliscar	Meter-se em talisca.	<i>A lagartixa entaliscou-se para fugir dos predadores.</i>
203	Entranhar	Penetrar; embrenhar-se; avançar.	<i>Os bandeirantes entranharam-se nos sertões adentro. (FERREIRA, 2010, p. 807)</i>
204	Entrar	Passar de fora para dentro; ir ou vir para dentro.	<i>Tarde da noite, entrou, pé ante pé; Pode entrar: a casa é sua; A parede era de cimento: o prego não entrava; O rio Negro banha Manaus, e logo abaixo, entra no Amazonas; Entraram solenemente as portas da cidade. (FERREIRA, 2010, p. 807)</i>
205	Entremear	Estar ou meter-se de permeio, intermediar.	<i>“... ao ver as mulheres, o cão se entremeou nas pernas delas...” (Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/10/03/interna_gerais,456078/homem-e-presos-por-tortura-estupro-e-carcere-contra-mulher-e-amante-em-patos-de-minas.shtml> Acesso em: 01/05/2018)</i>
206	Entremeter	Meter-se de permeio; introduzir-se.	<i>“Sem me olhar uma última vez, virou-se e se entremeteu na multidão, ...” (Disponível em: <http://the-darkdreams.blogspot.com.br/2015/03/jurupari-conto-de-franciorlysviana.html> Acesso em: 01/05/2018. 17:45)</i>
207	Entrepor	<i>Interpor.</i>	<i>“Amava-a sempre que o passado se entrepunha entre nós” (João Gaspar Simões, A Unha Quebrada, p.61). (FERREIRA, 2010, p. 809)</i>
208	Entressachar	Entremeter-se, entremear-se.	<i>“Desse prefácio, como a generalidade se entressacha na teia espiritual das relações entre ele [Eça de Queirós] e Camilo, recortamos as passagens essenciais.” (Aquilino Ribeiro, Camões, Camilo, Eça e Alguns mais, p.195.) (FERREIRA, 2010, p. 807)</i>
209	Esbarrar	Ir de encontro; topar, embarrar.	<i>Entrando às pressas, esbarrrou nos que saíam. (FERREIRA, 2010, p. 826)</i>

210	Esbarrocar	Cair, formando barroca; desmoronar-se; despenhar-se; esbarrondar-se.	<i>O morro <u>esbarrocou</u> em um dia chuvoso.</i>
211	Esbarrondar	Romper, desmoronar, esboroar. Desmoronar-se; esboroar-se. Precipitar-se; cair.	“na hora da missa, um bloco de barro <u>esbarrondava-se</u> em plena nave, espavorindo o povo” (Coelho Neto, <i>Treva</i> , p.57) (FERREIRA, 2010, p. 826)
212	Esboroar	Derribar, desmoronar, esbarrondar. Esbarrondar-se, desmoronar-se.	“Pelos salões vazios, cujo estuque, lagarteadado de fendas, <u>esboroa</u> à força de goteiras, paira o bafio da morte.” (Monteiro Lobato, <i>Urupês, Outros Contos e Coisas</i> , p.137); “Olhei: o Calpe <u>esboroa-se</u> ao redor de mim, e os rochedos sobre que eu estava assentado vacilavam nos seus fundamentos.” (Alexandre Herculano, <i>Eurico, O Presbítero</i> , p.53); “A pátria entrou no período da decomposição de que só se pode salvá-la a República. – O Império <u>esboroa-se.</u> ” (Antônio da Silva Jardim, <i>Propaganda Republicana</i> , p. 252) (FERREIRA, 2010, p. 827)
213	Esborrachar	Estatelar-se no chão; cair.	“ <i>Nadja se <u>esborrachou</u> no chão!!! Ainda em que não se machucou!!!</i> (Disponível em: < https://twitter.com/TitaHolmes/status/1057818754925711361 > Acesso em: 24/11/2018. 14:51.
214	Esborrallar	Desmoronar, derribar, derrubar. Desmoronar-se; abater(-se), aluir(-se), ruir.	<i>As paredes do prédio estão se <u>esborralhando.</u></i>
215	Escalar	Assaltar, subindo por escadas. Subir a (algum lugar) usando escadas; trepar a.	<i>Os trabalhadores <u>escalaram</u> a parede do edifício.</i>
216	Escalonar	Subir por degraus ou etapas; escalar.	<i>Os alpinistas <u>escalonaram</u> o paredão de pedras.</i>
217	Escarrapachar	Cair de bruços; estatelar-se.	<i>A criança tropeçou e <u>escarrapachou</u> no chão.</i> (FERREIRA, 2010, p. 833)
218	Escorrer	Descair, pender.	<i>O manto <u>escorre-lhe</u> dos ombros.</i> (FERREIRA, 2010, p. 837)
219	Esgarrar	Desviar do caminho; transviar. Desviar-se da rota; transviar-se.	<i>O navio <u>esgarrou</u> em meio a tempestade.</i>
220	Espanadar	Jorrar ou rebentar em espadanas, sair em borbotões.	<i>O sangue <u>espanadava</u> de suas veias.</i>
221	Esparramar	Estatelar-se, esparramar-se, escarrapachar-se, desparramar-se. Cair do cavalo.	<i>Maria descia a ladeira quando <u>esparramou-se.</u></i>
222	Esparrar-se	Cair redondamente; estatelar-se, esparramar-se.	<i>João <u>esparrou-se</u> nos trilhos do trem.</i>
223	Espipar	Sair de jato; jorrar, repuxar. Estatelar-se, romper-se.	<i>A água <u>espipava</u> pelas torneiras.</i>
224	Espirrar	Esguichar, jorrar.	<i>O sangue <u>espirrou</u> fortemente.</i>

		Sair súbita e inesperadamente de um esconderijo ou de um aperto de multidão.	(FERREIRA, 2010, p. 856)
225	Estabacar-se	Cair no chão com todo o peso do corpo; escarrapachar-se, estatelar-se.	“Pouco à frente, um homem que pedalava sua bicicleta se <u>estabacou</u> enquanto andava em linha reta, sem ninguém por perto.” (ND online Disponível em: < https://ndonline.com.br/florianopolis/esportes/na-sexta-feira-13-ze-do-caixao-exorciza-ano-de-terror-do-corinthians > Acesso em: 24/04/2018, 21:55)
226	Estatelar	Estender-se ao comprido, por efeito de queda; cair de chapa.	“Verga-se-lhe uma perna, verga-se-lhe a outra, e <u>estatela-se</u> no lajedo.” (José Cardoso Pires, <i>O Delfim</i> , p. 291) (FERREIRA, 2010, p. 868)
227	Estorcer	Mudar de direção.	<i>A embarcação <u>estorceu</u>.</i>
228	Esvarar	Entrar sem pedir licença.	<i>O menino <u>esvarou</u> pela porta na ânsia de encontrá-la.</i>
229	Evacuar	Sair de, deixando livre, vazio. Sair (de uma praça de guerra) por haver capitulado; Sair espontaneamente.	<i>Com o alarme, toda a plateia <u>evacuou</u> o cinema.</i> (FERREIRA, 2010, p. 892)
230	Evolar-se	Elevar-se voando, ou como que voando.	“Da mesma igreja alvadia / <u>Evolam-se</u> as badaladas / E a reza da Ave-Maria.” (Vicente de Carvalho, <i>Poemas e Canções</i> , p. 213.) (FERREIRA, 2010, p. 893)
231	Exilar	Condenar-se a exílio voluntário; expatriar-se.	<i>O governo <u>exilou</u> diversos adversários.</i> (FERREIRA, 2010, p. 898)
232	Exorbitar	Sair fora da órbita.	<i>Os planetas nunca <u>exorbitaram</u>.</i>
233	Expatriar	Ir para o exílio. Ir residir em país estrangeiro.	“O tempo passou e quando finalmente decidi me <u>expatriar</u> , vim com tudo...” (Disponível em: < https://projetodraft.com/kit-de-sobrevivencia-do-expatriado-nao-saia-do-brasil-sem-ele/ > Acesso em: 30/04/2018)
234	Exsurgir	Erguer-se, levantar-se.	“E é uma ressurreição! O corpo se levanta: / Nos olhos, já sem luz, a vida <u>exsurge</u> e canta!” (Olavo Bilac, <i>Poesias</i> , p. 269.) (FERREIRA, 2010, p. 903)
235	Extrapassar		<i>O veículo <u>extrapassou</u> a fronteira.</i>
236	Extravasas	Sair dos canais naturais; extravasar(-se). Sair fora dos limites, do espaço de; transbordar; extravasar(-se). Sair do álveo (o rio); extravasar-se.	<i>O sangue <u>extravasava</u> das veias. Escrevia sem cessar, e as palavras <u>extravasavam</u> das linhas, em desordem.</i> (FERREIRA, 2010, p. 905)
237	Exular	Ir viver no exílio, fora da pátria; expatriar-se.	<i><u>Exulou-se</u> de sua pátria quando completou vinte anos.</i>

238	Ferrar	Investir, arremessar-se.	<i>Ferraram gregos com troianos.</i> (FERREIRA, 2010, p. 934)
239	Filtrar	Introduzir-se pouco a pouco; infiltrar-se.	<i>Noções de lealdade filtraram em seu coração.</i> (FERREIRA, 2010, p. 946)
240	Foragir-se	Expatriar-se, emigrar.	“Após o homicídio, o suspeito <u>foragiu</u> do município.” (Cenário MT. Disponível em: < https://www.cenariomt.com.br/2018/03/10/homicida-que-estava-foragido-ha-19-anos-por-crime-em-mt-e-preso-em-goias/ > Acesso em: 01/05/2018)
241	Fundear	Tocar no fundo; ir ao fundo.	“Ah...o vapor navio foi diminuindo a marcha...devagar...devagar. Solta suas pesadas âncoras. <u>Fundeu</u> e firmou à outra margem da cidade de Porto Velho..” (Tudo Rondônia. Disponível em: < http://www.tudorondonia.com/noticias/e-o-iphan-silencia-a-historia-curvada,6160.shtml > Acesso: 01/05/2018)
242	Furar	Penetrar em, introduzir-se por, romper. Irromper, sair.	“só gostava de andar à volta com rapazes e molequinhos, <u>furando</u> matagais, correndo pelas várzeas” (Visconde de Taunay, <i>Ao Entardecer</i> , .34); “Minha intenção talvez fosse correr mundo, <u>furar</u> o sertão de Goiás.” (Oto Lara Resende, <i>O Braço Direito</i> , p.5); <i>Magro e maltrapilho, os ossos furavam-lhe pelas vestes.</i> (FERREIRA, 2010, p. 997)
243	Galgar	Saltar por cima de; transpor. Passar além de. Subir; trepar.	“foi beirando o muro do cemitério até o ponto em que pôde <u>galgá-lo</u> e saltou à rua” (Mario de Alencar, <i>Contos e Impressões</i> , p.118) O auto rompeu outra vez na estrada, <u>galgou</u> um serro adiante, estacando em face do hospital da empresa.” (Herman Lima, <i>Garimpos</i> , p.16); <i>Galgou depressa os degraus. O cavalo galgava por cima dos riachos.</i> (FERREIRA, p. 1006)
244	Grimpar ¹	Elevar-se ou subir a; trepar; galgar.	“ <u>Grimpou</u> a serra, ganhou o chapadão, alcançou a estrada real.” (Nélson de Faria, <i>Bazé</i> , p.117); “Saio para uma voltinha, bufo um bocadinho ao <u>grimpar</u> certas ladeiras”. (Marques Rebelo, <i>Correio Europeu</i> , p.209) “ <u>Grimpou até o alto do muro e saltou para o outro lado.</u> ” (FERREIRA, 2010, p. 1055)

245	Guindar	Levantar, elevar, içar. Erguer a uma posição elevada. Elevar-se, alçar-se.	<i>Guindou os sacos de café a três metros de altura, para depô-los no navio.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1055)
246	Hastear	Erguer alto. Erguer-se alto; içar-se.	“o tamanduá passeava gravemente <u>hasteando</u> o longo penacho de sua cauda à guisa da bandeira.” (José de Alencar, <i>O Sertanejo</i> , p.213) (FERREIRA, 2010, p. 1074)
247	Içar	Erguer(-se), alçar(-se), levantar(-se).	<i>içar velas</i> ; “Apenas o vapor começou a enfrentar o Feliz, este <u>içou</u> a bandeira brasileira, saudando-o.” (Virgílio Várzea, <i>Nas Ondas</i> , p. 150); “Luís Bernardo içou-se para cima da árvore” (Miguel Sousa Tavares, <i>Equador</i> , p.502) (FERREIRA, 2010, p. 1115)
248	Imergir	Entrar, penetrar; adentrar(-se), introduzir(-se).	O animal <u>immergiu</u> na floresta. (FERREIRA, 2010, p. 1127)
249	Imigrar	Entrar (num país estrangeiro) para nele viver.	“Ele <u>imigrou</u> para a Inglaterra com a família ainda criança.” (Disponível em: < https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/critica/noticia/2018/03/mcmafia-sotaque-russo-em-boa-serie-de-mafia-familiar.html > Acesso em: 29/04/2018)
250	Impregnar	Infiltrar-se em, penetrar. Penetrar, repassar, imbuir.	“A fumaça do incenso invadiu a capela-mor, espalhou-se pela nave, <u>impregnou</u> a igreja.” (Otto Lara Resende, <i>Boca do Inferno</i> , p.22); “O cheiro a mosto <u>impregnava</u> o ar” (Domingos Monteiro, <i>História das Horas Vagas</i> , p.139); As flores <u>impregnavam</u> o ambiente de um aroma adocicado; “Os meus olhos, de tanto a olharem [à estátua], / <u>Impregnaram</u> -na da minha humanidade irônica de tísico.” (Manuel Bandeira, <i>Estrela da Vida Inteira</i> , p.95) (FERREIRA, 2010, p. 1133)
251	Infiltrar	Penetrar como em filtro; introduzir-se pelos interstícios de: Fazer penetrar; introduzir. Penetrar através de.	<i>A água da chuva <u>infiltrava-se</u> no paredão.</i> <i><u>Infiltrou</u> o querosene na estante infestada de cupins.</i> “A luz crepuscular / Infiltra-nos na alma dolorida / Um misticismo heroico e salutar.” (Guerra Junqueiro, <i>A velhice do Padre Eterno</i> , p.161) (FERREIRA, 2010, p. 1156)
252	Ingressar	Fazer ingresso; entrar.	“O costume de <u>ingressar</u> em irmandades era mais que centenário, dos tempos dos vice-reis” (Miécio

			Tati, <i>O Mundo de Machado de Assis</i> , p.171) (FERREIRA, 2010, p. 1160)
253	Insurgir	Sair, emergir, surgir.	<i>Seu vulto insurgia das trevas.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1169)
254	Intermeter	Meter de permeio, entremear, entremeter.	<i>Intermeteu-se na multidão e desapareceu.</i>
255	Interpor	Colocar(-se) entre.	<i>Abriu a porta e interpôs metade do corpo; Interpôs a razão entre o amor e a paixão.</i> (FERREIRA, p. 1175)
256	Introduzir	Fazer-se receber ou admitir; entrar, penetrar.	<i>Paulo introduziu-se na multidão.</i>
257	Intrometer	Fazer entrar; introduzir; intercalar, intermeter, entremeter, entressachar.	“O convidado por Thiago foi o capitão Sebastien Flochon. Ele se <u>intrometeu</u> entre os jogadores do PSG e ergueu a taça.” Disponível em: https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/esportes/futebol/noticia/2018/05/08/thiago-silva-inova-e-chama-adversario-para-levantar-trofeu-338471.php Acesso em: 16/10/2018..
258	Invadir	Entrar à força ou hostilmente em.	<i>No século V, os bárbaros invadiram o Império Romano.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1180)
259	Investir	Atacar, acometer. Dirigir-se (a embarcação) para uma barra, porto, canal, etc., depois de avistá-los.	“O touro arremete contra ele... Uma e muitas vezes o investe cego e irado.” (Rebelo da Silva, <i>Contos e Lendas</i> , p.183); <i>Recuou, mas em breve se investiu com maior fúria.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1181)
260	Jorrar ¹	Fazer sair em jorro; lançar com ímpeto.	<i>O poço jorrou petróleo.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1214)
261	Levantar	Arvorar, hastear, içar. Altear-se, erguer-se, levantar-se. Sair da cama; levantar-se.	<i>Enormes ondas começaram a levantar;</i> “Piá continua <u>levantando</u> cedo, todos os dias, para ir à vila levar o leite.” (Guido Vilmar Sassi, <i>Piá</i> , p.94) (FERREIRA, 2010, p. 1258)
262	Levitar	Erguer-se (pessoa ou coisa) acima do solo, nas experiências mágicas, ou como que em tais experiências, sem que nada visível a sustenha ou suspenda.	“senti-me livre, sutil, incoercível, <u>levitando</u> e fugindo num voo angélico para as altas esferas” (Xavier Marques, <i>A Cidade Encantada</i> , pp.48-49); “Seu corpo cheio de música pareceu <u>levitar-se</u> , escorregar no vácuo, oscilar.” (Menotti del Picchia, <i>O Árbitro</i> , p.75) Aurélio. (FERREIRA, 2010, p. 1259)
263	Margear	Seguir pela margem de; ir ao longo ou ao(s) lado(s) de.	<i>“Margeando o rio, subiram os seis homens.”</i> (FERREIRA, 2010, p. 1341)
264	Marinhar	Trepar, subir.	“outros troncos eram encostados às muralhas, e logo chusmas de bárbaros <u>marinhavam</u> por eles”

			(Mário de Carvalho, <i>Um Deus Passeando Pela Brisa da Tarde</i> , p.213). (FERREIRA, 2010, p. 1343)
265	Mergulhar	Penetrar, engolfar-se (em líquido, em massa líquida). Entrar na água a ponto de ficar coberto por ela; imergir.	<i>Mergulharam sondas no alto-mar. Mergulhou na lagoa gelada, e logo emergiu, tiritando; “Mergulhou, voltou à tona trazendo Dunga”</i> (Lia Correia Dutra, <i>Navio sem Porto</i> , p.141) (FERREIRA, 2010, p. 1377)
266	Migrar	Mudar periodicamente, ou passar de uma região para outra, de um país para outro.	<i>Muitos europeus migraram para o Brasil; Há nordestinos que migram de suas cidades para o sul do país, em busca de trabalho; Muitas aves migram, fugindo do inverno rigoroso.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1393)
267	Montar	Subir; entrar. Tregar sobre, abrindo as pernas.	<i>O carona montou no caminhão; Montou no animal e pôs-se a galopar.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1422)
268	Naufragar	Ir a pique, soçobrar (a embarcação). Sofrer naufrágio (os tripulantes).	“Donos da lancha que naufragou não sabem quem pilotava a embarcação.” (Correio Braziliense. Disponível em: < https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/07/31/interna_cidadesdf,613776/donos-da-lancha-que-naufragou-nao-sabem-quem-pilotava-a-embarcacao.shtml > Acesso em: 27/04/2018)
269	Nordestear	Navegar para nordeste. Inclinar-se (agulha magnética) para nordeste.	<i>O barco nordesteava quando a chuva começou.</i>
270	Noroestear	Navegar para noroeste. Inclinar-se (agulha magnética) para noroeste.	<i>O transatlântico noroesteava com mil pessoas a bordo.</i>
271	Nortear	Dar a direção do norte a; dirigir para o norte.	“Não maravilha que os três magos, filhos da Caldeia sonhadora, arrancassem de seus lares remotos, <u>norteando-se</u> pela estrela surpreendente”. (Euclides da Cunha, <i>À margem da História</i> , p.315) (FERREIRA, 2010, p. 1477)
272	Penetrar	Passar para dentro de; transpor, entrar, atravessar, invadir. Passar através de; atravessar. Introduzir-se.	<i>As águas pluviais penetram o solo. A espada penetrou-lhe o peito. Penetrou entre as tropas acampadas.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1602)
273	Perlongar	Ir ao longo de; costear. Ir em sentido paralelo.	<i>A embarcação perlonga vários estados litorâneos; O viandante perlongava com o rio.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1616)
274	Permeiar	Penetrar, atravessar, traspasar, trespassar. Interpor-se.	“O interesse pelo feito excepcional do homem permeou a escuridão que se me espassara no ânimo.” (Gilberto Amado, <i>Depois da Política</i> , p.139).

			(FERREIRA, 2010, p. 1616)
275	Pinchar	Descer, ou subir, saltando; saltar, pular.	<i>Pinchou do muro; O peão <u>pinchou</u> para o lombo do potro.</i> (FERREIRA, 2010, p. 16135)
276	Poiar	Subir a lugar elevado.	<i>O animal ferido tentava <u>poiar</u>, porém caía a cada metro de aclone vencido.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1662)
277	Porejar	Sair; verter.	<i>A água <u>porejara</u> da nascente.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1679)
278	Pousar	Descer, baixar, pousando. Descer à terra (avião, helicóptero); aterrizar, aterrissar. Descer a uma superfície de água (hidravião); amerrissar.	<i>O helicóptero <u>pousou</u> na base aérea; “A mosca esvoaçou brevemente no ar, <u>pousou</u> na beira dum dos castiçais” (Érico Veríssimo, <i>Noite</i>, p. 69). <i>O avião <u>pousará</u> às 15 horas. Os pombos <u>pousaram</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1689)</i>
279	Precipitar	Atirar-se ou lançar-se de cima para baixo; abismar-se. Cair impetuosamente; despenhar-se.	<i>Acuados, os guerreiros <u>precipitaram-se</u> na ribanceira. A cachoeira <u>precipita-se</u> de grandes alturas.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1694)
280	Preterir	Ir além de; ultrapassar.	<i>Este ano os lucros <u>preteriram</u> a casa dos 10 milhões.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1706)
281	Procumbir	Cair para diante. Curvar-se até o chão; prosternar-se.	<i>Os súditos <u>procumbiam</u> diante do soberano.</i> (FERREIRA, 2010, p.1713)
282	Progredir	Caminhar para a frente; avançar.	<i>A locomotiva <u>progredia</u> a todo vapor; “As viaturas não <u>progrediram</u>: as carretas atolavam-se na lama” (Fernando Sabino, <i>O Homem Nu</i>, p.21) (FERREIRA, 2010, p. 1713)</i>
283	Prosseguir	Ir por diante; seguir avante.	<i>Mesmo com a ordem de parada dos policiais, o carro <u>prosseguiu</u>.</i>
284	Protender	Estender para diante.	<i>As mãos <u>protenderam-se</u> para receber o prêmio.</i>
285	Pular	Elevar-se do chão imprimindo ao corpo um impulso mais ou menos rápido; saltar. Levantar rapidamente.	<i><u>Pulou</u> da cama; <u>Pular</u> uma cerca, uma vala.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1737)
286	Recair	Cair outra vez.	<i>O cavalo tentou levantar-se, mas <u>recaiu</u> sem forças.</i>
287	Recolher	Retrair, encolher. Voltar, regressar, tornar. Voltar para casa; recolher-se. Ir para a cama ou para o quarto, à noite, para repousar ou dormir; deitar-se.	<i>Disse que hoje <u>recolheria</u> cedo; “<u>Recolhia-se</u> habitualmente de madrugada.” (Arthur Azevedo, <i>Contos Possíveis</i>, p.67) “Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.” (Augusto dos Anjos, <i>Eu</i>, p.13) (FERREIRA, 2010, p.1792)</i>
288	Reconcentrar	Chegar-se para o centro.	<i>As populações <u>reconcentraram-se</u>, povoando o interior.</i> (FERREIRA, 2010, p.1793)

289	Recuar	Andar para trás; retrogradar, retroceder.	“Desfazia-se em galanteios, comovida, atendendo a toda a sala, avançando, <u>recuando</u> , ... pisando ligeiramente, com as botas muito lustrosas” (Coelho Neto, <i>Turbilhão</i> , p.247) (FERREIRA, 2010, p. 1795)
290	Redescender	Tornar a descer.	<i>O pássaro <u>redescendeu</u> para capturar os insetos.</i>
291	Redundar	Transbordar; derramar.	<i>O rio <u>redundou</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1798)
292	Reentrar	Tornar a entrar. Voltar para casa; recolher-se.	“Só <u>reentraram</u> nas moradias após a Defesa Civil atestar que não havia risco.” (Disponível em: < https://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/850136/dilatacao-no-piso-causa-susto-em-conjunto-habitacional-do-caguacu > Acesso em: 30/04/2018)
293	Reerguer	Erguer(-se) outra vez; tornar a erguer(-se).	<i>O povo <u>reergueu</u> a cidade destruída pelo terremoto; Chegou à miséria, mas <u>tenacíssimo</u>, conseguiu <u>reerguer-se</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1799)
294	Refletir	Mudar de direção, voltando; retroceder, recuar.	<i>A tabela do bilhar <u>reflete</u> as bolas. A luminosidade que <u>reflete</u> do espelho fere a vista.</i> (FERREIRA, 2010, p.1801)
295	Refluir	Correr para trás, retroceder (falando-se de um líquido ou de uma extensão líquida). Voltar (para o ponto de origem).	<i>A maré <u>refluiu</u> às 10 horas; A multidão <u>refluiu</u> a seus lares; “Injetaram-lhe um líquido no abdômen e o líquido <u>refluiu</u> para a seringa” (Haroldo Maranhão, <i>As Peles Frias</i>, p.19) (FERREIRA, 2010, p. 1802)</i>
296	Regressar	Voltar, retornar (ao lugar donde se partiu).	<i>O navio <u>regressou</u> ao porto.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1806)
297	Reingressar	Ingressar de novo.	<i>Após acertar a vida, <u>reingressou</u> na Universidade.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1808)
298	Reintroduzir	Tornar a introduzir; introduzir de novo.	<i>Paulo <u>reintroduziu-se</u> na multidão.</i>
299	Relegar	Internar-se em uma colônia..	<i>Portugueses foragidos <u>relegaram-se</u> no Brasil.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1810)
300	Remergulhar	Mergulhar novamente.	<i>Os bombeiros <u>remergulharam</u> à procura do homem que se afogou.</i>
301	Remigrar	Volver ao ponto donde se emigrou; repatriar-se.	<i>Muitos patriotas <u>remigraram</u> nos últimos 10 anos.</i> (FERREIRA, 2010, p.1814)
302	Remontar	Erguer, elevar, levantar muito. Tornar a montar a cavalgadura, etc. Elevar-se muito; subir muito alto.	<i>O condor <u>remonta</u> o voo. O soldado <u>remontou</u> e partiu. Os foguetes espaciais <u>remontam-se</u>, atingindo alturas <u>incríveis</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p.1815)
303	Repatriar	Regressar à pátria.	<i>Muitos emigrantes <u>repatriam-se</u> após enriquecer.</i> (FERREIRA, 2010, p.

			1818)
304	Resilir	Voltar, retornar (ao ponto de partida):	<i>O bumerangue <u>resile</u> sempre contra o atirador.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1826)
305	Ressair	Sair novamente; tornar a sair. Ressaltar, avultar, distinguir-se; sobressair.	<i>Uma ligeira elevação <u>ressai</u> da planície.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1829)
306	Ressurtir	Saltar com força para o ar; erguer-se impetuosamente.	“Às vezes, <u>ressurtia</u> ao ar uma fâisca” (Alcides Maia, <i>Tapera</i> , p.31) (FERREIRA, 2010, p. 1830)
307	Restituir	Voltar, retornar.	<i>O marinheiro sempre <u>se restitui</u> aos mares.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1831)
308	Retornar	Voltar (para o ponto de onde partiu); regressar.	“Ele disse que sonha retornar à Africa, inclusive quer ser sepultado lá.” Disponível em: < https://www.carlosbritto.com/dom-paulo-cardoso-revela-desejo-em-retornar-a-africa-e-pretende-viver-seus-ultimos-dias-promovendo-aco-es-sociais-e-evangelizando/ > Acesso em: 30/04/2018)
309	Retrair	Fazer voltar para trás; retirar, recuar, retrogradar. Esconder-se, encolher-se, contrair-se.	<i>O general mandou <u>retrair</u> as tropas; “o sujeito avançava para o meio da roda ...empinando e <u>retraindo</u> a barriga” (Herman Lima, <i>Garimpos</i>, p.22); <i>A pobre criança <u>retraiu-se</u> de medo;</i> (FERREIRA, 2010, p. 1835)</i>
310	Retroceder	Voltar para trás; recuar, retrogradar.	<i>A bravura daqueles soldados obrigou o exército inimigo a <u>retroceder</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1836)
311	Retrogradar	Andar para trás; recuar, retroceder.	“Aos primeiros sopros trêmulos da gaita, a quadrilha rompeu, abalando soalho, onde os corpos adiantavam-se e <u>retrogradavam</u> , com mesuras e entrelaçamentos rápidos.” (Virgílio Várzea, <i>Mares e Campos</i> , p.61) (FERREIRA, 2010, p. 1837)
312	Retrosseguir	Retroceder, retrogradar.	<i>Prevendo o perigo o homem <u>retrosseguiu</u>.</i>
313	Retrotrair	Retroceder, recuar, retrogradar.	<i>O exército <u>retrotraiu</u> até cruzar as fronteiras.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1837)
314	Retroverter	Fazer voltar para trás; recuar, retraindo, retrogradar.	<i>O coronel <u>retroverteu</u> o batalhão.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1837)
315	Reverter	Voltar (ao ponto de partida); regressar, retroceder.	<i><u>reverter</u> às considerações iniciais para provar uma asserção.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1839)
316	Revir ¹	Vir de novo; voltar, regressar.	“Era Pedro Satanás? As perguntas <u>revinham</u> , sempre de mais profundo, ora uma, ora duas.” (José Vieira, <i>Vida e Aventura de Pedro Malasarte</i> , p.99) (FERREIRA, 2010, p. 1840)

317	Revirar	Tornar a virar; voltar ao avesso. Voltar em direção oposta à que se seguia, retornar. Voltar-se, tornar. Virar novamente ou muitas vezes.	<i>Os viajantes <u>reviraram</u> a rota.</i> <i>As desgraças <u>reviraram</u> sobre o povo.</i> Penso, repenso, <u>reviro-me</u> na cama” (Geraldo França de Lima, <i>Branca Bela</i> , p.69) (FERREIRA, 2010, p. 1840)
318	Reviravoltar	Andas às reviravoltas.	<i>A borboleta <u>reviravolteava</u> no ar.</i>
319	Revoltar	Voltar do outro lado: revirar. Voltar de novo; regressar, retornar.	<i>O navio <u>revoltou</u> ao porto.</i> (FERREIRA, 2010, p.1841)
320	Rodar ¹	Cair, rolando. Cair para a frente (o cavalo ou o cavaleiro).	<i><u>Rodou</u> a neve dos montes, destruindo muitas casas.</i> (FERREIRA, 2010, pp. 1851-1852)
321	Roletar ²	Ultrapassar (sinal fechado), em cruzamento, sem reduzir a velocidade e sem sinalizar.	“ <i>um cara <u>roletou</u> a rua e bateu de frente com a carro da minha madrinha, e ele faleceu</i> ”. Disponível em: < https://twitter.com/yoonohgirl/status/1058744653242163203 > Acesso em: 24/11/2018. 15:20
322	Ruir	Cair com ímpeto e depressa; desmoronar-se, despenhar-se; desabar.	<i>O edifício condenado <u>ruiu</u>; “Cai a floresta, majestosa e triste, / Sob as foices do tempo; os monumentos / <u>Ruem</u> do invernos aos pavorosos ventos”</i> (Luís Guimarães, <i>Sonetos e Rimas</i> , p.20) (FERREIRA, 2010, p. 1865)
323	Sair	Passar (do interior para o exterior); ir ou passar para fora.	<i>Todos <u>sairam</u> de casa; “<u>saiu</u> ao terreiro”</i> (Coelho Neto, <i>Treva</i> , p.321) (FERREIRA, 2010, p.1876)
324	Saltar	Descer ou apelar-se de um salto. Mudar repentinamente de direção (o vento). Galgar, dando salto(s). Atravessar, pulando. Entrar, pulando.	<i><u>Saltou</u> e pediu que desarreassem o cavalo; <u>Saltei</u> do trem; <u>saltar</u> um rio; <u>Saltou</u> para o barco.</i> (FERREIRA, 2010, p.1880)
325	Seguir	Ir atrás de. Ir ao longo de. Tomar certa direção.	<i>Meu automóvel <u>seguiu</u> o caminhão durante um longo trajeto.</i> <i>O cão <u>seguiu</u> a caça até alcançá-la.</i> <i><u>Siga</u> o rio, e chegará ao mar.</i> <i><u>Seguiu</u> pela esquerda.</i> (FERREIRA, 2010,, p. 1906)
326	Sobrenadar	Nadar à superfície.	<i>O pato <u>sobrenada</u> o rio tranquilamente.</i>
327	Sobressaltar	Passar além de; transpor.	<i><u>Sobressaltar</u> obstáculos.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1950)
328	Soçobrar	Afundar-se, naufragar; subverter-se, submergir(-se).	“Mulheres e homens se seguravam às cordas, agarravam-se às bordas do saveiro, o vento zunia, a pequena embarcação ameaçava <u>soçobrar</u> a cada momento.” (Ramalho Ortigão, <i>A Holanda</i> , p.290) (FERREIRA, 2010, p. 1953)
329	Soerguer	Erguer um pouco; solevar,	“ <u>fincou</u> os cotovelos na cama,

		solevantar. Levantar-se por um pouco. Erguer-se a custo.	conseguindo apenas <u>soerguer</u> a cabeça, que logo descaiu, pesada.” (Coelho Neto, <i>Turbilhão</i> , p.116). “Desperta num sobressalto, <u>soergue-se</u> , olha em torno, atordoado, procurando orientar-se.” (Érico Veríssimo, <i>Noite</i> , p.167). (FERREIRA, 2010, p. 1954)
330	Solevantar	Levantar um pouco; soerguer, solevar. Levantar a pouca distância. Erguer com dificuldade, a custo ou gradualmente. Erguer-se um pouco, a custo ou gradualmente.	<i>Logo após a cirurgia <u>solevantou-se</u> com dificuldade.</i>
331	Solevar	Solevantar, soerguer. Erguer-se, levantar-se.	“ <u>solevando</u> e abaixando o lençol fino com o arfar cadenciado do seio, ela tinha uma expressão de tranquilidade que me pareceu insolente.” (José Régio, <i>Histórias de Mulheres</i> , p.266) (FERREIRA, 2010, p.1957)
332	Sorrabar	Andar atrás ou no encalço de.	<i><u>Sorrabava</u> as meninas como uma sombra.</i>
333	Subir	Transportar-se ou elevar-se a lugar mais alto; ir para cima.	<i>O elevador <u>subiu</u>. O balão <u>subia</u> lentamente; Mal o peão <u>subiu</u>, a cavalgada disparou; <u>Subiu</u> na escada e caiu; <u>Subiu</u> a ladeira;</i> “Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe a Vilela.” (Machado de Assis, <i>Várias Histórias</i> , p.19); “Para chamar a Ventura / <u>subi-me</u> a um alto rochedo!” (Antônio Correia d’Oliveira, <i>A Minha Terra</i> , III, p. 29); (FERREIRA, 2010, p.1971)
334	Submergir	Ir ao fundo; afundar. Embrenhar-se; internar-se, adentrar-se.	“De longe e especialmente do lugar onde estava o capitão-mor, o que se viu foi o cavalo <u>submergir-se</u> na folhagem.” (José de Alencar, <i>O Sertanejo</i> , p. 238) (FERREIRA, 2010, p. 1972)
335	Subverter	Afundar-se nas águas; submergir-se.	<i>A tempestade <u>subverteu</u> a embarcação.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1976)
336	Sucumbir	Cair sob o peso de; abater-se, vergar-se, dobrar-se.	<i>Os fracos <u>sucumbem</u> às adversidades.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1976)
337	Surdir	Emergir, irromper. Ir adiante, navegando. Emergir, sair.	<i>O mergulhador <u>surdiu</u> depois de alguns minutos.</i>
338	Surgir	Vir do fundo para a superfície; emergir. Erguer-se, elevar-se, levantar-se.	<i>Após alguns dias do naufrágio os restos do navio <u>surgiram</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 1987)

339	Surucar	Desabar, ruir; afundar.	“O barco onde estava o pessoal da pescaria <u>surucou</u> após bater contra uma pedra.” (Disponível em: < https://noticiador.com.br/barco-suruca-em-alto-mar-e-galera-se-da-mal-em-barra-velha/ > Acesso em: 30/04/2018)
340	Tergiversar	Voltar as costas.	“A ema, uma vez surpreendida no caminho, não <u>tergiversa</u> , galopa à frente, com velocidade superior à do automóvel.” (Xavier Marques, <i>Terras Mortas</i> , p.177) (FERREIRA, 2010, p. 2028)
341	Tibungar	Mergulhar, afundar-se.	“...brincou carnaval <u>tibungando</u> nas águas do São Francisco.” Disponível em: < http://www.blogjanoarruda.blogspot.com.br/2017/03/moradores-desertania-brincam-o.html > Acesso em: 30/04/2018)
342	Tomar	Entrar em veículo e nele seguir viagem.	“às três e quarenta, por aí assim, <u>tomava</u> o bonde”. (Lima Barreto, <i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> , p.27) (FERREIRA, 2010, p. 2053)
343	Topetar	Alçar-se, elevar-se.	<i>A árvore, altíssima, parecia <u>topetar</u> as nuvens.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2055)
344	Tornar	Voltar, regressar. Volver ao ponto de partida.	<i>O trem <u>tornou</u> de Paris; Já estava no meio do caminho quando, <u>tornou</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2058)
345	Trabucar	Virar ou emborcar (uma embarcação).	<i>O navio <u>trabucou</u>.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2063)
346	Transbordar	Sair fora das bordas de.	O molho <u>transbordava</u> a travessa. (FERREIRA, 2010, p. 2068)
347	Transudar	Introduzir-se, penetrar, vencendo obstáculo.	<i>Os raios de sol <u>transudavam</u> a vidraça, iluminando o ambiente.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2073)
348	Transvazar	Verter, transudar.	<i><u>transvazar</u> a lata de água.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2073)
349	Trasbordar	Trasbordar:	Desabando das crespas ribanceiras, / Inda barrentas correm as levadas; / <u>Trasbordam</u> , espumantes, as ribeiras; / Das campinas refogem as manadas!” (Bulhão Pato, <i>Livro do Monte</i> , p.109) (FERREIRA, 2010, p. 2076)
350	Trasvoltar	Voltar-se para trás. Voltar-se de lado ou de través.	<i>Ana <u>trasvolteou-se</u> ao ouvir a voz de Marcelo.</i>
351	Trepas	Ir para cima de; subir.	<i><u>Trepou</u> a uma jaqueira.</i> (FERREIRA, 2010, p. 2080)
352	Tresandar	Fazer andar para trás.	<i>Com a ordem do policial, os curiosos <u>tresandaram</u>.</i>
353	Verter	Fazer sair com ímpeto, jorrar.	“Os poços <u>vertendo</u> água é um sinal de que os lençóis freáticos são

			substanciais.” (Alagoas 24 horas. Disponível em: < http://www.alagoas24horas.com.br/1063406/fpi-sao-francisco-alerta-para-risco-de-abastecimento-de-agua-em-cidades-agreste-alagoano/ > Acesso em: 30/04/2018)
354	Vir	Dirigir-se (para perto da pessoa que fala ou daquela de quem se fala); chegar-se.	“O professor <u>veio</u> à escola; <u>Amedrontado, veio-se para o meu lado.</u> ” (FERREIRA, 2010, p.2163)
355	Virar	Inverter a posição ou a direção de. Volver, voltar.	“O barco <u>virou</u> , mas ninguém se machucou.” (G1. Disponível em: < https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/embarcacao-tomba-apos-colidir-em-tronco-de-madeira-no-rio-solimoes-no-am.ghtml > Acesso em: 30/04/2018)
356	Viravoltar	Dar viravolta, viravoltar.	<i>A borboleta <u>viravoltou</u> no ar.</i>
357	Viravoltar	Viravoltar.	<i>A bailarina <u>viravoltava-se</u> no palco.</i>
358	Voltar	Regressar, retornar; mudar de direção.	“Jovem desaparecido se arrepende e <u>volta</u> para casa” (Disponível em: < https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2018/04/cidades/1104639-jovem-desaparecido-se-arrepende-e-volta-para-casa.html > Acesso em: 30/04/2018)
359	Voltear	Andar a volta de; contornar.	<i><u>Volteávamos</u> a lagoa todos os dias.</i>
360	Voltejar	Voltejar.	<i><u>Voltejamos</u> a arena procurando a entrada.</i>
361	Volver	Voltar, retornar; mudar de direção.	<i>O menino <u>volveu-se</u> para a mãe.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2019)